

teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 2 - Número 07 - Agosto de 1996

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Meceni** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil
Analy Alvarez
Efrén Colombani
Luiz Amorim
Vera Nunes
Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 1 - número 07 - Agosto de 1996

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Wagner Penedo Priante

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua da Consolação, 2333, 9º andar, São Paulo - SP
CEP 01301-980; Tel.: (011) 258-7445 Fax.: 259-9495

EDITORIAL

Assim como o Fênix, a **Teatro da Juventude** renasceu das cinzas em agosto de 1994 e, com esta edição, está completando um ano de renascimento*. Bem-vinda nesta nova fase, como o foi na anterior, a revista tem sido aplaudida por todos, por aqueles que já a conheciam e por quem a está conhecendo. Atingindo seu objetivo de estimular o fazer teatral e, conseqüentemente desenvolver a criatividade das crianças e dos jovens, a revista vem atuando também como material de apoio aos professores e grupos de teatro amador (veja seção "Cartas"). Neste número, nas seções *Como Fazer*, e na *Glossário*, abordamos o tema *Figurino*, cuja qualidade pode enaltecer ou desvalorizar um espetáculo. Quem assina a *Como Fazer* é *Fábio Namatame* que, neste ano, mereceu todos os prêmios de figurinista pelo seu trabalho na peça *O Livro de Jó*; a *Glossário*, como sempre, é assinada pelo mestre *Milton Andrade*. Na seção *Livros*, trazemos *A arte da Representação Teatral*, um compêndio de *Stella Adler*, ex-professora de *Marlon Brando*. Os textos das peças, escolhidos cuidadosamente, também são premiados. Para as crianças menores, os deliciosos *E as bruxas foram à Lua*, de *Roberto Rocha Coelho* e *O palhaço do Planeta Verde*, de *Hilton Have*. Aos maiores de 9 anos, trazemos *Parlapatões, Patifes e Paspalhões*, de *Hugo Possolo*, autor que atualmente dirige o Grupo *Parlapatões, Patifes e Paspalhões* que apresentou-se no FIAAC - 60. Festival Internacional de Artes Cênicas, realizado em São Paulo em agosto e setembro. Ideal para adolescentes e grupos amadores, duas comédias do século passado: *Quem casa quer casa*, escrita em 1845, por *Martins Pena* e *Maldita Parentela*, de *França Júnior*. Criador do teatro de costumes no Brasil, *Martins Pena* escreveu farsas e comédias que criticavam a sociedade burguesa da época e satirizavam as figuras representantes do poder dominante, como o padre, o policial, o político, o novo rico etc. Um dos seguidores de sua obra, *França Júnior* teve várias de suas peças censuradas e, em algumas, curiosamente, foi obrigado a mudar o título, como na *Como se faz um deputado*, para *Como se fazia*. Curiosidades à parte, queremos agradecer a todos que tem colaborado conosco, com informações, sugestões, resgatando textos clássicos e também àqueles que nos tem prestigiado pessoalmente, através de carta e telefonemas, parabenizando-nos pela revista. Esperamos poder continuar contando com esse apoio, que nos estimula a procurarmos fazer cada vez melhor.

Erné Vaz Fregni

* A revista nasceu em 1965 criada por Tatiana Belinky e, em 1972, sua publicação foi interrompida.

MONTAGEM DE TEXTO DA TEATRO DA JUVENTUDE



Sou do Grupo Caminharte de Cosmópolis. Nós nos apresentamos no "Mapa Cultural" promovido pela Secretaria do Estado da Cultura com o espetáculo "Palhaçadas", em Santa Bárbara. Na ocasião recebemos a Revista Teatro da Juventude e nos encantamos à primeira vista com o texto Soltando o Verbo, de autoria de Zecarlos de Andrade. Gostaríamos de saber da possibilidade de montá-lo a fim de apresentá-lo em teatros e escolas. Solicitamos ao autor que entre em contato conosco.

Paulo T. de C. Sbrocco - Grupo Caminharte, Cosmópolis - SP

Resp.: Seu pedido foi encaminhado ao autor, Zecarlos de Andrade.

TEATRO DA JUVENTUDE EM ESCOLAS DE TEATRO



Gostaríamos de receber a Revista Teatro da Juventude, pois somos a única Cia. Teatral da Cidade Porto Ferreira. A Escola existe há 6 anos, e temos 37 alunos em idades de 6 a 50 anos e já realizamos 12 peças teatrais

nos mais variados gêneros.

Isabel Cristina Caval Moretti -Escola Teatro Shanadu Porto Ferreira - SP



Após análises e comentários sobre diversos livros, durante uma reunião com Assistentes Pedagógicos de Educação Artística da D.E. de Itararé, o pessoal envolvido no Processo Ensino-Aprendizagem desta Unidade Escolar deseja receber a Coleção Teatro da Juventude, pois concluímos que suas peças são ricas em atividades, envolvendo todos os gêneros indispensáveis ao desenvolvimento do aluno.

Maria Iyonete Barreiro de Oliveira diretora da EEPG Jardim Santa Inês Itaberá - SP



Encaminhamos o programa dos espetáculos apresentados pelos alunos do CAC-Centro de Artes Cênicas do TUCA-Teatro da Universidade Católica, ocorrido em nov./ dez. de 95, pra a finalização dos cursos de Formação Livre do Ator, atividade que desenvolvemos no TUCA desde 1987, bem como os prospectos dos nossos cursos regulares/96, nos quais

desenvolvemos o trabalho teatral junto a crianças na faixa etária de 7 a 14 anos e adolescentes.

Trabalho desenvolvidos: Lux Intenebris, de Bertold Brecht; As faces da Lua, colagem de textos; Cenas Rodriguianas - Senhora dos Afogados, Vestido de Noiva, Dorotéia, Anjo Negro, Perdoa-me por me traíres, Álbum de Família, A Serpente, de Nelson Rodrigues; As Mulheres, de Molière.

*Gostaríamos de receber a revista **Teatro da Juventude**, pois as matérias e dicas editadas, além de muito interessantes, servirão como material de apoio e consulta para nossos professores. Agradecemos a atenção.*

Neusa Andrade - Coordenação-CAC - TUCA, São Paulo - SP

Resp.: Felizes pela revista estar atingindo seu objetivo de ser útil à educação e à cultura, já providenciamos o envio dos exemplares solicitados.

TEXTOS PARA REVISTA



*Estou encaminhando o texto anexo, de minha autoria, para apreciação e possível publicação nessa MARAVILHOSA revista **Teatro da Juventude**. Trata-se de uma esquete teatral escrita especialmente para ser apresentada em escolas. Agradeço antecipadamente a atenção que me foi dispensada.*

**Carlos C. Cavalheiro
Sorocaba - SP**

Resp.: Nós é que agradecemos. Seu texto será analisado e, caso seja aprovado, será publicado. Na ocasião, entraremos em contato.

TEATRO DE BONECOS



Gostaria de conhecer alguma coisa sobre teatro de bonecos. Existe alguma literatura a respeito?

**Lídia S. de Moraes
São Paulo - SP**

Resp.: Falamos sobre Teatro de Animação na Edição número 2, na seção Como Fazer, quando apresentamos artigos de Ana Maria Amaral (autora de livros sobre o tema) e de Ilo Krugli, o mestre no assunto. Na edição 3, na seção Livros, sugerimos a obra Como fazer Teatrinho de Bonecos, de Maria Clara Machado, na qual você encontrará tudo sobre o tema.

ESCREVA PARA CARTAS

*A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**. Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.*

Escreva para:

Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, no. 2333, 9º and.
São Paulo - SP
CEP 01301-980.
Fax.: (011) 259-9495

SUMÁRIO

Como fazer

- Figurino: a arte de vestir e revelar o espírito do personagem.....** 10
Fábio Namatame

Livros

- Técnica da Representação Teatral** 13
Stella Adler

Glossário

- O figurino no teatro** 15
Milton Andrade

Textos

6 a 9 anos (aproximadamente)

- E as bruxas foram à Lua** 21
Roberto Rocha Coelho

- O palhaço do Planeta Verde** 41
Hilton Have

Maiores de 9 anos (aproximadamente)

- Parlapatões, Patifes e Paspalhões** 63
Hugo Possolo

Maiores de 14 anos (e para amadores adultos)

- Maldita Parentela** 81
França Júnior

- Quem casa, quer casa** 97
Martins Pena

FIGURINO: A ARTE DE VESTIR E REVELAR O ESPÍRITO DO PERSONAGEM

Apresentando um estilo próprio, o figurino deve realçar as características do personagem e ser coerente com a concepção geral do espetáculo.

Fábio Namatame*

A arte de criar um figurino para uma peça teatral requer o envolvimento total do figurinista com o espetáculo. Desde a análise do texto, passando pela compreensão da concepção da direção, análise dos personagens e do cenário e até mesmo a cumplicidade com os efeitos da iluminação. Assim como um figurino primoroso enaltece o espetáculo e contribui para sua valorização, quando inadequado ele pode causar efeitos catastróficos e comprometer seu sucesso.

Para iniciar a criação de um figurino, o profissional deve considerar alguns pontos básicos:

○ TEXTO

Compreender o universo em que o autor inseriu sua história, como época, espaço geográfico (país,

região, cidade), condição econômica, política, religiosa, costumes etc. São dados importantes que poderão ser levantados e analisados através de uma minuciosa leitura e estudo do texto. Em geral, alguns destes dados são indicados explicitamente pelo autor no prefácio da obra.

A DIREÇÃO

A pessoa que irá dirigir a peça indicará o caminho que seguirá a montagem do texto, para o qual damos o nome de concepção. É muito importante que o figurinista esteja sempre muito perto do diretor para que atenda precisamente as idéias, os anseios e o rumo que ele deseja.

OS PERSONAGENS

Cada personagem deverá ser exhaustivamente analisado,

considerando-se, por exemplo: idade, grau de parentesco com outros personagens (filho, primo, pai, madrasta etc.), situação econômica (rico, pobre), características ou traços psicológicos (covarde, alegre, orgulhoso, prepotente, carinhoso, romântico). Cada dado deverá ser anotado numa tabela, pois será de grande utilidade para a criação. O figurino poderá realçar ou grifar estas características ou ainda fazer um contraponto para o ator poder, pela interpretação, realçá-las ou sobrepô-las. Atenção: é fundamental cuidar para que o figurino não prejudique ou cubra o brilho da interpretação do ator. O

figurino sempre deverá valorizar a atuação. O desenho do figurino deve conter um estilo, uma linguagem, e todos os demais significados que puderem ser colocados num primeiro momento serão sempre bem-vindos. No entanto, antes de concluir uma

idéia, o figurinista deverá filtrar, avaliar todos os pormenores, até chegar a um desenho final satisfatório a todos - diretor, ator, personagem, concepção da montagem. Atenção: o figurino deve oferecer conforto e ser prático e eficiente para a atuação, ser flexível e apresentar facilidade no vestir e despir, conforme a necessidade.

“O figurino sempre deverá valorizar a atuação, ser prático e confortável.”

CENÁRIO

O figurino tem que estar em harmonia com o cenário. Isso não significa, por exemplo, que deva ser da mesma cor. Em algum caso, isso até poderá ocorrer, se for de interesse; no entanto, o mais comum é apresentar uma cor contrastante, justamente para se poder ressaltar, destacar. É importante a análise e escolha de tecidos ou materiais que casem bem com o cenário. O estudo de texturas e brilhos são interessantes de serem feitos com a luz do espetáculo.

ILUMINAÇÃO

A luz pode alterar radicalmente a cor do figurino. Vermelho sob luz azul, por exemplo, fica roxo; alguns tipos de tecido preto tornam-se vermelhos ou marrons quando iluminados por luzes frias. A angulação da luz também causa efeitos para realçar ou chapar eventuais texturas dos tecidos. Portanto, um

entendimento com o iluminador pode evitar incidentes e contribuir para o êxito do efeito que se procura.

Para uma melhor compreensão, vamos imaginar como poderia ocorrer um processo de criação da peça *Romeu e Julieta*.

O TEXTO

Trata de duas famílias (burgos)

numa época medieval, em Verona, na Itália. Romeu, filho dos Montecchios, e Julieta, filha dos Capuletos. Os dois se conhecem num baile de máscaras, as famílias são rivais, ambos são jovens e apaixonados etc, e inúmeros outros dados que poderão ser levantados a respeito desta estória.

A DIREÇÃO

Suponhamos que o diretor resolveu ambientar esta estória nos anos 50, em Nova York. Romeu e Julieta são filhos de duas grantes e poderosas famílias de industriais que buscam um monopólio em algum setor etc.

Até aqui já temos inúmeras informações a pesquisar. Como se vestiam as ricas pessoas nova-iorquinas nos anos 50? Quais eram os estilistas, que cores predominavam, qual era o momento político? Como eram os formatos das roupas masculinas e femininas? Enfim, há inúmeros dados muito enriquecedores para a criação do figurino.

PERSONAGENS

Julieta, por exemplo, no texto original é filha única de uma família nobre, bem tratada, jovem, apaixonada. Levantar algumas perguntas como: uma rica jovem, vaidosa? Se a resposta for positiva, devemos procurar alguns modelos

de vestidos em revistas de estilistas famosos desta época (anos 50), ou imagens de pessoas com estas características nessa época. Feliz, alegre? Cores poderão transmitir esta sensação (azuis claros, rosa, branco). E assim você consegue compor um desenho, uma forma do figurino desta personagem.

Acompanhar os ensaios é fundamental para a melhor compreensão do corpo do ator em cena, e assim o figurino poderá realçar suas qualidades e movimentos. O figurino deverá ter por meta contar uma estória própria, ter sua trajetória independente, porém sempre conjugado com a concepção geral, estética, do espetáculo. A busca de um estilo é sempre interessante, porém... jamais deverá transpor as necessidades e a adequação da montagem. Enfim, o figurino deve vestir e, principalmente, revelar o espírito do personagem.

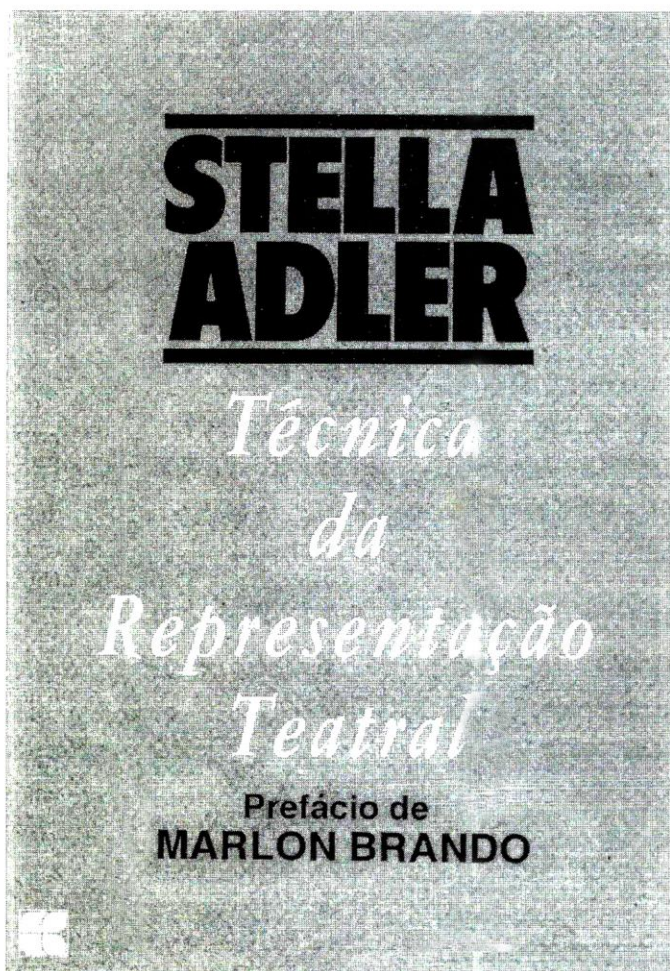
***Fábio Namatame** é figurinista, cenógrafo, maquiador e ator. Responsável pelos figurino da peça *O livro de Jó*, pelo qual recebeu os prêmios Shell, APCA, Apetesp e Mambembe, em 1996.

Entre seus últimos trabalhos, os figurinos das peças *Master Class*, com Marília Pera, e *Cenas de um Casamento*, com Tony Ramos e Regina Braga.

REPRESENTAÇÃO TEATRAL

Fascinar a platéia e tornar uma interpretação memorável exige técnicas. Ex-mestre de Marlon Brando, Stella Adler as ensina num compêndio que combina análises e exercícios.

Técnica da Representação Teatral, de Stella Adler. Editora Civilização Brasileira. 151 págs. Dirigido a atores principiantes, veteranos ávidos por reciclagem profissional e todos aqueles que se interessam pela arte de representar. A autora, grande atriz do teatro e do cinema norte-americanos, é herdeira de uma família de dramaturgos que, pode-se dizer, traçaram os rumos do teatro americano. Stella estudou diretamente com



Konstantin Stanislavsky, mestre das artes cênicas e criador do Teatro de Moscou, e, em 1949, no auge de sua carreira, inspirada nos ensinamentos do mestre,

decidiu dedicar-se exclusivamente ao ensino das artes e técnicas da representação. Stella entendia que as técnicas utilizadas até então, como sendo stanislavskyana, estavam incorretas. O tempo revelou que ela estava certa. Entre as centenas de jovens que tiveram o privilégio de serem seus alunos, muitos se tornaram famosos, destacando-se Marlon Brando que, comovido, escreveu o Prefácio do livro. Para o

ator, "se a maioria dos cineastas, em toda parte, sofreu a influência dos filmes americanos, estes, por sua vez, foram fortemente marcados pelos ensinamentos de Stella Adler".

Técnica da Representação Teatral, é um livro de leitura prazerosa que combina exercícios (60) com textos escritos de uma forma simples, prática, sistemática, direta e envolvente. Compêndio que trata desde a leitura inicial do texto de teatro, passando por todas as etapas que envolvem o preparo do personagem, até o levantar do pano.

Trechos do Livro

"Atuar é um trabalho obstinado, necessitando de atenção constante e de planejamento rigoroso. Não é algo para gênios. É para pessoas que trabalham passo a passo."

"No palco, espera-se que o ator faça mágica. Ele precisa criar um personagem que cativa as platéias noite após noite."

"Os espectadores vão aos teatros por uma única razão: para se divertir e se aprofundar na condição humana - para serem surpreendidos, para terem uma experiência artística."

"Antes vem a ação, depois

uma razão para executá-la: essa razão chama-se justificação. Encontrar razões para tudo o que você faz no palco mantém suas ações verdadeiras. A justificação, a parte criativa de seu trabalho, é o que o alimenta no teatro."

"Ponha sua própria verdade em cada adereço que usa, o que fará dele original. (...) A maneira na qual um ator personaliza seus adereços pode freqüentemente tornar um desempenho memorável.

Lembro-me da atriz que, quando assinava seu nome na prisão, derramou alguma tinta e a secou com a mão, ou a atriz que, quando mendigava por dinheiro, virou-se e estendeu sua mão trêmula. O talento de um ator está evidente em como ele escolhe, manipula e personaliza cada adereço."

"Parafrasear é tomar as idéias do autor e colocá-las nas palavras do ator, e desse modo fazer com que elas lhe pertençam. (...)

Primeiramente, a platéia deve crer em você para que possa acreditar no autor."

"O objetivo da técnica, que ora enfatizamos, é afastar o ator daquelas técnicas antiquadas ou que foram usadas com abuso em nome de Stanislavsky."

O FIGURINO NO TEATRO

Os tempos mudaram mas, na história do figurino no teatro, uma certeza: quando adequado, ele contribui para o sucesso do espetáculo

* Milton Andrade

Hoje ninguém desconhece quanto o figurino pode influir na qualidade do espetáculo. A presença de um bom profissional da área na equipe de trabalho multiplica as possibilidades de sucesso. O bom teatro carece de bons técnicos: figurinistas, aderecistas, costureiras, alfaiates, chapeleiros, sapateiros etc.

O figurino, juntamente com o cenário e a luz, situa no tempo e no espaço a encenação, determina o clima e realça detalhes psicológicos dos personagens.

Os gregos antigos, quando encenavam suas tragédias, usavam roupas previamente preparadas. No entanto, o principal objetivo do figurino era o de fornecer aos atores dimensões compatíveis com o tamanho dos teatros que, enormes, eram capazes de abrigar milhares de espectadores. Desse modo, para que parecessem muito maiores do que eram realmente, os atores usavam sapatos altos, máscaras e vestimentas amplas.

Na Idade Média, ainda não se cogitava em usar roupas especiais, mas alguns personagens, como os demônios, apareciam com máscaras. O mais convencional dos teatros, em se tratando de figurino, foi o Teatro Elizabetano, que utilizava as roupas do dia-a-dia. Era perfeitamente aceitável surgir Cleópatra na figura de um rapaz imberbe, vestido como uma jovem comum da época. Vale observar, entretanto, que os atores portavam adereços indicativos dos personagens que representavam. A coroa ou o cetro sinalizavam ao público que era o rei que estava em cena; a espada à cinta indicava um cavalheiro, e assim por diante. É curioso observar, através das ilustrações referentes àquele tempo, como os atores representavam.

No século XVIII, o figurino se manteve da mesma forma. Somente a imaginação romântica, cem anos depois, é que intuiu a necessidade de roupas especiais para os personagens no teatro. De lá para cá, sobrou imaginação. No início do nosso século, quando Edmond Rostand, o

conhecido autor de *Cyrano de Bergerac*, estreou a sua comédia *Chanteclair*, em Paris, seu texto exigiu um figurino que pode ser considerado o mais sofisticado dos realizados até hoje. Os personagens da peça eram galinhas, patos, gansos, faisões e, como protagonista, um galo.

Coube aos figurinistas idealizarem as formas das aves em figurinos cujo interior continha mecanismos que, acionados pelos atores, imitavam os movimentos das aves, como o bater das asas, por exemplo.

Enquanto isso, nas peças que se passavam no corriqueiro dia-a-dia, os atores utilizavam-se das suas próprias roupas, costume esse que durou até bem próximo dos nossos dias. Leopoldo Fróes, Ismênia dos Santos, Itala Fausto e Procópio Ferreira, por exemplo, eram obrigados a manter em dia os seus trajes para parecerem bem vestidos diante do público. Atualmente o teatro requer a presença de um profissional que desenha especialmente as roupas ou as escolhe nas lojas especializadas financiadas pela produção do espetáculo.

Quanto ao **GLOSSÁRIO** referente ao assunto, temos o seguinte:

ACESSÓRIO: complemento de figurino de determinado personagem. O mesmo que **ADEREÇO**. O acessório não deve ser confundido com objeto de cena, que o ator utiliza, mas não traz consigo, e é de responsabilidade do contra-regra.

ADERECISTA: profissional que

confecciona objetos de cena e adereços para indumentárias de teatro.

ADEREÇO: objeto de uso pessoal do ator enquanto personagem, tais como leques, jóias, óculos, armas etc.

ALFAIATE: profissional especializado na confecção de vestimentas para teatro.

AMBIENTAÇÃO: clima que resulta do conjunto da cenografia, figurinos, efeitos sonoros e luminosos, de maneira a transmitir ao espectador a dramaticidade desejada.

ARARA: estrutura dotada de barra horizontal onde são dependurados os trajes de um figurino.

CAMARIM: lugar do teatro destinado à troca de trajes dos atores e ao descanso.

COSTUREIRA: profissional especializada na confecção de trajes para teatro.

COTURNOS: calçado de solado alto, com aproximadamente 30 cm. de altura, supostamente usado pelos atores trágicos na antiga Grécia.

FIGURINISTA: profissional que idealiza e supervisiona a confecção de trajes próprios para teatro.

FIGURINO: conjunto de trajes criados para determinado espetáculo. O mesmo que guarda-roupa.

GUARDA-ROUPEIRO: pessoa que, nos teatros, cuida da conservação dos figurinos. Também **CAMAREIRO**.

LEOTARD: vestimenta de malha justa, usada para ensaios e exercícios. Seu nome deriva do seu inventor Jules Leotard, acrobata francês que viveu no séc. XIX.

MAILLOT: malha utilizada pelos bailarinos. O nome deriva de seu criador, dr. Maillot (séc. XIX).

MALHA: nome dado às roupas justas que cobrem o corpo de bailarinos, geralmente da cintura para baixo e, às vezes, o corpo inteiro. São feitas de lã, algodão, seda, nylon ou lycra.

MÁSCARA: o mais simbólico de todos os objetos da linguagem cênica. Peça do vestuário que cobre parcial ou totalmente o rosto do ator. Utilizada em toda a história do espetáculo.

PARAMENTAÇÃO: ato ou efeito de, solenemente, vestir determinado personagem em cena aberta.

PARAMENTOS: nome aplicado às vestes litúrgicas e também às vestes geralmente ricas, com as quais determinados personagens são

vestidos em cena.

PROVA: teste para verificar se os trajes confeccionados se ajustam ao corpo do ator e correspondem ao que estava previsto. O primeiro ensaio com o figurino chama-se *ENSAIO DE PROVA*.

ROTEIRO DO GUARDA-ROUPA: relação completa e detalhada de todas as indumentárias que são usadas em determinado espetáculo, contendo inclusive os momentos e as condições das trocas.

ROUPA DE CENA: roupa usada durante as representações.

TRAQUITANA (gíria): artimanhas utilizadas por aderecistas e cenógrafos em seus ofícios a fim de obterem os efeitos desejados.

* **Milton Andrade** é autor, diretor, professor de literatura, advogado e ex-diretor de escola de arte. Esta seção foi elaborada com elementos extraídos do *Dicionário da Representação*, em fase final de elaboração pelo autor do artigo.

6 a 9 anos

(aproximadamente)

E as bruxas foram à lua

Roberto Rocha Coelho

O palhaço do Planeta Verde

Hilton Hauve

E AS BRUXAS FORAM À LUA

Peça infantil em 3 atos

ROBERTO ROCHA COELHO

PERSONAGENS:

Bruxa BEBÉ: brasileira, maior de idade, vacinada.

Bruxas alcoviteiras - Xandoca e Iaiá (o protótipo das comadres que tudo fuçam e querem saber.)

Bruxo-Mor - Presidente do Sindicato das Bruxas.

Bruxa Mary - maior de idade, vacinada, Aguilandeses.

Bruxa Trunisca - maior de idade, vacinada, Ursolandesa.

Corvito - corvo brasileiro, muito esperto e oportunista.

Violeta - uma florzinha encantadora.

Cenourinhas - 3 cenourinhas graciosas.

Arbustos Chamejantes - 2 arbustos. Guardas do Palácio.

Rei dos vegetais da Lua - um abacaxi com porte de fidalgo e muita dignidade.

OBSERVAÇÕES:

As bruxas devem usar vestido comprido e blusão, cabelos caindo sobre os ombros e chapéu típico de bruxa. O rosto não leva maquiagem acentuada. Fisionomia serena e nada de gritos histéricos. Cada uma traja vestimenta de cor diferente.

A estilização dos figurinos dos habitantes da Lua fica a cargo do figurinista. Deve apenas haver certa semelhança com os abacaxis, cenouras, flores da Terra. Os Arbustos Chamejantes precisam usar uma armação sob a roupa de modo que com certo movimento as vestes se armem e apareça outra roupa por baixo, colorida em tom vermelho e, se possível, brilhante.

Nota: Se reuníssemos em uma só cena todos os personagens, eles nos proporcionariam com suas roupas uma festa de cores. Esta é minha intenção.

CENÁRIOS:

O palco é dividido em 2 planos: plano da direita e plano da esquerda. Rotunda azul cerca os 2 planos.

1º ATO

PLANO DA ESQUERDA: Armação de porta, à direita, que liga os dois planos; tabuleta sobre essa porta, onde se lê: "Laboratório de Dona Bebê". A mesma altura, esquerda, armação de outra porta que leva a aposentos. No fundo, centro, uma prateleira cheia de frascos. Do lado esquerdo, um balcão onde se vêem painéis velhos, frascos com líquidos coloridos, espiriteira e outros objetos próprios para laboratório. Um telefone estilizado.

PLANO DA DIREITA: Apenas uma árvore grande pintada em cores berrantes.

2º e 3º ATOS

PLANO DA ESQUERDA: Sala do castelo do Rei da Lua. Armação de porta à esquerda baixa; armação de janela ao lado dessa porta. Esquerda alta, escanteada e em plano um pouco mais elevado, armação de outra porta. Esta deve ser fechada com papel impermeável colorido para diferenciar da cor do fundo da rotunda. Quando for utilizada, com jogo de luz, deve apresentar colorido que dê a impressão de Espaço Interplanetário. Na sala há apenas um trono no fundo e três pequenos banquinhos colocados à direita. No batente da janela, preso, uma espécie de telescópio com fios (É o Raio-X da Terra. Ouve-se e vê-se por ele.)

PLANO DA DIREITA: Um lugar da Lua. No fundo, três montanhas. A forma e colorido ficarão por conta do cenógrafo. Outras três montanhas pequenas, que serão móveis, na frente das do fundo. Mínimo de coisas, máximo de cores.

OUTROS ACESSÓRIOS: O Rojão pode ser feito com carrinho de criança,

acomodação duas pessoas. Basta prender uma vareta grossa no rabo e revesti-lo em forma de buscapé. O Disco Voador, que aparecerá em ponto pequeno, segue o modelo dos discos apresentados em revistas.

1º ATO

(Ao abrir-se a cortina, o plano da direita está vazio. Bebê, no plano da esquerda, mistura líquidos coloridos num pequeno frasco. Mostra-se empolgada com a coloração obtida; esfrega as mãos, cantarola e continua com a experiência, despejando o líquido numa panela que se encontra sobre a espiriteira. Corvito, debruçado sobre a mesa, dorme pesadamente a ponto de dar uns roncos assustadores. Em dado momento, quando o Bebê despeja um líquido preto dentro da panela, dá-se uma explosão. Ela pula e grita horrorizada, enquanto Corvito despenca da cadeira.)

CORVITO (num ar assustado): O que foi, madame?

BEBÉ (fora de si): Eu... Eu... Oh! Isto me deixa louca.

CORVITO: Que mistura foi essa?

BEBÉ: A de sempre, apenas pra variar pus este líquido preto.

CORVITO (examinando): Hum! E o que é? (Cheira o vidro.)

BEBÉ (a meio tom): Petróleo.

CORVITO: Pretóleo?!

BEBÉ: Psiu. Não esparrame, Corvito, mas consegui esse vidrinho numa refinaria.

CORVITO: Deixe eles saberem que a senhora gasta petróleo pra uso particular.

BEBÉ: Uma droga. (Desanimada.) Qual! O melhor é desistir. Não descubro

mistura nenhuma especial. Blefe, blefe e blefe (Num acesso nervoso, passa o braço sobre a mesa derrubando alguns vidros.) Não agüento mais. Estou farta.

CORVITO: Calma, madame.

BEBÉ (andando de um lado para outro): Calma?! Há quanto tempo venho tentando e não descubro nada diferente? É uma humilhação.

CORVITO (com eloqüência): "A paciência é a arma dos sábios", já dizia meu avô urubu.

BEBÉ (Inconformada): Essa história de transformar gato em lebre, elefante em formiga, borboleta em sapo, já está carne de vaca. Ninguém dá confiança. As bruxas andam em decadência, Corvito.

CORVITO: Não fique nervosa. A senhora ainda terá uma grande chance.

BEBÉ (senta-se desanimada): Eu?! (Suspira.) Antigamente quando saía por aí, montada em minha vassoura, dando gritinhos nervosos, todo mundo se assustava. Agora?! Só falam em satélite artificial, disco voador, cápsula não sei de quê.

CORVITO: O jeito é uma bruxaria assim como se diz: Aéreo-Dinâmica.

BEBÉ: Não entendi.

CORVITO: Aéreo quer dizer "no ar", dinâmico quer dizer "movimento, forças". Em suma: "Uma coisa moderna pro ar".

BEBÉ: Bobagem. Ando com uma crise de imaginação medonha. Estou até pensando em falar com o Sindicato das Bruxas do Laboratório para que me dê a aposentadoria.

CORVITO: Tenha um pouco mais de paciência. Pensemos numa feitiçaria de classe.

BEBÉ: Mas qual?

CORVITO: Algo que a torne famosa no

mundo inteiro. Talvez... uma viagem ao redor da Terra.

BEBÉ: A colega Trunisca já fez isso.

CORVITO: Já?!

BEBÉ: E a Mary também. Aquelas duas vivem de ponta; uma faz, a outra corre e vai fazer.

CORVITO: Como estou mal informado, mas também não tenho tempo de ler jornais.

BEBÉ (suspira): Não adianta.

CORVITO: Espere. E a Lua?

BEBÉ: O que tem?

CORVITO: Ninguém foi, não é?

BEBÉ: Por enquanto não. Parece que a Trunisca andou jogando qualquer coisa lá.

CORVITO: Jogar não vale, o importante é ir.

BEBÉ: Mas de que jeito? Minha vassoura não voa mais do que 1.000 metros.

CORVITO: Nada de vassoura. Precisamos construir um aparelho.

BEBÉ: Com que dinheiro? Não é brincadeira construir uma base pra foguete. E sou pobre, Corvito.

CORVITO: Vale mais a inteligência do que o dinheiro. Pensemos.

(Música ritmada marca a cena. Os dois dirigem-se para o balcão. E cantam.)

CORVITO: Idéia daqui... Idéia de lá.

Tanto se pensa... Até acertá.

*Pegue os líquidos pr'uma mistura.

BEBÉ: Invente um foguete para as alturas.

CORVITO (misturando líquidos): Pr2, Nh3... Juntemos todos de uma só vez.

BEBÉ: Olhe o estouro... A explosão. Quero ser célebre não no caixão.

CORVITO: Calma madame... Sei o que faço. Nunca aprontei nem um fiasco.

BEBÉ: Gota daqui... Gota dali.

Vai dar uma cor que eu nunca vi.

CORVITO: Olhe a fumaça... Está

aumentando. Todo o vidro fumegando.

BEBÉ: Nunca vi dessa mistura. E depois! Que linda fervura.

CORVITO: Olhe as bolhas... Olhe o fundo. Vá o mesmo correr o mundo.

(Vão pegando todos os vidros e despejando conforme cantam.)

BEBÉ: Um, dois, três.

CORVITO: Quatro, cinco, seis.

BEBÉ: Sete, oito e nove para 12 faltam 3.

JUNTOS: Bum, bum, bum

Bum, bumbumbum

Bumbumbumbumbumbumbum!

(Nova explosão fazendo-os dar um pulo.)

BEBÉ: Eu falei. Ponto final de carreira.

CORVITO: Ainda resta uma esperança.

BEBÉ: Qual?

CORVITO: Aguardar o dia 21 de abril.

BEBÉ: E o que tem o dia 21 de abril?

CORVITO: Aí poderemos ir à Lua.

BEBÉ: Que bobagem é essa. E depois, dia 21 de abril é hoje.

CORVITO (olha-a cismado): Hoje?!

BEBÉ: É. Veja a folhinha.

(Corvito corre a espiar. Sua fisionomia começa a se alterar, apóia-se à mesa para não cair.)

BEBÉ: O que há, Corvito? Você está bem?

CORVITO (gagueja): Muito... muito... bem. Papagaio! Como fui perder as contas! (Enche os pulmões e vira-se para ela num ar de triunfo.) Vamos nos tornar famosos em todo o Universo. Famosos, famosos, madame!

BEBÉ (nervosa): Não estou entendendo nada. Fale de uma vez, corvo do Céu!

CORVITO: Pois entenderá imediatamente. (Dirige-se rápido ao telefone.) Alô... Alô? Sindicato das Bruxas de Laboratórios?...

Como? Tem mosca na linha? Está bem. Eu espero.

BEBÉ (aflita): O que vai fazer?

CORVITO: Deixe tudo por minha conta. Alô? É do Sindicato?... Olá, seu papa-nata.

BEBÉ: Oh! Pode ser o presidente.

CORVITO: É ele mesmo. (Ao telefone.) Senhor presidente Bruxo-mor? É o Corvito, secretário particular de dona Bebé... Como? O papa-nata que falei foi pro senhor sim.

BEBÉ (apavorada): Largue isso. (Tenta tirar o telefone dele.)

CORVITO: Fique quietinho aí, senhor presidente, porque do contrário vai se azarar.

BEBÉ: Oh!

CORVITO: Escute aqui, seu bruxo de meia-tijela, se me amolar muito eu ponho o senhor fora do Sindicato.

BEBÉ (apóia-se na mesa atordoada): Ai! Meu coração.

CORVITO: É isso mesmo. Fique sabendo que eu e dona Bebé embarcaremos amanhã com destino à Lua... Han? Não é rua, seu idiota, é Lua. E mais: avise aí que aceitamos encomendas, qualquer negócio. Adeus. (Desliga o aparelho.) Agora, madame, é só aprontar as malas.

BEBÉ (com ar furioso avança para ele): Você vai me pagar por isso. Vai levar uma surra como nunca levou em sua vida.

CORVITO (recua): Calma.

BEBÉ: Pra aprender a respeitar a gente e não me desmoralizar no Sindicato.

CORVITO: Mas falei a verdade.

BEBÉ (agarra com as mãos o pescoço dele): Eu acabo com você.

CORVITO (tossindo sufocado): Juro, juro. Me deixe explicar.

BEBÉ (solta-o): Muito bem. Duas palavras

e depois...

CORVITO (esfregando o pescoço): A senhora é uma fera, nossa!

BEBÉ: Não gosto que me façam de palhaça.

CORVITO: Se falei que vamos à Lua é porque vamos.

BEBÉ: Você é bom de bico.

CORVITO (passa a mão no bico e balança o ombro sem entender): Mais tarde há de me agradecer pela fama e fortuna.

BEBÉ: Fama e fortuna?

(Corvito corre à mesa, abre a gaveta, tira uma folha de papel e começa a riscar.)

CORVITO: Espie só. Divido em dois, quatro, seis, oito e quanto quiser. Vai dar um colosso!

BEBÉ (que espia desconfiada): Colosso de quê?

CORVITO: Terrenos, dona Bebé. Terrenos na Lua.

BEBÉ: E pra quê?

CORVITO: Pra vender, ué?

BEBÉ: Que loucura é essa? Pensa que alguém vai comprar?

CORVITO: Deixe por minha conta.

BEBÉ: Mas como vamos pra lá?

CORVITO: Não se afobe. (Entretido na divisão.) Talvez a crédito; um tanto de entrada e o resto em suaves prestações mensais.

BEBÉ (já mais confiante): É... Todos gostam de pagar pouquinho.

CORVITO: E esse pouquinho sai caro pra quem compra, e vantajoso pra quem vende. Vamos fazer um dinheirão.

(Bruxas Iaiá e Candoca, com a vassoura sobre o ombro, entram pelo plano da direita, cochichando. Param à porta do Laboratório, deixam as vassouras e entram.)

CORVITO: Oh, que surpresa!

IAIÁ: Olá, querida! Que grande novidade! Mal soube e vim correndo lhe dar os parabéns. (Beija-a nas faces.)

CANDOCA: E eu também. (Beija-a.) Como foi isso, sua danada? Nem sabíamos que estava trabalhando em foguetes.

(Bebé mostra-se meio aparvalhada.)

IAIÁ (com hipocrisia): Eu desconfiava. Imagine se não haveria de aproveitar sua inteligência. Só aquele produto de beleza que inventou mostrou sua capacidade. Olhe que a Gertrudes, coitada, melhorou bastante. Era horrorosa e agora é apenas feia.

BEBÉ (sorrindo sem jeito): É...

IAIÁ: Mas fale. Como aconteceu?

BEBÉ: Bem... (Num olhar suplicante para Corvito.) Nem sei.

CANDOCA: Como não sabe? (Ri e a cotuca.) Se vai à Lua, bem que você sabe, sua danada.

BEBÉ: É... Sei. (Apela novamente para Corvito.)

CORVITO: A madame prefere silenciar.

IAIÁ: Ah, sim. Faz bem, querida. Há tanta bruxa invejosa por aí. Seriam capazes de copiar o seu invento.

BEBÉ (desajeitada): Mas não querem sentar? (Mostra as cadeiras.)

CANDOCA: Obrigada. (Elas acomodam-se.)

IAIÁ: Você sempre gentil. (Corre os olhos pela sala.) Mas não vejo nada, nem sinal do aparelho. Talvez tenha escondido no quintal.

BEBÉ (atrapalhada): No quintal? (Suplicante para Corvito.) É, talvez no quintal.

CANDOCA: Não seja indiscreta, meu bem. Bebé prefere não tocar no assunto. (Suspirando.) Mas é uma grande felicidade poder ir à Lua.

Nosso presidente até telefonou para o Estrangeiro.

BEBÉ (assusta-se): Pra quem?

IAIÁ: Pra bruxa Trunisca e pra bruxa Mary.

CANDOCA: Disse que elas riram. Viu que desaforo?

IAIÁ: Não dão valor pra gente.

CANDOCA: A Mary falou que achava estranho, porque esse aparelhos são caros e ela não recebeu pedido nenhum de empréstimo. Imagine só!

BEBÉ (sem jeito): É...

IAIÁ: Pra ser franca, eu andei fazendo um foguetinho, tipo assim rabo de peixe; mas na hora que pus a funcionar o diabo explodiu. Quase que faleço.

CANDOCA: Eu não tentei nada. Estou muito contente com o sabonete que inventei: lavar o corpo uma vez com ele e pronto, o corpo fica perfumado pro resto da vida.

IAIÁ: Engraçado. Experimentei e não deu resultado.

CANDOCA: Talvez porque o seu cheiro seja muito forte.

IAIÁ (forçando sorriso amável): Talvez! (Para Bebé.) Mas ir à Lua! Quem me dera! Ter um lugarzinho lá pra passar as férias.

CORVITO: Negócio fechado. (As duas fitam-se intrigadas.)

IAIÁ: Como?!

CORVITO: Negócio fechado, madames. Vejam isto aqui. (Mostra o mapa.)

CANDOCA: Que bolota é essa?

CORVITO: Não é bolota, é a Lua. E muito bem dividida pra quem quiser comprar um terreninho.

IAIÁ: O senhor está vendendo?

CORVITO: Estou. E se não comprarem logo, adeus!

CANDOCA: Mas a Lua não é de

ninguém.

CORVITO: É de quem chegar primeiro.

IAIÁ: Lá isso é verdade.

CORVITO: Faço um precinho camarada.

CANDOCA: Mas não temos condução.

CORVITO: A nossa ficará à disposição das senhoras.

CANDOCA: Você concorda, Bebé? (Bebé diz que sim numa expressão de misericórdia.)

IAIÁ: Bem, mas... Me desculpe, Bebé. Confio muito em você, mas assim sem garantia...

CORVITO: Dou a palavra de um corvo honesto.

IAIÁ: Só?

CORVITO (indignada): Não aceita? (Dobra o mapa e guarda-o.) Pois bem. Não faltará quem se interesse no negócio. Jamais irão à Lua. (Vira-se de costas numa atitude de quem está ofendido.)

CANDOCA: Oh, não se zangue! A Iaiá não sabe o que diz.

CORVITO (na mesma posição): Agora é tarde.

CANDOCA: Bebé? Fale com ele. Daria toda minha fortuna pra ir à Lua.

CORVITO (volta-se): Se é assim...

IAIÁ: Não sei por que se ofendeu tanto, afinal em todo negócio se pede garantia.

CORVITO: Não quando se trata da Lua. Só o fato de termos conseguido alcançar aquele planeta satélite da Terra, pronto. É o suficiente como garantia e respeito por parte das senhoras. Embarcaremos amanhã à noite.

CANDOCA: De onde.

CORVITO: Aí de fora.

CANDOCA: Viremos ver.

CORVITO: Quanto aos terrenos, sinto que não se tornem proprietárias. Chorarão lágrimas de crocodilo.

IAIÁ: Se me desculpar, faço a compra já e trago dinheiro amanhã na hora da partida.

CORVITO: Vou pensar.

IAIÁ: Mas se desse um jeito de ser a prestação...

CORVITO (para Bebê): Não falei? (Em outro tom.) Combinado. Trezentos mil cruzeiros à vista e o resto à prestação.

CANDOCA: Nossa!

CORVITO: Nossa o quê? Se não quiserem, paciência.

CANDOCA: Não, não; aceito!

CORVITO: Então amanhã, às vinte horas, com os cobres, hein? Agora, com licença, vou comprar algumas coisas pra viagem.

BEBÉ (procurando retê-lo): Espere, Corvito.

CORVITO: Não me demoro. Vou ali e volto já. Tchau. (Atravessa o plano da direita e sai.)

BEBÉ: Corvito? Corvito?

IAIÁ: Você parece nervosa, querida.

CANDOCA: Deve ser por causa da viagem, não é meu bem?

BEBÉ: É... De tanto usar os miolos fiquei com os miolos moídos. (Disfarçando.) Mas aceitam um chazinho? De que preferem? Chá mosca ou chá preto de saúva?

CANDOCA: Não se incomode. Nós já vamos. (Ergue-se.)

IAIÁ (puxa-a com força, fazendo-a cair sobre a cadeira): Aceitamos sim. Chá preto de saúva.

BEBÉ: Um instantinho só.

(Sai dos aposentos, louca para se livrar das duas.)

IAIÁ: Assim podemos examinar melhor. (Levanta-se e começa a busca.) Não vejo nada.

CANDOCA: Deve ser algum aparelho grande.

IAIÁ: Vidros quebrados... Parece que houve um terremoto aqui. Não sei não, Candoca, mas se nos pregarem o logro.

CANDOCA: E se for certo e nós perdermos a oportunidade.

IAIÁ: Tenho medo que eles fujam com o dinheiro pro Estrangeiro.

CANDOCA: Nós avisamos a polícia Bruxipool. Não acredito que seja tão tola a esse ponto. Seria uma desmoralização completa.

IAIÁ: E esse corvo é muito inteligente pra fazer asneiras. Vou arriscar.

CANDOCA: Eu também.

(Entra Corvito, plano da direita, empurrando o rojão voador. Deixa-o perto da porta do Laboratório e entra.)

CORVITO: Madames?

(As duas voltam-se.)

CORVITO (num gesto de braço): Vejam o foguete.

(As duas precipitam-se para a porta.)

IAIÁ: Isso?!

CANDOCA: Mas é um buscapé!

(Saem e começam a examinar o rojão.)

CORVITO: Feito com pólvora de raio seco.

(Bebê entra com a bandeja e não as vendo, dirige-se para a porta.)

CANDOCA (para ela): Querida! Como é que você conseguiu fazer um buscapé deste?

(Bebê, ao ver o rojão, leva tamanho susto, que deixa cair a bandeja.)

CORVITO: Lá se vai todo um chazinho de saúva.

IAIÁ: Espero que suba.

CORVITO: Duvida?

IAIÁ: Não, não. Amanhã estaremos aqui.

CANDOCA: É. (Vai buscar a vassoura.)

CORVITO: E com dinheiro, hein!

IAIÁ: Natural. Vamos, Candoca? (Pega a vassoura.) Até amanhã!

CORVITO: Passar bem, madames.

(As duas saem cochichando. Bebê continua a olhar para o rojão. Está petrificada.)

CORVITO (alegre): E então, o que me diz? (Pausa.) Fique sabendo que foi obra de meu pai. Visitou todos os planetas com esse buscapé, mas nunca contou a ninguém. Só no dia de sua morte fiquei sabendo.

BEBÉ (animando-se): E como nunca me falou?

CORVITO: Não adiantava. Ele me deixou sob a condição de utilizá-lo somente quando completasse maioria, caso contrário o buscapé perderia seu encanto.

BEBÉ: E você já é maior, Corvito?

CORVITO: Hoje! Faço anos hoje.

BEBÉ: Oh, meu urubu querido. (Começa a cantar o "parabéns a você". Corvito encabula.) Então amanhã partiremos. Como me sinto feliz!

CORVITO: A Lua, madame... À Lua!
(As luzes se apagam para se acenderem logo em seguida. É noite. Um foco de luz ilumina o rojão. Muita gente em cena, além dos personagens que já apareceram. Corvito realiza a venda dos terrenos.)

CORVITO: Calma, calma, senão suspendo a venda. (Contando dinheiro.) Duzentos... trezentos... Tome o recibo. Agora o senhor. Trezentos mil.

(Meio afastados, já com o recibo na mão estão: Candoca, Iaiá, Bruxo-mor e Bebê.)

IAIÁ: Em que dia voltam?

BEBÉ: Depende dos negócios que aparecerem por lá.

BRUXO-MOR: Se tudo correr bem, dona Bebê, trataremos de lhe dar aumento de ordenado.

BEBÉ: Obrigada, senhor presidente, mas ando precisando de uma aposentadoria.

BRUXO-MOR: Trataremos disso. (Em outro tom.) Se houver gente por lá, dona Bebê, veja como é que funciona essa história de sindicato.

BEBÉ: Verei, senhor presidente.

BRUXO-MOR: Talvez possa dar uma orientação. Devem ser muito atrasados.

(Corvito, que acaba de vender o último terreno, grita para Bebê.)

CORVITO: Vamos, dona Bebê!

(Abraços, beijos e grande alarido. Os dois tomam assento no rojão.)

CORVITO: Peço que dêem um empurrãozinho. Vamos? Me ajude.

(Alguns entre o povo começam a empurrar o rojão, fazendo com que ele dê uma volta pelo palco, para depois, num impulso só, empurrá-lo em direção aos bastidores.)

BEBÉ: Até por aqui... Adeus... Adeus.

CORVITO: À Lua... À Lua!

(Todos permanecem olhando para onde eles saíram.)

CANDOCA: Está pegando impulso.

IAIÁ: Parece que vai voar.

BRUXO-MOR: E vai mesmo. Olhem. As rodas estão saindo do chão.

CANDOCA: Estão subindo. Nossa! Que rapidez!

(Confusão entre o povo, gritaria.)

POVO: Viva... Viva... Viva!

(Todos, num mesmo movimento, devem ir girando a cabeça de modo a transmitir ao público a trajetória obedecida pelo rojão. Palmas e acenos de mãos mostram o entusiasmo do povo. A cortina vai se fechando.)

FIM DO 1º ATO

2º ATO

(Apagam-se as luzes do teatro. Em meio à escuridão soam as vozes de Bebê e

Corvito.)

BEBÉ: Cuidado, que vai bater!

CORVITO: Segure, segure, madame.

BEBÉ (berrando): Olhe o chão. Aiiiiiiiiiii!
(Ouve-se um estrondo. É o rojão que se chocou com o solo. As luzes do plano da direita vão se acendendo. Plano da esquerda permanece em completa escuridão. O cenário é o da Lua. Bebé, caída ao chão, sacode a cabeça como se procurasse concatenar as idéias. Corvito, também caído, esfrega as pernas que se feriram com a queda.)

BEBÉ: Cruz! Descemos de cabeça.

CORVITO: Alguma coisa deve ter falhado.

BEBÉ: Ainda bem que estamos inteirinhos.

CORVITO (ergue-se e, mancando, vai examinar o rojão): E ele também. Não há problema de volta.

BEBÉ (correndo os olhos pelo ambiente): Será que é a Lua mesmo?

CORVITO: Claro. O buscapé não falha.

BEBÉ (enchendo os pulmões de ar): Que cheiro bom! (Ri.) E diziam que o clima não prestava. Que gente boba, cruz credo!

CORVITO: E que silêncio. Acho que não mora ninguém por aqui. (Grita num chamado.) Ei? Ó de casa... Ó de casa?

(Ouve-se o eco.)

BEBÉ (admirada): Quem imitou?

CORVITO: O eco. Ouça: Ei? Ei? (Eco.)

BEBÉ: Que lindo! (Canta.) Ooooo... Ooooo. (Eco.)

CORVITO (com importância): Dona Bebé? Tudo que está aqui nos pertence.

BEBÉ (satisfeita): Donos de uma luazona destas. (Ri) Por que não viemos antes?

CORVITO: Trouxe a placa?

BEBÉ: Trouxe sim. (Vai até o rojão e retira

de dentro a placa.) Olhe.

(Vira-a para Corvito. Lê-se: "A Lua é nossa - Bebé - Brasil".)

CORVITO (pega a placa): Assim não haverá dúvida. Quem aparecer que não se meta a engraçadinho. (Ajeita a placa no chão.)

BEBÉ: Ah! Proprietária da Lua. Você é o maior, Corvito. Não sei o que seria de mim se não tivesse um secretário eficiente como você.

CORVITO: Muito grato, madame. (Boceja.) Como estou com sono!

BEBÉ: Sabe que eu também.

CORVITO: Vamos descansar e depois correremos nossas terras.

BEBÉ (com um risinho cretino): Nossas terras!

(Corvito e Bebé ajeitam-se para dormir.)

CORVITO: Até mais tarde, dona Bebé.

BEBÉ: Até mais tarde, Corvito. (Depois de uma pausa, ergue a cabeça e diz preocupada.) Corvito?

CORVITO: Han?

BEBÉ: O dinheiro está bem guardado? É preciso cuidado.

CORVITO (sem nem se mexer): Aqui não tem ninguém.

BEBÉ (rindo): É mesmo. Que boba que eu sou. (Suspira e torna a deitar.)

(O grupo de 3 montanhas, as pequenas, começam a movimentar-se em direção aos dois; porém, um barulho forte, como o ronco de avião, vai se aproximando, e as montanhas voltam ao lugar onde estavam. Bebé e Corvito despertam assustados.)

BEBÉ: Cruz credo! Que barulho é esse?

CORVITO (procurando): Parece avião.

BEBÉ: E se aproxima. (Medrosa.) Será que aqui tem avião?

CORVITO (apontando para cima): Veja, senhora! É um foguete, e está descendo.

BEBÉ (nervosa): E agora? Será gente da

Terra ou da Lua mesmo?

CORVITO (pondo as mãos nos ouvidos):

E vai se espatifar no chão. Oh!

(O barulho torna-se ensurdecedor. Corvito e Bebê abraçam-se.)

BEBÉ: Olhe a explosão. (Fecha os olhos não querendo ver.)

(Ouve-se a explosão. Um pouco de fumaça poderá penetrar no palco dando a impressão de que o foguete caiu perto. Bebê e Corvito vão abrindo os olhos devagarinho, receando o quadro. Entra Trunisca toda empoeirada e com as roupas em desalinho.)

BEBÉ: Uma colega!

CORVITO: É a Trunisca, do Sindicato da Ursolândia. Vi o retrato no jornal.

TRUNISCA (enfezada e com ar superior): Desaforo! Com que direito chegou primeiro?

BEBÉ: Hein?

TRUNISCA: Não faça esse ar de tola. (Com gestos despachados.) Estou serenamente trabalhando em meu foguete, quando me telefonam que uma tal bruxa Bebê, uma brasileirinha, anunciou sua partida para a Lua. Vejam se tem cabimento!

CORVITO: Não provoca não, dona Trunisca.

BEBÉ: Isso, Corvito, xinga mesmo.

TRUNISCA (dando de ombros): Faz-me rir. Há, há, há. (Volta à serenidade.)

CORVITO: Pois saiba que melhor é quem ri por último. Há, há, há, há.

TRUNISCA: Exijo que me digam como vieram.

CORVITO (aponta o rojão): Lá está. Admire-o.

TRUNISCA (examina o rojão): Esta porcaria? Mas isto parece buscapé.

BEBÉ (tímida): Pois é buscapé mesmo, querida Trunisca.

TRUNISCA (encolorizada): Oh! Eu quebro minha cabeça anos a fio, suo feito louca pra construir um foguete pra depois uma "zinha" chegar aqui de buscapé. Essa não agüento!

CORVITO: O caso é que, babau!

BEBÉ: Babau!

TRUNISCA: Babau uma conversa. Saibam que não reconheço a sua chegada.

CORVITO: Veja a placa. A Lua é nossa.

BEBÉ: Nossa, ouviu?

TRUNISCA (dá um chute na placa): Sem efeito.

BEBÉ: Essa eu não agüento.

CORVITO: Meta a mão nela, dona Bebê, de bruxa para bruxa.

BEBÉ: Você é uma desaforada, uma presunçosa que pensa ser melhor do que as outras, uma... Uma... Oh! (Dá-lhe um tapa no rosto.)

(Trunisca revida a bofetada. Bebê dá-lhe outra mais forte. Trunisca responde do mesmo jeito. As bofetadas vão se repetindo até soar o ronco de um avião. Elas param e se entreolham ressabiadas. O barulho aumenta.)

CORVITO: Outro foguete.

TRUNISCA: A Mary! Soube que eu vim e saiu correndo.

CORVITO: Dona Bebê? Esse negócio está ficando chato.

BEBÉ: É o cúmulo. Não dão a mínima oportunidade pra gente.

(Nova explosão.)

CORVITO: Belo invento esse; subir sobe, mas na hora de descer se espatifa todo. Quero só ver como voltarão à Terra.

(Entra a bruxa Mary. Trunisca mantém-se de braços cruzados, num ar de superioridade. Mary ignora-a e dirige-se para Bebê com um largo sorriso nos lábios.)

MARY: Olá, querida! (Beija-a.)

Arrebitando as manguinhas, hein!
Vem para a Lua e não me fala nada.

BEBÉ (sorri meio desapontada): Eu pedi que a avisassem. Você sabe que gosto sempre de consultar minha amiga.

MARY: Só não compreendo onde arrumou dinheiro pra fazer um foguete. Você vive sempre tão endividada.

BEBÉ: Por falar nisso, logo, logo, eu acerto aquela nossa conta.

MARY: Ah, não tem pressa.

CORVITO: Dona Mary! Viemos num buscapé mágico.

MARY: Buscapé?!

CORVITO: Lá está.

MARY (corre a espiar): Buscapé! (Rindo.) Vocês têm cada idéia. (Acidentalmente esbarra em Trunisca.) Uh! (Cinicamente.) A senhora por aqui? Nem tinha reparado. Como vai?

TRUNISCA (num sorriso forçado): Otimamente.

MARY: Mas que reunião encantadora! (Examina o ambiente.) Na Lua. Até que enfim a Lua é nossa.

TRUNISCA: Lembro a minha querida amiga que eu cheguei primeiro.

BEBÉ (para Corvito): Olhe a mentira.

CORVITO (aproxima-se): Não há leve e ligeiro engano nessa declaração?

TRUNISCA (com pouco caso): Saia pra lá, urubu. Pensa que vou competir com um buscapé? O jogo aqui tem de ser limpo. Foguete versus foguete.

MARY: Mas não fique triste, Bebé, eu dou uns pedacinhos de terra pra você.

TRUNISCA: Dá se eu consentir. cheguei em primeiro lugar, já disse.

MARY: Chegamos juntas.

TRUNISCA: Mentira.

MARY: E se não fosse a fumaça que você me envolveu quando passou por mim no Espaço Interplanetário, naquele joguinho sujo, teria chegado muito antes.

TRUNISCA: Não seja falsa. Saiba perder com a cabeça erguida.

MARY (acintosa): A Lua é minha.

BEBÉ (muito delicada): Dá licença de dar um aparte. (Quase num grito.) Com buscapé, sem buscapé, quem desembarcou primeiro fui eu, e não admito que me façam de tola.

MARY: Uh! Ultimamente ela tem mostrado um gênio!

CORVITO: Meus parabéns, dona Bebé.

MARY: Escute, queridinha. Nós podíamos fazer um acordo.

BEBÉ: Ando cheia de seus acordos.

MARY: Mas que ingratidão! Quando precisa de alguma coisa, bem que vem correndo.

BEBÉ: Mas acabou. Quero me tornar independente.

(Nesse momento, ouve-se uma vozinha muito suave cantando.):

Pela Lua à fora eu vou muito sozinha,
levar meu perfume para a vovozinha.
Ela mora longe, o caminho é deserto.
Mas ninguém mau mora aqui por perto.
E à tardinha,
ao sol poente,
junto à vovozinha, (Bis)
eu estarei contente.

CORVITO: É voz de criança.

MARY: Estranho! Será criança da Lua?

TRUNISCA (aponta): Uma flor.

CORVITO: E vem para cá.

BEBÉ: É preciso cuidado. Vamos nos esconder.

CORVITO: Depressa. Aqui no fundo. (Reúnem-se a um canto. Entra a Violeta cantando. Ao ver o rojão, corre para ele e começa a examinar.)

VIOLETA: Que coisa é essa? Nunca vi nada assim por aqui. (Empurra.) E anda. Engraçadinho.

(Encantados com a florzinha, eles saem do esconderijo e vão se aproximando dela. Tem-se a impressão de que Violeta exerceu alguma força magnética sobre eles, tal a fisionomia de encantamento de cada um.)

TRUNISCA: Que perfume!

BEBÉ: Me faz cócegas no nariz. (Violeta, ao ouvir vozes, vira-se assustada.)

VIOLETA: Han? Bruxas da Terra!!! (Recua amedrontada.)

CORVITO: Nunca senti um cheiro tão bom. Nem carniça cheira assim.

MARY: Deve ser perfume aquilandês.

BEBÉ: Oh! Venha cá, florzinha.

VIOLETA: Não cheguem perto. É pior para vocês.

TRUNISCA: Não gosto de perfume, mas este!

VIOLETA: Afastem-se, afastem-se. (Quando aproximam o rosto de Violeta, atordoam-se, começam a girar sobre os pés e desmaiam, caindo um em cima do outro, formando uma pilha.)

VIOLETA: Eu avisei. Coitadinhas! Não queria fazer nada pra vocês. (As 3 montanhas do fundo tornam a mexer-se, e por detrás de cada uma aparece o rosto de uma cenourinha.)

1ª CENOURINHA: Psiu?

2ª CENOURINHA: Psiu? Psiu?

3ª CENOURINHA: Psssss!

VIOLETA: Vocês estavam aí? (As três saltitantes.)

1ª CENOURINHA: Estamos escondidas desde que elas chegaram naquela coisa ali. Depois veio a outra. Querem ficar com a Lua.

3ª CENOURINHA: Saiu briga feia. Uiuiui! Fiquei com medo.

VIOLETA: Querem a Lua?

2ª CENOURINHA: Olhe a placa.

VIOLETA (vai espiar): "A Lua é nossa". (Com o afastamento de Violeta, as bruxas começam a recuperar os sentidos.)

3ª CENOURINHA (apontando as bruxas):
Uiuiui!

(Violeta corre para perto delas. Demaiam.)

VIOLETA: Se saio de perto elas acordam.

1ª CENOURINHA: É o seu perfume?

VIOLETA: É. Na escola ensinaram: o perfume das flores da Lua provoca desmaios na gente da Terra. É muito forte.

3ª CENOURINHA: Diz que eles comem cenouras. Uiuiui!

VIOLETA: Só as da Terra, que fervendo amolecem. Vocês não. Será que não aprenderam isso?

2ª CENOURINHA: Só no 2º ano é que nos mostram o Raio-X da Terra.

1ª CENOURINHA: Não entendo como elas chegaram e os guardas não viram.

VIOLETAS: Garanto que estão observando pelo Raio-X.

3ª CENOURINHA: Então passarão pito em nós.

VIOLETA: Acho que não. Estão até gostando de ver como elas agem conosco.

2ª CENOURINHA: E se nos fizerem coisa ruim?

VIOLETA: Não podem. Nossa defesa está no próprio corpo.

1ª CENOURINHA: Então saia de perto pra elas acordarem.

VIOLETA: Está bem. Vamos ficar todas ali naquele cantinho.

3ª CENOURINHA: Uiuiui. Que medo!

2ª CENOURINHA: Você é uma porcalhona.

3ª CENOURINHA: Sou pequenininha. (As bruxas começam a acordar.)

1ª CENOURINHA: Tomara que não
briguem com a gente.

VIOLETA: Psiu.

CORVITO: Onde estou? (Pega a mão
de Trunisca.) O que é isso?

TRUNISCA: Largue minha mão, seu
idiota.

CORVITO: Dona Bebê? Tudo em
ordem?

BEBÉ: Meio tonta. Cruz!

MARY (endireitando o corpo): Por que
não desmaiaram pra lá? Tudo em
cima de mim.

CORVITO: Olhem a flor! Foi ela.

BEBÉ: Bem desconfiava que era
habitado. Mas que gente é essa?
(Violeta dá um passo.)

MARY: Fique onde está.

VIOLETA: Não vou lhes fazer nada.

TRUNISCA: Que desaforo! Pensa que eu
tenho medo de uma... Uma... Sei
lá ao certo o que você é.

VIOLETA: Sou Violeta, uma florzinha
nascida na Lua.

3ª CENOURINHA: E nós Cenourinhas.
(Fala e corre para perto da irmã.)
Uiuiui.

MARY (arregala os olhos): Cenouras!
Isso pela manhã!...

TRUNISCA: Bem. Vamos pôr os pontos
nos "is". Que fazem vocês aqui?

VIOLETA: Moramos na Lua.

TRUNISCA: Pois então terão de mudar.
A partir de hoje sou a dona
destas terras.

BEBÉ: Calma com o andor, Trunisca.

VIOLETA: Querem um conselho? Vão
embora antes que cheguem os
guardas.

CORVITO: Guardas? Polícia na Lua!
Será que tem Rádio Patrulha,
dona Bebê?

TRUNISCA: Não arredo pé e, se querem
medir forças, estou às ordens.
(Aproxima-se dela.) Sou Trunisca.

Ganhei um prêmio pela minha
inteligência e pertença ao Sindicato
das Bruxas Superiores. E não é uma
florzinha como você que... (Fica
tonta e é obrigada a afastar-se.)
Maldito perfume.

3ª CENOURINHA (rindo): Há, há, há.

TRUNISCA (fita-a indignada): Zombando!
Pois vou transformar você em lesma.

3ª CENOURINHA: Uiuiui.

VIOLETA: Bruxaria com ela não funciona.
Vão logo, antes que venham os
arbustos flamejantes.

CORVITO: Ar... Arbusto chamejante?!

TRUNISCA (com superioridade): Pois
transformo esse arbusto chamejante
em água de chafariz.

BEBÉ (gargalha): Essa foi boa.

CORVITO: Modos, madame. (Bebé
contrala-se.)

VIOLETA: Vai perder seu tempo.

TRUNISCA: Ah, duvida! (Num movimento
rápido, agarra a 3ª Cenourinha.) Pois
vou lhes dar uma prova.

3ª CENOURINHA: Uiuiui. Me salvem.

2ª CENOURINHA: Pula, Cenourinha. Lembra
que eu ensinei.

3ª CENOURINHA: Não posso! Uiuiui.

1ª CENOURINHA: Pula que escorrega.
Nosso corpo é liso.

(3ª Cenourinha dá um pulo e solta-se das
mãos de Trunisca como que por
encanto.)

TRUNISCA: Oh! Escorregou. (Dá um salto e
consegue agarrar a 3ª Cenourinha
pelas pernas.) Agora não escapa.
(Cenourinha dá outro pulo e solta-se com
facilidade.)

2ª CENOURINHA (rindo): Não adianta que
somos lisas...

TRUNISCA: Pois eu... (Com a mão fechada
dá um soco no corpo da 2ª
Cenourinha.) Tome. (O barulho é de
quem bate numa madeira. Trunisca dá
um salto de dor.) Minha mão. Ai! Ai!

MARY (para Bebê): Essa aí qualquer dia ainda cai numa esparrela.

TRUNISCA: Se minhas mãos não as vence, meu cérebro há de destruí-las. Vão ficar todas paralisadas, feito estátuas, pro resto da vida. (Num gesto mágico.) Strogonofe... Strogonofra... Strogonafrum. (Um estouro seguido de uma fumaça colorida. Trunisca dá um grito, começa a se encolher e termina parando numa posição qualquer completamente paralisada.)

MARY: Tomara que fique assim pro resto da vida.

BEBÉ: Virou estátua!

CORVITO (que a examina): Dura como uma pedra.

VIOLETA: Vão embora, já disse.

CORVITO: Dona Bebê? Não estou gostando disso. Vamos daqui.

BEBÉ: E os terrenos?

CORVITO: Damos um jeito.

MARY: Será que me levam? Meu foguete arrebentou.

BEBÉ: Você fala tanto dos artigos aquilandês e no entanto vai se servir de um nosso. Vamos. Mas explique no seu Sindicato como voltou.

MARY: Naturalmente, querida. (Os três abolutam-se no rojão. Ao mesmo tempo, ouvem-se passos que se aproximam.)

VIOLETA: Os Arbustos.

BEBÉ: Depressa, Corvito.

CORVITO: Segurem-se. (Numa voz de ordenança.) Para a Terra!... Para a Terra.

(O rojão começa a sair, mas termina se entornando e fazendo barulho desafinado como da saída de ar de uma bola "bexiga", quando se puxa a extremidade.)

MARY: Que droga de invenção!

(Os Arbustos entram. Param em posição de sentido.)

ARBUSTO: Fiquem onde estão.

MARY: Agora sim.

ARBUSTO: Sua Majestade, o Rei dos Vegetais da Lua, aguarda-os no palácio.

VIOLETA (mostrando Trunisca): Ela fez uma mágica e...

ARBUSTO: Vimos tudo. Darei um jeito nela. (Encaminha-se para Trunisca.)

MARY: Seu guarda? Deixe ela como está. É um bem que o senhor faz pra todo Universo.

ARBUSTO (num sorriso): Assim acabaria a concorrência, hein?

MARY (sem graça): Não pensei em mim. (Recua e diz a meio tom para Bebê.) Que arbusto grosseiro.

(Arbusto, ao chegar perto de Trunisca, estufa, deixando aparecer por baixo da folhagem a roupa vermelha assemelhando-se a fogo. Trunisca começa a movimentar-se até voltar à posição normal.)

BEBÉ: Cruz! Virou fogo. Que gente louca esta.

MARY: Derreteu a dureza da Trunisca. Com certeza o calor.

TRUNISCA (voltando a si): Isso não fica assim. Não admito que zombem de minha força.

(Violeta e as Cenourinhas cochicham o tempo todo.)

ARBUSTO: Nada fizemos, apenas nos defendemos.

TRUNISCA: Cuidado comigo! Não sou de brincadeiras.

ARBUSTO: Venham.

TRUNISCA: Eu não vou a canto algum. Sou Trunisca, a grande.

ARBUSTO: Aqui niguém é grande. Todos são iguais.

TRUNISCA: Pois veremos.

BEBÉ: Obedeça, Trunisquinha. Não

contrarie seu guarda.

TRUNISCA (senta-se no chão e cruza as pernas e os braços): Daqui não saio.

(Arbusto aproxima-se dela e novamente se estufa. Trunisca ergue-se num salto, gritando.)

MARY: Ele queimou a fulana.

BEBÉ: Bem feito. Quem manda ser teimosa.

TRUNISCA (esfregando o corpo): Me queimou toda. Gente perversa. Deixe eu pegar vocês lá embaixo.

ARBUSTO: Se me obedecerem, nada acontecerá.

BEBÉ: Nós estamos ao inteiro dispor, seu general.

ARBUSTO (para Violeta e as Cenourinhas): E vocês vão embora. (Para os quatro.) Caminhem em fila. Sua Majestade os espera. Vamos.

(Em fila de um, ladeados pelos 2 Arbustos, eles saem. Violeta e as Cenourinhas ficam a espiar.)

VIOLETA (erguendo a voz): Bom sucesso com nosso Rei. Ele é bonzinho.

2º CENOURINHA: Vamos torcer por vocês. Até logo...

TODAS JUNTAS: Até logo... Até logo. (A cortina vai se fechando.)

FIM DO 2º ATO

3º ATO

(Os 2 lanos estão iluminados. Plano da direita vasto. As três bruxas estão sentadas nos banquinhos aguardando a presença do Rei. Corvito permanece em pé ao lado de Bebé. Arbusto, à janela, espia fora, enquanto outro Arbusto fica de sentinela, à porta do fundo, a de colorido diferente.)

TRUNISCA (para Arbusto): Como é? Esse

tal de Rei vem ou não vem?

(Pausa.) Já estou cansada de esperar. (Arbusto não responde.)

CORVITO: Se eu fosse a senhora, ficava quietinha.

TRUNISCA: Meu tempo é precioso e não estou pra perdê-lo no meio destes imbecis. (Ergue-se e começa a examinar a sala.) Veja que luxo. Pra que isso? Gastar dinheiro, e o povo, na certa, passando fome.

BEBÉ: Até que os vegetais são bem rechonchudos. Você não viu na porta do castelo? Todos parecem alegres e felizes.

TRUNISCA: Ninguém pode ser feliz, se o dinheiro está todo nas mãos de meia dúzia de pessoas.

MARY: Chi! Lá vem ela com pregação. Aqui na Lua isso não pega, Trunisca.

TRUNISCA (volta a sentar-se): Vamos ver!

BEBÉ: Será que sairemos vivos daqui, Corvito?

CORVITO: Já não sei mais nada, mas ouçam uma coisa: o que ele propuser a gente aceita. Nada de exigência.

(Ouve-se uma corneta que marca a entrada do Rei dos Vegetais. Ele entra com garbo e majestade. Arbusto vai ao seu encontro. Bebé, Corvito e Mary levantam-se e fazem uma reverência. Trunisca permanece sentada numa atitude de afronta.)

BEBÉ (a meio tom): Que abacaxizão!

REI (senta-se ao trono e diz depois de fitá-las demoradamente): Bruxas da Terra! As primeiras a pisarem na Lua. Muito bem. Vamos aos fatos. Espere, que o fim de vocês não seja aquela porta (Aponta a porta do fundo.)

BEBÉ (arregala os olhos): O que será, Corvito?

CORVITO: Não faço a mínima idéia.

REI: Tudo registrado, Arbusto?

ARBUSTO: Sim, Majestade. (Tira um papel de dentro das vestes.) Desde a partida da Terra.

REI (num olhar complacente): Tolos! Fazer o que na Lua?

BEBÉ (timidamente): Uma viagensinha de recreio.

CORVITO: É, seu Rei, falavam tanta coisa das belezas daqui, que resolvemos dar uma espiadinha. Mas agora, se não se importar, poderemos ir embora.

REI: Se fosse verdade!

CORVITO: Acredite, seu Rei Abacaxi.

BEBÉ (baixo): Ele pode se ofender.

REI: O que me diz, Arbusto?

ARBUSTO: Infelizmente mentem. Esse pássaro negro dividiu a Lua em lotes e os vendeu. E o pior, Majestade, é terem agido de má fé, pois, conforme planejaram, os compradores jamais veriam suas terras.

REI: É o cúmulo! Lesar os amigos! Que espécie de bruxas são vocês?

CORVITO: Eu sou corvo, Majestade.

REI: E o respeito pelo próximo? Deviam envergonhar-se de uma ação dessas.

BEBÉ (sem jeito): Foi um negociozinho sem importância.

REI (meneando a cabeça): E, depois, vender o que não lhes pertence.

CORVITO: Pensamos que a Lua não tivesse dono.

BEBÉ: Que fosse tudo vasto.

REI: Olhe a pretensão, Arbusto! A mania de achar que só a Terra é habitada. (Em outro tom.) Me digam uma coisa: vocês devem se sentir muito infelizes no seu planeta, não?

BEBÉ: Mais ou menos.

REI: Se lá houvesse felicidade, não

procurariam outros lugares; quando se é feliz na própria casa, não se busca outra.

CORVITO: Só pra variar um pouco.

REI: Olhem para nós. Nunca pensamos em descer à Terra. A troco de quê? Aqui há paz e amor.

TRUNISCA (quebrando seu silêncio, num tom irônico): Nem todos têm a inteligência suficiente pra construir aparelhos que facilitam a viagem.

REI (sorri): Como se engana! Arbusto? Para que tenham uma idéia de nossa civilização, mostre a elas o Raio-X da Terra.

ARBUSTO: Venham à janela.

REI: Podem ver.
(Elas aproximam-se da janela com ar ressabiado. Arbusto indica-lhes o telescópio.)

ARBUSTO (ensinando): Regulem por aqui até focalizar o lugar desejado. Isto é para os ouvidos. Assim poderão ver e ouvir ao mesmo tempo.
(Corvito e Bebé olham juntos. Mary e Trunisca mostram-se desconfiadas.)

CORVITO: Não enxergo nada.

ARBUSTO: Vá regulando por essa rodela.

BEBÉ: Nuvens... Nuvens.

ARBUSTO: Procurem o seu país.

BEBÉ: Mais para a direita, Corvito. Isso. Veja! É o mapa do Brasil!

CORVITO: Chegamos! (Continua a regular.) Nossa cidade... Nossa casa... Nossos... Oh!

BEBÉ: Nossa! (Volta-se para o Rei com ar assustado.) A Iaiá e a Candoca estão olhando aqui pra cima.

CORVITO (gritando): Malandro é sua avó. Ela está xingando.

TRUNISCA (empurra-os): Me deixe olhar.

MARY: Eu estou na frente.

TRUNISCA: Não aborreça.

REI: Uma de cada vez. (Aponta Mary.) A senhora primeiro. (Com ar de

vencedora pega o telescópio.)
(Corvito aproxima-se do Rei. Bebê o acompanha.)

CORVITO: Fantástico, Majestade. Meus parabéns. (Senta-se aos pés dele e fala com relativa liberdade.) Com esse negócio aí, num instante o senhor ficará milionário. Ouça. O senhor manda fazer uma porção e me dá para vender. Modéstia à parte sou bamba pra vendas. Dona Bebê está aí de prova.

BEBÉ: É sim, seu Rei, ele é um crânio. (Acerca-se do trono e põe-se em posição de intimidade.) Ninguém pode com esse urubu. (Confiadamente bate no ombro do Rei, dá um grito e ergue a mão desesperada de dor.)

CORVITO: O que foi, madame?

BEBÉ (sacudindo a mão): Um choque horrível... Horrível!

REI: Esqueci de lhes avisar: não toquem em mim. Meus espinhos provocam choques em vocês.

BEBÉ: E para que isso?

REI: Nascemos assim.

CORVITO (para Bebê): Isso não tem importância, o principal é a venda. Como é, seu Rei, aceita? Eu não vou exigir muito. 30% de comissão e em um ano lhe garanto rios de dinheiros. De acordo?

(Mary, que acaba de deixar o telescópio, aproxima-se empolgada.)

MARY: Majestade? Majestade? Aquilo parece invenção aquilandês. O senhor é uma capacidade.

CORVITO (baixo ao Rei): Cuidado com ela.

MARY: Gostaria até de propor um negócio.

CORVITO (com superioridade): Tarde piaste. Já firmei contrato com sua Majestade. Serei seu único e

exclusivo representante na venda desses aparelhos na Terra.

MARY (indignada): Estão querendo me pôr pra trás, é? Essa não! O aparelho é meu.

BEBÉ (para Corvito): Deixe ela falar.

MARY: Eles são uns pobretões, majestade. Isso é invento que deve ser fornecido por um sindicato rico. Só nosso nome impõe a venda.

CORVITO: Bobagem forçar. Seu Rei é um homem, ou melhor, um abacaxi de palavra e não volta atrás.

REI (que as observa com um sorriso complacente): Vão se sentar.

CORVITO: Mas conto com o senhor, não é?

REI: Nada daqui está a venda. Sentem-se.

CORVITO: Mas...

REI: Voltem para seus lugares já disse. (Eles obedecem. Trunisca continua dependurada no telescópio.)

REI: Arbusto? Tire essa bruxa daí. Agora chega.

ARBUSTO: Já correu todos os países. Só agora chegou no dela.

MARY (irritada): Espionando.

(Trunisca, fascinada, começa a balançar o corpo e a cantar.)

REI: Avise que acabou a sessão.

ARBUSTO (nos ouvidos de Trunisca):
Acabou a sessão

TRUNISCA (numa virada rápida para o Rei): Meu camarada! (Estende os braços e avança para ele.) Meus cumprimentos. (Segura as mãos do Rei com ambas as mãos. Fica a tremer como se levasse uma descarga elétrica.)

BEBÉ (rindo): Agora foi ela.

REI: Repito: nossos corpos têm propriedades a que os de vocês não resistem. Mantenham distância.

TRUNISCA (sacode a cabeça tentando

voltar ao normal); Ufa! Aqui tudo é à base da eletricidade.

REI: Vá se sentar.

TRUNISCA: Ficarei com aquele telescópio por qualquer preço. Honra seja feita: admirável! Sei dar valor às grandes descobertas. Estou às ordens, Majestade. Quanto quer por ele?

REI: Como pretende utilizá-lo?

TRUNISCA (olha para Mary e diz a meio tom): Não posso falar perto dela.

ARBUSTO (ergue a voz): É para o posto de observação que pretende montar aqui. Seu desejo é controlar as bruxas de todo o Universo.

MARY (ergue-se furiosa): Descarada!

ARBUSTO: Se eu fosse a senhora, ficava quieta porque a idéia da senhora no fundo é a mesma. (Para o Rei.) Essas duas vivem de rixa. Briga antiga, Majestade.

REI: E a outra?

ARBUSTO (olhando Bebê): Aquela ainda não entrou no páreo, mas, quando puder, seguirá o mesmo caminho.

TRUNISCA (ainda eufórica): Juntemos nossas forças e inteligências, Majestade. Teremos o Universo a nossos pés.

REI: Sente-se.

TRUNISCA: Estou bem de pé. (Arbusto aproxima-se dela; estufa-se para amedrontá-la. Trunisca sai correndo e senta-se no banquinho.)

REI (ergue-se): Cada uma pior do que a outra... (Começa a andar de um lado para outro.) Inveja... Disputa... Traição... (Para perto da porta do fundo.) Receio que este seja o fim.

BEBÉ (em surdina): A porta!

REI (para Arbusto): Vá ver o que decidiram. Aguardarei o soar do gongo.

ARBUSTO: Pois não, Majestade. (Sai.)

REI: Eles a julgarão.

TRUNISCA: Quem?

REI (chega-se à janela): A decisão final pertence ao meu povo. Apenas executo ordens.

MARY (bate palmas): Muito bem: governo do povo, governo democrata.

(Trunisca olha feio para Mary. Bebê e Corvito cochicham.)

REI: A porta.

BEBÉ: E se acharem que somos culpados?

CORVITO: Sua Majestade toda hora fala da porta; poderia por obséquio, se não for incômodo, dizer o que há lá atrás?

REI (para outro Arbusto): Quer abri-la, por favor. (Arbusto finge que a abre. O jogo de iluminação indicado inicialmente dará a impressão do espaço interplanetário.)

MARY: O inferno?!

REI: Pode fechar. (Pausa.) Não. É o Espaço. ficarão girando entre a Terra e a Lua.

BEBÉ: Oh! Tenho o estômago fraco.

CORVITO: Majestade! Faça alguma coisa pela gente.

REI: A decisão é do povo.

CORVITO: Mas nem sabem quem somos.

REI: Há nesta sala um transmissor que leva nossas vozes para fora. Já estão inteirados de tudo. Se forem condenados, o gongo soará apenas uma vez... Se forem absolvidos, o gongo soará duas vezes.

CORVITO: Uma, para a porta, duas, para a Terra.

REI: Sim.

TRUNISCA: Não temem que, com nosso desaparecimento, outras bruxas venham a nossa procura? Será a

invasão.

REI: Temos tudo controlado e depois...
Vocês puderam ver que é difícil
medirmos forças. Nossa defesa está
no corpo. A natureza nos fez
diferentes. Ninguém, arma alguma,
nos destruirá.

CORVITO (para Bebê): O perfume... O
fogo... O choque...

(O gongo soa repetidas vezes. Todos se
põem de pé sobressaltados.)

CORVITO: Não entendi.

MARY: Estamos salvos.

REI: Um momento. Ouçam agora.
(O gongo bate uma vez.)

REI: Uma.

CORVITO (suplicando): Mais uma, por
favor. Não quero morrer tão jovem.
Acabo de completar maioridade.

BEBÉ: Uma vezinha só! Prometo elogiar a
Lua lá embaixo.

TRUNISCA: Parou. Estamos condenados.

MARY (chorando): Não... Não!
(O gongo soa novamente. Corvito, Bebê
e Mary pulam de contentamento.
Abraçam-se e rodopiam. Trunisca
mostra-se aliviada, bem como o Rei que
sorri para elas.)

REI: Salvos. Voltarão à Terra.

CORVITO: Não sei como agradecer. Oh,
gente legal esta!

BEBÉ: Serei eternamente agradecida,
Majestade.

(Entra Arbusto.)

REI (torna a sentar-se sobre o trono): Me
sinto feliz, Arbusto.

ARBUSTO: Mandaram esta mensagem,
Majestade. (Entrega umas folhas de
papel.) Que cada uma seja
portadora dela.

REI (lendo): "Nós, habitantes da Lua, de
comum acordo, resolvemos dar
uma oportunidade às bruxas da
Terra. Que regressem aos seus lares
levando aos quatro cantos da Terra

esta mensagem: a Lua é o planeta
do amor e só amor se
compreende. Queremos a paz, não
conhecemos a guerra. Se um dia
voltarem, venham como amigos
que saberemos recebê-los. O amor
é universal! Um gesto amigo, um
sorriso... Bastará".

BEBÉ (suspirando): Que lindeza de
mensagem!

REI: Entregue uma a cada um, Arbusto.
(Arbusto obedece.)

CORVITO: Deixe por minha conta. Serei
um grande divulgador da Lua.

BEBÉ: Trabalharemos juntos. (Pega a
folha e guarda.)

MARY (que acaba de guardar sua
mensagem): Agradeço a sua
Majestade e a todo esse povo
encantador. E quando quiser
aparecer, estarei à sua disposição.
Vá conhecer o mais adiantado
sindicato da Terra.

TRUNISCA: Rico, isso sim! Só exibição de
poderio econômico.

MARY: É despeito, Majestade.

REI: Procurem viver em paz.

MARY (numa careta): É difícil. Somos de
nível diferente. Pertencço à nata, e
ela é uma plebéia.

REI (depois de um sorriso): E você,
Trunisca? Nem uma palavra a nós?

TRUNISCA: Estou pensando que se o
senhor quiser fazer negócio com o
Ráio-X...

REI (numa repreensão): Trunisca!

TRUNISCA: Desculpe, mas foi algo que
me impressionou. (Numa
reverência.) Me dobro à
inteligência do pessoal deste
planeta. Acho que juntos iríamos
longe. Se quiser algum dia trocar
idéias, estarei às suas ordens.

REI: Obrigado. (Em outro tom.) Arbusto?
Leve-os de volta.

TRUNISCA: Meu foguete arrebentou.

MARY: O meu também.

BEBÉ: E o nosso fluuuuuu e entortou.

REI: Temos nossos meios de transporte.
Podem ir.

(Arbusto posta-se à porta.)

(As bruxas numa reverência, vão saindo.)

BEBÉ: Mil vezes obrigada.

TRUNISCA: Não se esqueça: Sindicato das Bruxas Superiores.

MARY: Se algum dia precisar de um empréstimo... Sou rica.

CORVITO: Desculpe o mau jeito, Majestade. (Segura a mão dele.)
Passar bem. (Leva um choque e sai gritando.)

(Rei abre-se num sorriso amigo. Ergue-se e caminha até a janela. Fica a espiar. Surgem no plano da direita, marchando em fila, as bruxas, seguidas por Arbusto.)

MARY: Foi aqui que descemos.

BEBÉ: O rojão, Corvito. (Olha-o triste.)
Todo torto, coitado!

TRUNISCA (revoltada): Essa não perdôo.
Buscapé!

CORVITO: Reclamando por quê? Olhe o seu lá adiante todo em cacos.

TRUNISCA: Mas saiu de um cérebro.

CORVITO: Cérebro em cacos.

ARBUSTO: Vamos.

CORVITO: Adeus, buscapé. Se meu pai o visse assim...

BEBÉ: Não vamos levá-lo?

CORVITO: Perdeu o encanto.

BEBÉ (dá de ombros e faz um adeus):
Tchau.

(Saem de cena. Entram as Cenourinhas

e Violeta. Pelo jeito percebe-se que os estavam seguindo.)

VIOLETA: Nem nos viram.

1ª CENOURINHA: Que bom! Vão embora.

2ª CENOURINHA: Também fiquei contente.

3ª CENOURINHA (que acabou de sentar-se no rojão): Uiuui. Ficaremos com isto de lembrança.

1ª CENOURINHA: Cuidado que é capaz de levantar vôo.

VIOLETA (aproximando-se): Torto desse jeito! Agora só pra rodar no chão.

(1ª e 2ª Cenourinhas empurram o buscapé. Violeta e 3ª Cenourinha equilibram-se.)

VIOLETA: Devagar.

3ª CENOURINHA: Que gostoso!
(Risos e brincadeiras das quatro.)

1ª CENOURINHA (apontando): Estão partindo.

(Todas correm a espiar. Devem seguir com a cabeça a trajetória do disco.)

1ª CENOURINHA: Adeus.

3ª CENOURINHA: Lembranças pra Terra.

VIOLETA: Dona Bebé? Dona Trunisca?
Somos nós. Ei? Ei?

2ª CENOURINHA: Boa Viagem... Adeus...
Adeus...

(Deve aparecer atrás das montanhas, em ponto pequeno, o disco voador. Tanto o Rei, plano da esquerda, como as Cenourinhas e Violeta, plano da direita, acenam para o disco. As luzes vão diminuindo, e o disco torna-se mais luminoso. As vozes de Violeta e das Cenourinhas se fazem ouvir. A cortina vai se fechando lentamente.)

FIM

Nota 1: Quando esta peça foi escrita, o Homem ainda não havia pisado na Lua. Sugerimos, por isso, aos que quiserem montar este texto, que troquem o satélite lunar por Marte ou outro planeta vizinho.

Nota 2: Esta peça deve ser representada pelos alunos do ginásio ou colégio, para ser assistida pelos do primário.

O PALHAÇO DO PLANETA VERDE

Musical infanto-juvenil

Hilton Have

PERSONAGENS:

Zelão

Rosa

Palhaço Verde

Toninho

Dona Diolinda

CENÁRIO

A cortina se abre com uma música lenta de fundo.

É o amanhecer de um novo dia na roça. A ação da peça se passa em um pequeno sítio, onde se criam galinhas, porcos, patos, etc... e onde se plantam verduras, legumes e hortaliças de toda espécie.

O cenário é uma parte do sítio de Dona Diolinda, cultivadora de hortaliças; nele se vê uma pequena cerca de madeira, algumas plantações, um caramanchão de palha, um espantalho e algumas flores.

(A música vai diminuindo gradativamente, entram em cena Rosa e Carol. A luz vai aumentando lentamente.)

EM TEMPO

A cachorrinha deve ser verdadeira e, neste caso, pode ser mudado o nome Carol, para o verdadeiro nome do animal. Se a Direção preferir um outro animal, não prejudicará, em absoluto, o decorrer da ação do espetáculo.

ROSA (entrando): Vem, Carol...vem...
(Prende a coleira da cachorra e

chama pelo espantalho.) ...Zelão!... Zelão!... Oh!... Zelão... (Mostra a cesta de flores em seu braço.) Olha quantas flores eu apanhei hoje no campo... (Quase triste e pensativa.) Ah! Que pena que você não fala... Eu gostaria tanto que você falasse... Ou que você ao menos se mexesse... (Olhando para a cachorra.) Como a Carol, a vaca

MÚSICA

ROSA (ao término da música): ...Ah! Não faz mal... Gente é gente, boneco é boneco, e bicho é bicho, não é, Carol?... (Espreguiçando-se.) Puxa vida... Eu estou tão cansada, hoje... Ah!... Eu vou esperar o Toninho aqui, sentada... (Chamando a cachorrinha.) ...Vem cá, Carol... Senta aqui comigo. Daqui a pouco o Toninho chega, e, enquanto isso, eu vou contar pra você uma estória, quer? (Sem esperar resposta.) Ótimo... (Pensando.) Deixe-me ver... (Lembrando.) Ah! Já sei, eu vou contar pra você a estória da Loja de Brinquedos. Ela é tão linda... (Quase sonhadora.) É assim... (Contando.) Era uma vez um velhinho... Um urso de pelúcia, que se chamava Blim-blom... E dois meninos... Esses meninos estavam preocupados, porque o velhinho estava sem dinheiro... (Começa a adormecer.) Para fazer os brinquedos para o Natal... E foi quando o Blim-blom... Resolveu... (Adormece.)

(A luz vai apagando em toda a cena, ficando apenas um foco na menina dormindo com a cachorrinha. Uma música, com sons espaciais, vai aumentando gradativamente. Luzes de diversas cores se movimentam no fundo do palco, na mesma proporção dos sons espaciais. Neste momento, surge em cena, descendo no fundo do palco, um disco voador... Com muitas luzes, de preferência de cores. Isso tudo e mais as próximas cenas fazem parte do sonho da menina.)

ROSA (acordando): ...Oh!... (Bocejando e espreguiçando-se.) ...Que barulho é esse... (Olhando para trás, vê o disco, fica boquiaberta e maravilhada ao mesmo tempo.)

(Depois da chegada quase mágica do disco voador, com efeitos de luz e de sons espaciais, abre-se a porta do disco e sai, de dentro deste, um homem, vestido com roupa prateada, inclusive luvas, mas sem máscaras de oxigênio ou qualquer outro tipo de máscara espacial. Na aparência, é um homem comum, apenas se diferenciando pelo tom de sua pele, que é completamente verde. Traz na cabeça um chapéu de palhaço, feito de retalhos coloridos, com duas pontas "igual ao chapéu de uma fantasia de arlequim".)

(O Palhaço desce do disco e vai sondando o ambiente. Dá passos lentos, quase em câmara lenta, com gestos largos, de braços e pernas. Vai olhando para todos os lados, como se estivesse procurando alguma coisa. Percebendo a presença da menina, assusta-se e se esconde atrás de uma moita; mas continua observando a menina, com grande curiosidade.)

ROSA (depois de observar toda a cena, esfrega os olhos com as mãos fechadas. Olhando para a Carol, resolve pegá-la no colo): ...Heil... Carol... Você está vendo o que eu estou vendo?... Que loucura, será um disco voador mesmo de verdade?... Ou será algum moleque, querendo me assustar?... Ah! Mas se for... Vai apanhar tanto... Ah! Se vai... Eu vou saber já o que é que está acontecendo... (Vai em direção ao Palhaço, meio assustada.)

(Palhaço, percebendo a aproximação da menina, esconde-se.)

ROSA (susto): Hã!... (Indecisa.) ...Que...

Que... Quem é você???

PALHAÇO (tentando sorrir): ...Eu... Eu sou um palhaço!!!

ROSA (respira, aliviada): ...Ah! Ainda bem... Eu levei um susto...

PALHAÇO: Ora, que bobagem... (Levantando.) ...Por quê?

ROSA: Bem, sei lá... Aquele disco... (Apontando para o disco.) Eu pensei... que você fosse de outro planeta... (Sorri.)

PALHAÇO: E acertou.

ROSA (outro susto): Hãããããã?????... (Fica apavorada.)

PALHAÇO (alegre): Ora... Não precisa ficar assim... Você tem medo de gente?

ROSA (com medo): Nã... Nã... Não... De gente não!

PALHAÇO: E por que é que você está com medo de mim?

ROSA: Bem... É que... Bem... Você... (Tenta sorrir.)

PALHAÇO: Eu o quê? Não sou gente?... É isso que você queria dizer?...

ROSA (rápida): Não... É que... Você... é diferente.

PALHAÇO: Só porque eu sou de outro planeta?

ROSA: ...Bem... Não é que você está pintado de...

PALHAÇO: ...De verde?

ROSA (sorrindo): ...É... E eu me assustei... Imagine só... Que bobagem a minha... (Sorrindo, mais calma.)

PALHAÇO: Mas eu sou verde.

ROSA (assustadíssima): ...Hããããããããã!!!

PALHAÇO: É sim... Eu não estou pintado... Veja. (Mostra o rosto para Rosa.) Eu sou assim mesmo... Olhe bem!

ROSA (de longe): É... (Tenta sorrir.) ...é mesmo.

PALHAÇO: Bem... Mas você ainda não respondeu a minha pergunta.

ROSA (tentando sorrir): Ora... Imagine...

Só... É mesmo???

PALHAÇO: Está vendo... Você nem lembra o que eu perguntei... Eu perguntei se você estava com medo de mim, porque eu sou de outro planeta?

ROSA: Nossa... Que bobagem... (Tentando sorrir.) Medo de você?... (Disfarçando.) Nem passou pela minha cabeça...

PALHAÇO: Puxa!... Que bacana... É mesmo???

ROSA (tentando sorrir): Cla... Cla... Claro!!!

PALHAÇO (bastante alegre): Bem, então devemos nos apresentar. Como é que você chama?... E o que você faz?

ROSA (quase sem medo): Bom... Eu estou na escola da fazenda... E trabalho na roça. Ah!!! e o meu nome é Rosa... (Alegre.) E o seu?

PALHAÇO: Ih!... O meu nome é complicado... Eu me chamo Hastenka Polinski, mas você pode me chamar de Verdinho, tá?... Rô... Rô... (Tentando soletrar o nome da menina.) R o s a. (Sorri.)

ROSA (corrigindo): Não é rōsa, é rōsa. Ao invés de ô é ó, Rōsa...

PALHAÇO: Rōsa... Rōsa... (Sorrindo.) ...Que nome gozado...

ROSA (um pouco nervosa): ...Gozado por quê?... Pois eu gosto muito de rosas...

PALHAÇO (intrigado): Rosas?... O que é isso???

ROSA: Ah!... (Ironicamente, duvidando.) Quer dizer então que você não sabe o que é uma rosa?

PALHAÇO (sério): Não.

ROSA (na dúvida): Não mesmo???

PALHAÇO: Juro... (Faz uma cruz com os dedos da mão e beija-os duas

vezes.)

ROSA (acreditando): Rosa é uma flor que... (Tom.) Você sabe o que é uma flor?

PALHAÇO: Claro que sei... Mas rosa... Nunca vi uma flor com esse nome...

ROSA (com orgulho): Pois fique sabendo que a rosa é a rainha das flores!!!

PALHAÇO (interessado): Por quê?

ROSA: Ah! Sei lá... Porque é a... A mais bonita...

PALHAÇO: Convencida!

ROSA (orgulhosa): É sim... Todo mundo sabe que a rosa é a flor mais bonita que existe... (Para a platéia.) Não é mesmo?

PALHAÇO: No meu planeta a flor mais bonita que existe chama-se verdelonga.

ROSA: Verdelonga???

PALHAÇO: É... Por quê?

ROSA: Ah! Sei lá... (Explicando.) No meu planeta... Nem existe flor com esse nome.

PALHAÇO: Ah! A propósito... Como se chama o seu planeta?

ROSA (desconfiada): Você está me gozando?

PALHAÇO: Não... Claro que não... Por quê?

ROSA: Bem... Sei lá... (Constatando.) Você está aqui no meu planeta e nem ao menos sabe o nome dele???

PALHAÇO (explicando): Olha, Rosa, o meu planeta também tem um nome, mas isso não quer dizer que as pessoas dos outros planetas tenham obrigação de saber como ele é chamado pelos seus habitantes...

ROSA: Bem, isso é verdade... Eu não tinha pensado nisso... Desculpe, tá?

PALHAÇO: Ora, que bobagem, Rosa... (Olhando ao redor.) E, então, como

se chama este aqui?

ROSA: O meu planeta... (Tom.) Bem, nós o chamamos de Terra... E o seu?

PALHAÇO: Terra?

ROSA: É... TERRA... E o seu, como se chama?

PALHAÇO: O meu chama-se Verde... Planeta Verde.

ROSA: Planeta Verde???

PALHAÇO: É.

ROSA (rindo): Que gozado!!!

PALHAÇO: Gozado por quê?

ROSA: Me diga uma coisa, Verdinho... Tudo é verde no Planeta Verde?

PALHAÇO: Tudo... Tudo não, mas a maioria das coisas são verdes.

ROSA: Que legal!!!... E você? O que é que você faz no Planeta Verde?

PALHAÇO: Bem... Eu... (Ouve-se a voz do Toninho, fora de cena, chamando pela Rosa.)

TONINHO (fora de cena): Rosa?... Rosa?... Hei! Rosa?

ROSA: Estou aqui, Toninho... (Palhaço se esconde.)

TONINHO (entrando): Puxa... Eu estou te procurando há um tempão.

ROSA: É mesmo?... Bem, é que eu estava conversando com o Verdinho... (Procura o palhaço.) Ué!!! Cadê ele?... (Chamando.) Verdinho!!! Hei! Verdinho???

(Palhaço levanta a cabeça.)

ROSA: Ah. Olha ele ali... hei! Verdinho, vem aqui... Não tenha medo... O Toninho é meu amigo... Vem... Pode vir...

TONINHO (olhando, espantadíssimo): Quem é ele???

ROSA: Ele se chama Verdinho... E mora no Planeta Verde...

(Palhaço, saindo detrás da moita, aproxima-se.)

TONINHO: Planeta Verde?... Que bobagem, menina!... Quem é ele?

ROSA: É, sim... Ele mora no Planeta Verde. É um outro planeta...

TONINHO (ainda desconfiado): De verdade???

ROSA: Claro que é verdade...

TONINHO: Por isso que ele se chama Verdinho?

PALHAÇO: Não, o meu nome verdadeiro é muito complicado... É mais fácil vocês me chamarem de Verdinho.

TONINHO (ainda desconfiado): ...E como foi que você veio até aqui?

PALHAÇO (mostrando o disco voador): Bem, eu vim com aquele disco ali...

TONINHO (acreditando): ...Puxa... É verdade mesmo... Que bacana... E... é fácil dirigi-lo?...

PALHAÇO: É... É fácil, sim...

TONINHO: Você me ensina?

PALHAÇO: Claro!!!... Quando você quiser.

TONINHO: Que legal!!!... E o que é que você veio fazer aqui?

PALHAÇO: Bem... Quando você chegou, eu ia dizer pra Rosa exatamente isso... Eu sou palhaço no Planeta Verde... E os palhaços divertem as crianças... Mas, acontece que sempre as mesmas palhaçadas, sabe... Chega um momento que elas não divertem mais... Elas não se tornam mais engraçadas... E foi por isso que eu vim aqui... Para ver se...

TONINHO: E o que é que tem aqui de tão engraçado, que não tem no Planeta Verde?

ROSA: Deixa ele explicar, Toninho... Senão a gente não vai entender nada... E eu já estou meia confusa.

PALHAÇO: Olha, gente... É muito fácil entender... Eu vim aqui, como poderia ter ido para qualquer outro planeta igual a este...

ROSA: Igual a este?

PALHAÇO: Claro!... Existem milhares de

planetas, espalhados pelo universo...

TONINHO: Quer dizer que existem milhares de planetas iguais à Terra?

PALHAÇO: Bem... Igual... Igual... É claro que não. Mas existem muitos planetas que pensam e agem como a Terra, como existem muitos planetas que agem de outras maneiras...

ROSA: Como assim?

TONINHO: Eu também não entendi, Verdinho...

PALHAÇO: É o seguinte... Existem planetas que são habitados por seres egoístas... Ou seja, por pessoas que nunca estão contentes com o que têm... e que estão sempre querendo mais... E mais... (Afirmando.) ...Como a Terra, por exemplo.

ROSA: Quer dizer que no Planeta Verde as pessoas não agem dessa forma?

PALHAÇO: Graças a Deus não... Há milhares... E milhares de anos sim, as pessoas verdes do meu planeta pensavam da mesma forma que se pensa hoje em dia, no planeta em que vocês vivem. Mas, atualmente, é muito diferente.

TONINHO: Quer dizer que no Planeta Verde não existem guerras?

PALHAÇO: Claro que não. Já não há mais a necessidade delas...

ROSA: Como assim?

PALHAÇO: As pessoas verdes descobriram que as guerras nada constroem, pelo contrário... Elas destroem o que já está construído.

ROSA: Puxa vida... Que bacana!!!

PALHAÇO: Mas, um dia, isso também vai acontecer no seu planeta...

TONINHO: Me diga uma coisa, Verdinho... E por que você veio parar justamente num planeta

como este?

PALHAÇO: Pois é... como eu ia dizendo... eu vim aqui, como poderia ter ido para qualquer outro planeta igual a este... Eu vim em busca de novas alegrias... de novas emoções... Enfim, de conhecimentos novos.

ROSA: É mesmo? E aonde você vê a vantagem de mostrar, para os meninos verdes, o conhecimento de uma coisa que felizmente eles desconhecem?

PALHAÇO: Ora, Rosa... A função do palhaço é a de divertir, não é?

ROSA: É.

PALHAÇO: Então... Se eu... (Explicando.) ...Se eu representar no picadeiro pra eles, por exemplo... Vestindo uma calça curta... E os outros palhaços, meus colegas, que trabalham comigo, no mesmo circo, estiverem usando calças compridas... E eu chegar pra eles e disser que quero a calça deles... Logicamente, eles vão me dizer... Ora, compra uma pra você, não é mesmo?

ROSA: É verdade.

TONINHO: Claro que vão.

PALHAÇO: Então... Aí eu digo... Eu não vou comprar nada... Eu quero essas aí de vocês e pronto... Evidentemente, eles vão me responder... Não damos... Aí, eu digo pra eles... então, eu tiro a calça de vocês à força... E fingimos uma briga no picadeiro. As crianças verdes, do meu planeta, que estiverem assistindo, vão achar tão ridículo uma briga, por causa de calças, que vão morrer de rir... Não é verdade?

TONINHO: Bom, isso é.

ROSA: É claro que vão, isso pra eles é novidade... Elas nunca viram briga...

Não é mesmo?

PALHAÇO: Então... E esse é um exemplo... Como esse, eu posso criar vários outros números inéditos e engraçados.

ROSA: É... Você tem razão.

TONINHO (pensativo): Que mais existe de interessante e comum no Planeta Verde?

PALHAÇO: Ah!... Sei lá... Depende... Por exemplo, no meu planeta os habitantes têm um conhecimento muito grande do poder da mente.

TONINHO: O que é isso???

PALHAÇO: Bem... Isso é muito complicado para explicar agora... Mas acontece mais ou menos assim... Se... (Explica.) Se você quiser que alguma coisa aconteça, ou que algum desejo se realize, você fecha os olhos e pensa firmemente nele, achando que ele vai se realizar. Aí você vai ver o seu desejo realizado. Não é legal?

ROSA: Puxa... Se é... Mas, me diga uma coisa, Verdinho. Com qualquer desejo dá certo?

PALHAÇO: Não!!! Com qualquer desejo não. Só dá certo se o seu desejo for realmente um bom desejo... Por quê? Você... Você tem algum bom desejo e que não prejudique ninguém?...

ROSA (sorrindo, emocionada): ...Eu tenho...

PALHAÇO: E pode-se saber que desejo é esse?...

ROSA: Claro... (Quase sonhadora.) ...Sabe, Verdinho... eu gostaria muito que o Zelão fosse como a gente... Que andasse, pensasse... Falasse. Nem que fosse por pouco tempo... Puxa vida... Seria tão legal...

PALHAÇO: Zelão?... O que é isso?

TONINHO: Zelão é o espantalho.

PALHAÇO: Espantalho?... Que negócio é esse?

TONINHO: Bem... Espantalho é um boneco feito de palha, vestido com roupa de gente, para ficar parecido com um homem.

PALHAÇO: Que loucura! Um homem feito de palha????...

ROSA: Um homem não, Verdinho... Um boneco.

PALHAÇO: Sim... Sim... Um boneco... Isso eu entendi. Eu só não entendo para que é que serve um boneco de palha, vestido como um homem!

TONINHO: Para espantar os passarinhos.

PALHAÇO: Como?

ROSA: Os passarinhos... Sabe... Eles vinham e comiam as verduras e as hortaliças da dona Diolinda... Que é a dona da parte de lá... (Apontando a área onde se encontra o espantalho.) Aí ela resolveu fazer um espantalho, para espantar os passarinhos. Mas não adianta nada, eles sabem que o espantalho não é gente... E nem ligam... Chegam até a pousar na cabeça do Zelão. (Tom.) Zelão não é um nome bonito?

PALHAÇO: É... É bonito sim...

ROSA: Foi uma amiga nossa, chamada Elisa, quem deu esse nome pra ele.

PALHAÇO: Me diga uma coisa, Rosa... Por que você gostaria que o Zelão se mexesse... andasse ou falasse?

ROSA: Ah!... Sei lá... Eu gosto tanto dele... E depois, coitado, eu tenho pena por ele ficar aí, no quintal, numa posição só, o tempo todo... Com chuva, frio, sol, durante a noite... (Sorri.) E é esse o meu desejo... Você perguntou qual era e eu... Eu respondi.

PALHAÇO: Está bem. Vamos satisfazer o seu desejo.

MENINOS (com alegria): Oba! que legal! Você é bárbaro!!! Que bacana!!!

PALHAÇO: Muito bem, meninos, agora fiquem aqui, de costas para o Zelão... Com os olhos bem fechados e... E pensem firmemente que o Zelão vai ser gente como a gente... Mas não esqueçam que ele sempre será de palha e que ficará entre nós por muito pouco tempo, porque a função dele é vigiar as verduras e as hortaliças da Dona Diolinda, está bem?

MENINOS: Está.

PALHAÇO: Ótimo. Agora fechem os olhos e fiquem de costas para o Zelão.

(Os meninos fecham os olhos e viram as costas para o espantalho.)

PALHAÇO: Muito bem... (Faz movimentos não mágicos, mas de uma certa passividade, quase ritualista.) Pronto... Agora podem abrir os olhos...

(Os meninos abrem os olhos com grande curiosidade.)

ZELÃO (começa a se mexer, lentamente, com mínimos movimentos, aumentando-os gradativamente. Espreguiça-se várias vezes e boceja.) ...Puxa vida!... Até que enfim eu posso me mexer... Como é cansativo ficar numa posição só... (Para Rosa.) Ainda bem que você se lembrou de mim...

ROSA: Ah!... Mas é que eu gosto muito do Senhor!

ZELÃO: Senhor???... Ora, chame-me apenas de Zelão...

ROSA: Nossa!!!... Vo... Você sabe o seu nome???

ZELÃO: Claro!!!

ROSA: E quem foi que te contou?

ZELÃO: Ora, Rosa... Eu ouço tudo e... E vejo qualquer coisa que passa na minha frente...

TONINHO: Quer dizer então que você ouviu tudo?...

ZELÃO (interrompendo): Evidentemente que sim, não só ouvi como participei de tudo o que aconteceu... (Explicando.) Um espantalho tem que ficar imóvel... Mas isso não quer dizer que ele não possa ver, ouvir, ou mesmo sentir e perceber o que está se passando à sua volta.

ROSA: Puxa!!!... Que maravilhoso... (Olhando para o palhaço.) Muito obrigada.

PALHAÇO: Obrigado do quê?

ROSA: Ora! De você dar vida ao Zelão...

PALHAÇO: Que bobagem, Rosa!!! Não fui eu quem deu vida ao Zelão.

TONINHO: Não!!! Então quem foi?

PALHAÇO: Foram vocês mesmos...

TONINHO: Nós?... Como assim?

PALHAÇO (explicando): Muito fácil!!!... A Rosa e você tinham um bom desejo... E que aqui, no caso, era o de dar vida ao Zelão, certo?

MENINOS: Certo.

PALHAÇO: Pois bem. Aí vocês pensaram firmemente nisso e pronto. O Zelão passou a ser gente como a gente. Isso é o poder da mente.

ROSA: Quer dizer que, se a gente quiser, a gente pode conseguir qualquer coisa?

PALHAÇO: Bem... Como eu já expliquei, qualquer coisa não...

ZELÃO: Claro, Rosa... Isso só dá certo se for uma boa coisa, ou melhor, se o seu desejo for realmente um bom desejo.

TONINHO: Mas eu tenho um milhão de bons desejos...

PALHAÇO: Calma, Toninho... A coisa não

é tão fácil como talvez vocês estejam pensando... O poder e o conhecimento da mente é muito profundo e requer muito tempo de estudo... Talvez até milhares de anos... E os habitantes da Terra ainda não estão preparados para isso.

TONINHO: Ah! Que pena...

ROSA: Puxa vida, Verdinho... Seria tão bom se os habitantes da Terra tivessem os conhecimentos que têm os homens do Planeta Verde...

PALHAÇO: Bem, isso é verdade... Seria mesmo. Mas, um dia, será diferente...

ZELÃO: Mas, quando será esse dia?

PALHAÇO: Preste bem atenção, Zelão. Quando o homem, na Terra, não tiver mais ambições... Quando ele não se preocupar mais com as guerras e com a destruição dos povos... Ah!... A partir desse dia, ele será feliz...

TONINHO: Quer dizer que tudo o que ele desejar, ele vai conseguir?

ZELÃO: Claro! Porque, quando isso acontecer, ele só terá bons desejos.

PALHAÇO: Muito bem, Zelão! Gostei de ver. Você aprendeu direitinho a lição. Será exatamente isso o que vai acontecer...

ROSA: Puxa vida! Vai ser maravilhoso...

MÚSICA

(Ao término da música, ouve-se a voz de Dona Diolinda, dona do espantalho, das verduras e das hortaliças, que se aproxima, muito nervosa.)

ROSA: Nossa, a Dona Diolinda vem vindo...

TONINHO: E agora? O que a gente vai fazer?

ZELÃO: Virgem Santa!!!... É melhor eu voltar para o meu lugar...

PALHAÇO: É sim, é o melhor que temos a fazer... O Zelão volta para o lugar dele, e a gente se esconde para ver o que acontece.

(Nervosa, a Dona Diolinda entra.)

DIOLINDA (entrando): Mas o que é que está acontecendo por aqui, eu ouvi vozes!!! Ah! Já sei, devem ser dos meninos... Da Rosa e do Toninho. Esses dois são levados... Devem ter entrado na horta, pra roubar as verduras... Mas se eu pego esses dois, eles vão ver só... Vou dar uma surra neles, que eles nunca mais vão esquecer. Oh! Molecada triste!... (Vai saindo, olha para o espantalho e pára perto dele.) E essa porcaria de espantalho que eu fiz, não serve para nada mesmo... Não assusta nem pernilongo, quanto mais passarinhos! E os passarinhos continuam comendo tudo... E já sei o que é que eu vou fazer... Eu vou buscar uma tesoura e desmanchar esse espantalho porque, pelo menos, a palha dá pra aproveitar... Quem sabe dá até pra eu fazer um colchão de palha... É... É isso mesmo... Eu vou fazer é um colchão com essa palha... Boa idéia... (Sai.)

(Vão aparecendo, um a um, os personagens que estavam escondidos.)

ROSA: Ei! Zelão!. Ela já foi...

TONINHO: É sim, pode sair...

PALHAÇO: Aproveita, agora... Porque ela disse que vai voltar.

ZELÃO (saindo da posição): E volta mesmo... Essa mulher é uma jararaca. Ela disse que vai me desmanchar.

PALHAÇO: Vai nada... Eu tive uma idéia

genial.

ROSA: Qual é?

TONINHO: Então, conta logo.

PALHAÇO: É o seguinte... A gente...

ZELÃO: Espera um pouco... E se a gente se reunisse, todo mundo, e pensasse firmemente um desejo?

TONINHO: É uma boa...

PALHAÇO: É verdade... Mas qual seria o desejo?

ZELÃO: Bem... O desejo seria o de fazer ela sumir de uma vez.

ROSA: Isso não dá certo.

PALHAÇO: Claro que não.

ZELÃO: Por que não?

PALHAÇO: Porque não é um bom desejo, Zelão... E isso só dá certo com bons pensamentos...

ZELÃO: É .. Então não tem jeito mesmo... O negócio é eu virar colchão de palha... E fim de papo.

(Todos riem.)

ZELÃO: É. sim... Bem, pelo menos tem uma vantagem... Ao invés de ficar de pé, eu vou ficar deitado o tempo todo... E, depois, esse negócio de espantar passarinho não é comigo mesmo... Na verdade, eu até gosto de passarinhos e não ligo nem um pouco quando eles comem as verduras da velha... (Suspira.) ...Ah! se vocês vissem... Quando começa amanhecer o dia! É uma beleza!... Eles vêm de bando... Pousam na minha cabeça, como se me dissessem... (Como se estivesse cumprimentando alguém.) Bom dia, Zelão! E, depois avançam na horta e comem de tudo... Aí, quando eles já estão de barriga cheia e bem satisfeitos, vão embora, voando e cantando... Tão bonito que dá gosto a gente ouvir... Mas, no fim da tarde, eles voltam...

comem mais um pouco e vão dormir. Aí, quando ela aparece, fica louca da vida. Xinga todo mundo... Xinga os passarinhos... Xinga eu também... É uma barbaridade! É duro ser espantalho e gostar de passarinhos... Mas, o que é que eu vou fazer?... Eu gosto deles... E, por mim, eles podem comer tudo que tem aí... Que eu nem ligo.

MÚSICA

(Ao término da música.)

ROSA: Zelão, você é bobo mesmo, hein!

TONINHO: É sim, Zelão...

ZELÃO: Bobo, por quê?

ROSA: Ora, todo mundo é importante, cada um na sua função.

ZELÃO: Mas eu não sou importante...

TONINHO: Claro que é...

ROSA: Ora, Zelão, se você não fosse importante, você não seria feito...

ZELÃO: Bom, isso é verdade... Apesar de que agora será outra a minha função... Daqui para a frente, eu vou ser cama de velha rabujenta.

(Todos riem.)

PALHAÇO: Será que vocês não perceberam que eu disse que tinha uma idéia? E vocês, nem por educação, se preocuparam em saber qual é a minha idéia?

ROSA: Ail... É verdade... Mas foi o Zelão que interrompeu...

TONINHO: Desculpe, Verdinho...

ZELÃO (brincando): Muito bem... Ouçamos então a idéia do Dr. Abacate...

(Todos riem.)

PALHAÇO: Muiússimo obrigado, Dr. Palheta...

(Todos riem, menos o espantalho.)

PALHAÇO: É o seguinte... Quando ela

voltar, nós nos escondemos, inclusive você, viu, Zelão... Só para ver a cara dela... Aí, dependendo do que ela disser, quando não vir você no lugar de costume, nós bolamos um novo plano. Que tal?

ROSA: Eu acho uma ótima idéia...

TONINHO: Eu também... E você Zelão? O que você acha?

ZELÃO (gostando): Ah! Esse negócio de brincar de esconde-esconde e fazer os outros de bobo é comigo mesmo! Eu topo.

PALHAÇO: Me digam uma coisa. Por falar em esconde-esconde... do que brincam os meninos na Terra?

ROSA: Ah! De uma porção de coisas... De casinha... De boneca...

TONINHO: De jogo de botões... De índio... De bolinha de gude...

ZELÃO: De médico... De cabaninha...

PALHAÇO: Que bacana!... Vocês precisam me ensinar algumas dessas brincadeiras...

ROSA (para o palhaço): E os meninos verdes?... Do que brincam?

PALHAÇO: Bem, os meninos verdes brincam de outra maneira...

TONINHO: De que maneira?

PALHAÇO: Ah!... É diferente... Por exemplo, eles brincam muito de apresentar...

ROSA: Apresentar???

PALHAÇO: É... Para os meninos do Planeta Verde, apresentar é a brincadeira predileta.

TONINHO: Ensina pra gente?

PALHAÇO: Claro... É muito simples. (Tom.) Sentem-se aqui... (Explicando.) Bem... vocês sabem perfeitamente que as fadas, feiticeiros, mágicos e bruxos, na realidade, nunca existiram, não é mesmo?

MENINOS: É claro!... Evidente!...

PALHAÇO (continuando): Assim, como

nunca existiram príncipes e princesas encantados... Nem voadores, etc. Esses personagens existem apenas como histórias infantis... Ou como uma fantasia mágica de aventuras, para as crianças, certo?

MENINOS: Certo.

ZELÃO: Mas... Eu gosto muito dessas histórias... E... E desses personagens também...

PALHAÇO: Mas todos nós gostamos... Eu acho até que a maioria dos adultos também. E os meninos verdes, do meu planeta, brincam, de apresentar essas histórias.

TONINHO: Eu não entendi, Verdinho!!!

ROSA: Como é isso?

ZELÃO: Como você pode ver, ninguém aqui entendeu nada... É melhor você continuar explicando... Certo, Dr. Pepino?

PALHAÇO: Certo... Certo, Sr. Zelão... Prestem bem atenção. Vocês formam um grupo de meninos e meninas. Aí vocês escolhem uma história qualquer, que seja do agrado da maioria dos meninos... Aí, cada menino... Ou menina faz de conta que é um personagem dessa história, agindo e reagindo como reagiria o personagem escolhido... E apresenta para os outros meninos que não estão participando da apresentação dessa história. Depois os meninos que assistiram à apresentação dessa história, escolhem outra história e apresentam para o primeiro grupo... E assim por diante... É muito gostoso brincar de apresentar histórias e ao mesmo tempo desenvolve a nossa imaginação.

ROSA: Ah! Eu já entendi... Os meninos

verdes chamam essa brincadeira de apresentar e nós aqui na Terra chamamos de teatrinho.

PALHAÇO: Teatrinho???

TONINHO: É, teatrinho.

ZELÃO: Com uma grande diferença... Os meninos do Planeta Verde brincam sempre de fazer teatrinho, como qualquer outra brincadeira... E os meninos da Terra apenas assistem aos teatrinhos... E assim mesmo são muito poucos os que têm essa oportunidade.

ROSA: Bem... Isso é verdade.

TONINHO: Mas nunca é tarde para começar, não é mesmo, Verdinho?

PALHAÇO: Claro! E eu, se fosse vocês, começaria o mais rapidamente possível. É tão simples... Basta apenas reunir alguns meninos e meninas... E mãos à obra.

(Diolinda está fora de cena, falando alto.)

ZELÃO: Olha, aí vem ela! E agora???

PALHAÇO: Então vamos nos esconder.

ROSA: Corre, Zelão. Se não ela te vê.

TONINHO (rindo): Quero só ver a cara dela.

ZELÃO: Eu não... O que eu não quero é exatamente ver a cara dela.

(Todos se escondem.)

DIOLINDA (entrando, com uma tesoura grande na mão, sem olhar para o lugar onde deveria estar o espantalho): Ufa! Até que enfim eu vou ter uma cama pra dormir! Foi a melhor ideia que eu já tive... (Olha e não vê o espantalho.) Hã???(Dá um grito.) Ai!... O que aconteceu?... Cadê o espantalho...? (Procura-o.) Mas ele não pode ter sumido daqui... (Desconfiando.) A não ser que aqueles dois moleques tiraram ele daqui, pra brincar... (Compreendendo.) Ah!... Agora é

que eu estou começando a entender... Então é por isso que os passarinhos comem tudo... Não é por culpa do espantalho que eu fiz... Eu bem que estava desconfiada, é porque eles carregam o boneco, sabe Deus pra onde, todos os dias, e depois colocam-no novamente no lugar, pra eu não perceber... Mas já sei o que é que vou fazer. Isso mesmo... Vou fazer um outro espantalho igualzinho àquele, mas de chiclete, e vou disfarçar com algumas palhas... Eles nem vão perceber... Daqui a pouco eles vão colocar o espantalho novamente no lugar, como devem fazer sempre, e eu troco o de palha pelo de chiclete... E, amanhã, quando eles forem pegar o boneco de palha, vão ficar grudados no de chiclete... E vão levar a maior surra que já levaram na vida... O que é que eles estão pensando? Que iam me tapear a vida toda?... Pois sim! Eles vão ver só... Vou já pra casa fazer o espantalho de chiclete, que eles já devem estar chegando por aí com o boneco de palha... (Ri.) Quero só ver a cara deles amanhã... (Sai rindo muito.)

(Meninos, Zelão, Carol e Palhaço vão aparecendo pé ante pé.)

PALHAÇO: Estão vendo só, eu não disse?

ZELÃO: Disse o quê?

PALHAÇO: Eu disse que a melhor coisa era nos escondermos, pra saber o que é que ela iria fazer?

ROSA: Disse sim...

TONINHO: É verdade, Verdinho... Você tinha razão.

ZELÃO: Bem, mas e daí???

PALHAÇO: Daí que nós já sabemos quais são os planos da dona Diolinda, e

não vamos ser bobos de encostar no espantalho de chiclete, para ficarmos grudados... (Para o espantalho.) Concorda?

ZELÃO (gozando): Ótima a idéia aqui do Dr. Espinafre. Só que ele se preocupou em salvar a própria pele e a dos meninos... Mas o destino do trouxa aqui ainda é o mesmo... Virar cama pra essa velha rabujenta!

ROSA: Coitado do Zelão!

TONINHO: É verdade, Verdinho...

PALHAÇO: Mas, você é burro mesmo, heim! Zelão... Não é à toa que é feito de palha...

ZELÃO: Burro é o espinafre do seu pai... A salsinha da sua mãe... E o resto dos seus verdejantes parentes... E, de mais a mais, eu sou feito de palha, mas tenho cabeça.

PALHAÇO: É, mas só pode ser uma cabeça oca.

ZELÃO: Oca por quê?

PALHAÇO: Porque eu nem terminei de bolar o meu plano e...

ZELÃO: Plano esse em que não estou nem incluído.

PALHAÇO: E por quê? Heim!?

ZELÃO: Sei lá por quê.

PALHAÇO: Eu sei por quê... Exatamente porque você me interrompeu.

ROSA: É verdade, Zelão, o Verdinho nem tinha terminado de contar o plano dele e você já ficou todo nervoso...

TONINHO: Bem, se a gente continuar discutindo por mais tempo, a Dona Diolinda chega com o espantalho de chiclete e nós não vamos saber o que fazer. Simplesmente porque o Verdinho não conseguiu explicar o plano dele... (Olha para o espantalho.) E aí sim é que você vai virar colchão de velha rabujenta mesmo...

ZELÃO: Está bem... (Olhando para o palhacinho.) Diga-nos então qual é o seu verdíssimo plano?

PALHAÇO: Ufa! Até que enfim... (Para o espantalho.) Muitíssimo obrigado... (Faz uma mesura.) Dr. Palheta... (Tomando fôlego.) É o seguinte... (Explicando.) Quando ela voltar com o espantalho de chiclete, nós nos esconderemos todos, menos o Zelão. Aí...

ZELÃO: Aí ela dá uma cacetada na minha cabeça e pronto. Tá vendo só? Eu não disse?

ROSA: Calma, Zelão... Ele ainda não acabou.

TONINHO: Zelão, você quer fazer o favor de não falar mais nada... Apenas ver e ouvir?

ZELÃO (concordando): Hum-hum! (Tampa a boca com uma das mãos, arregala os dois olhos e com a outra mão em uma das orelhas, faz o gesto de quem quer ouvir melhor a conversa.)

(Todos riem.)

PALHAÇO: Ótimo, Zelão... Não saia mais dessa posição... (Para os meninos.) Então, como eu ia dizendo, nós nos escondemos... O Zelão volta para o lugar dele e fica imóvel... Quando ela for trocar o Zelão pelo espantalho de chiclete, ele começa a se mexer, mas muito pouco... Aí, toda vez que ela não estiver olhando o Zelão, ele troca de posição... Cada vez fazendo uma careta diferente... Sem dúvida, ela vai ficar apavorada... (Rindo.) Agora que nós vamos nos divertir muito... Isso vamos... Eu tenho certeza que ela vai pensar que está vendo alguma alma do outro mundo, fantasma ou lobisomem... Sei lá... Essas coisas que nós

sabemos que não existem, mas que as pessoas ignorantes acreditam que existem... (Rindo.) Vai ser tão gozado... Coitada da dona Diolinda, ela vai correr tanto... mas tanto, que nunca mais vai ter coragem de olhar para a cara do Zelão.

ROSA (rindo.): Ai! Verdinho, eu acho que na hora eu não vou agüentar... Eu vou estourar de rir... Só de ver a cara dela...

TONINHO: Eu também... Mas a gente tem que segurar o riso... Agora, depois que ela for embora, aí a gente arrebenta de rir.

PALHAÇO: O que vocês acham do plano?

ROSA: Ai!... Eu acho ótimo...

TONINHO: Eu também... Genial... Vai ser bárbaro.

PALHAÇO: E você, Zelão?... O que é que você acha?

(Zelão, que continuou na mesma posição, responde com a boca tampada pela mão, mas ninguém entende nada.)

PALHAÇO (rindo): Eu não entendi nada, Zelão... Fala direito.

(Zelão fala qualquer coisa ainda com a mão na boca tampada.)

ROSA: Tira a mão da boca, né, Zelão... Fala direito.

ZELÃO (tirando a mão da boca): ...Ué! Vocês mesmos é que me mandaram tampar a boca e agora já mudaram de idéia?

TONINHO: Não, Zelão... Nós mandamos você tampar a boca durante a explicação do plano do Verdinho... Mas, agora, você já pode falar.

ZELÃO: Bom... Se é assim... Então... Está bem... (Pausa.)

ROSA: Então, fala, Zelão... Diz...

TONINHO: O que é que você acha do

plano?

ZELÃO: Bem... Eu acho que não vai dar certo.

PALHAÇO: Por que, Zelão?

ZELÃO: Será que nem por um momento passou pela cabeça de vocês que eu também posso morrer de rir da cara da velha?

(Todos riem muito.)

ZELÃO: Tenho direito, não tenho?

TONINHO: Tem. Mas se você rir, o azar é seu. Quem vai virar colchão de palha é você, e não nós. E se me permite... Você não gostou muito da idéia de ser o colchão de palha de Dona Diolinda.

MÚSICA

(Ao término da música, ouvem-se vozes da Dona Diolinda.)

ROSA: Olha, a Dona Diolinda vem vindo...

TONINHO: Corre, Zelão, fica lá no seu lugar, depressa!

(Zelão fica desatinado, corre para os lugares errados. Meninos correm atrás dele.)

ROSA: Aí não, Zelão! Anda rápido!

TONINHO: Corre, Zelão! Aí não! No teu lugar...

PALHAÇO: Não, Zelão... Aí não... No teu lugar de sempre... Depressa, senão ela chega!

(Zelão tropeça e cai no chão. Meninos ficam pavorados.)

ROSA: Ajuda, aqui, Verdinho... Ele caiu... E agora? (Tenta levantar o espantalho.)

TONINHO: Levanta, depressa, Zelão!... Se não ela chega... (Ajudando a levantar o espantalho.)

PALHAÇO (levanta o espantalho): Pronto. Agora corre, fica lá no teu lugar. Depressa. E muito cuidado, hein! Se

você rir, já sabe, né?

ZELÃO: Sei. Mas não precisa ficar me lembrando a toda hora... (Sobe para o seu lugar e fica imóvel.)

PALHAÇO: Depressa, meninos, escondam-se.

(Todos se escondem, cada um em um lugar diferente.)

(Diolinda entra com um espantalho de chiclete, com aparência semelhante à do Zelão.)

MÚSICA

DIOLINDA: Ah! Viu... Dito e feito... Como eu imaginei... Eles já cansaram de brincar com o boneco e agora puseram ele no lugar... (Olha para o espantalho, que lhe pisca um olho.) Hããã!!! O que é isso? Ah! Que bobagem... Imaginem só... (Para a platéia.) Eu tive a impressão que esse boneco me piscou um olho... (Ri.) Acho que eu tenho trabalhado demais... (Vira de costas para o espantalho.)

(Zelão aproveita a ocasião e muda de posição.)

DIOLINDA (para a platéia): ...Eu preciso tirar umas férias... (Olha para o espantalho.) Nossa! (Assusta-se.) Virgem Maria! Esse boneco se mexeu! Ele não estava assim... (Vira-se para a platéia.)

(Zelão muda novamente a posição.)

DIOLINDA (para a platéia): Ou será impressão minha? ...Ah! Deve ser... mas esse boneco aqui, que eu fiz, de chiclete, é igualzinho ao de palha, e os meninos nem vão perceber que eu troquei... (Vira-se para Zelão.) Ai! (Leva um susto enorme.) Meu Deus! Ele se mexeu mesmo! Agora eu tenho certeza... (Fica paralisada, tremendo o corpo)

todo, olhando para o espantalho, horrorizada.)

(Zelão olha para Diolinda, dá uma piscadinha e um tchauzinho.)

DIOLINDA: Cruz-credo! (Benze-se.) Deve ser alma penada! Esse boneco está enfeitado... Minha mãe do céu... Juro que nunca mais eu volto neste lugar, mas, me tira daqui, eu não tô conseguindo fugir! (Continua tremendo, sem conseguir sair do lugar.)

(Zelão começa a bocejar, como se tivesse sono.)

DIOLINDA (joga o espantalho de chiclete no chão e consegue correr, gritando desesperadamente): Socorro! Me acudam... pelo amor de Deus... (Vai saindo, sempre correndo e chamando vários nomes de santos.)

(Entram meninos, palhaço e Carol. Todos riem muito. Zelão sai do seu lugar, rindo muito também e vem se juntar aos outros.)

ROSA (rindo): Coitada da dona Diolinda... Ela quase morreu de susto...

TONINHO (rindo): Vocês viram? Ela nem conseguia correr...

PALHAÇO: Hei, pessoal?... Olhem... Ela deixou o espantalho de chiclete aqui... Que legal!!!

ROSA: É mesmo! E ele é igualzinho ao Zelão... Pena que é de chiclete.

TONINHO: Pena por quê?

ROSA: Porque, se a gente pegar nele, fica grudado...

TONINHO: Esperem. Eu tive uma idéia... E se a gente pusesse o boneco de chiclete no lugar do Zelão?

ROSA: É mesmo, o Zelão fica com a gente e o de chiclete toma conta das verduras...

ZELÃO: De maneira nenhuma...

ROSA: Por quê?

ZELÃO: Ora, porque não, eu gosto dos passarinhos... E eles também gostam de mim... e eu sentiria muito a falta deles... Da visita diária, do canto deles, e, depois, coitadinhos, se o boneco de chiclete ficasse no meu lugar, eles ficariam presos no chiclete do boneco e morreriam de fome e de sede. Não! Não... De forma nenhuma. E depois, no fundo, eu gosto da minha função... Jamais eu seria feliz se vivesse com vocês.

TONINHO: Por quê, Zelão?

ROSA: Puxa! Zelão... Você não gosta da gente?

ZELÃO: Claro que eu gosto. Mas é que...

PALHAÇO: Eu acho que sei o que você quer dizer, Zelão. (Para os meninos.) Se o Zelão ficasse com vocês, ele não poderia ser realmente feliz e se sentiria deslocado porque, na verdade, ele não é gente como a gente. Ele é feito de palha... gosta de ser espantalho e gosta dos passarinhos também.

(Meninos ficam tristonhos e pensativos.)

PALHAÇO (continuando): Um outro exemplo. Digam sinceramente... Se eu pedisse para vocês irem comigo, pro Planeta Verde... Apesar de vocês entenderem que o Planeta Verde é muito mais evoluído, muito mais adiantado... E muito melhor do que a Terra... (Pausa.) Vocês viriam? (Pausa.) Viriam comigo? Para sempre?

ROSA (pausa): Não, Verdinho... Na verdade, eu não iria... Eu sentiria muitas saudades daqui... Dos meus pais... Dos meus amigos... Do Zelão... Da Carol.. (Pausa.) E até da Dona Diolinda...

TONINHO: É verdade, Verdinho... Eu também não gostaria de ir para o Planeta Verde... Bem, a não ser que fosse só para conhecer e voltar...

PALHAÇO: É... (Pensativo.) Eu sei disso... E não seria um egoísmo muito grande da parte de vocês quererem o Zelão só para vocês?

ROSA: Seria sim, Verdinho...

TONINHO: Claro... claro, que seria...

PALHAÇO: Então?

MÚSICA

(Ao término da música.)

PALHAÇO: Bem, agora, nós todos vamos pensar firmemente que o Zelão é apenas um espantalho. Sem vida, de palha e que não pode se mexer... Porque é essa a vontade dele. E para isso ele foi criado. (Tom.) E como esse é um bom desejo... será muito fácil de se realizar. Certo?

MENINOS: Certo.

ZELÃO: Ótima idéia. (Vai para o seu lugar, sem despedidas.) Até a próxima vez, pessoal!!!

TODOS: Até a próxima!!!

(Meninos voltam as costas para o espantalho e fecham os olhos.)

PALHAÇO (faz alguns movimentos, como os da primeira transformação, e o espantalho passa novamente a exercer a sua função, imóvel): Pronto, meninos. Já podem abrir os olhos...

ROSA: Puxa!... (Quase triste.) Coitado do Zelão...

TONINHO: Agora ele não pode mais se mexer... Coitado...

PALHAÇO: O que é isso, meninos! Que coitado, que nada... Quem disse que o Zelão não pode mais se mexer?

ROSA: E pode???

PALHAÇO: Claro que pode!!! (Meninos suspiram, aliviados e contentes.)

TONINHO: Quando???

PALHAÇO: Quando vocês quiserem...

ROSA: Todas as vezes que a gente quiser???

PALHAÇO: Todas.

ROSA: Que legal!!!

TONINHO: E como é que a gente faz?

PALHAÇO: Imaginem!

ROSA: Imaginar???

TONINHO: Verdinho! Eu não estou entendendo...

PALHAÇO: Prestem atenção... (Explicando.) Tudo o que aconteceu hoje, com o Zelão, foi apenas a nossa imaginação...

MENINOS: Imaginação???

PALHAÇO: Lógico. Imaginação... Isso mesmo... (Explicando.) Olhem... Vocês, isto é, nós imaginamos que o Zelão tivesse vida própria... Porque nós quisemos que fosse assim. Tudo o que o Zelão fez, não passou da nossa imaginação...

ROSA: Quer dizer que, todas as vezes que nós quisermos que o Zelão brinque conosco, é só imaginar???

PALHAÇO: Claro! É isso.

TONINHO: Puxa! Mas é facilímo... Que legal!!!

ROSA: Quer dizer que os meninos verdes também sabem imaginar?

PALHAÇO: Claro! Os meninos verdes sabem usar a sua imaginação...

TONINHO: Mas, isso é muito divertido! A gente pode imaginar uma porção de brincadeiras, não é mesmo, Verdinho?

PALHAÇO: Lógico que podem...

ROSA: Verdinho... Você é realmente maravilhoso... E o seu planeta deve ser muito bacana...

PALHAÇO: Vocês gostariam de conhecer o meu planeta?

TONINHO: Eu gostaria...

ROSA: Eu também, Verdinho... Eu gostaria muito de conhecer o planeta encantado do homem verde... (Tom.) Mas, quanto tempo se leva de viagem?

PALHAÇO: Ida e volta?

TONINHO: Claro!!! Ida e volta?

PALHAÇO: Bem... Alguns dias. Uns quinze, talvez. Eu não sei como se contam os dias, aqui no seu planeta, mas, no Planeta Verde, quinze dias é muito tempo.

TONINHO: Quinze dias dentro do disco voador???

PALHAÇO: Claro, Toninho.

TONINHO: Nossa!... Mas eu pensei que ele voasse com muita velocidade...

PALHAÇO: Mas ele voa sim... Talvez até com mais velocidade do que vocês possam imaginar. Mas o Planeta Verde é muito distante da Terra.

ROSA: Que pena!

TONINHO: Ah! Mas você vem pra cá... Pra você é muito mais fácil.

PALHAÇO: Eu venho, sim... Será que eu posso levar esse espantalho de chiclete, para mostrar para os meninos verdes qual é a função desse boneco na Terra?

TONINHO: Pode, sim. Mas leva um pouco de palha também... Assim você explica para eles que, na verdade, um espantalho é feito de palha e não faz mal a ninguém...

PALHAÇO: Boa idéia, Toninho!

ROSA (pegando a sua cesta de flores): Verdinho... Olha... Estas flores eu... Eu colhi no campo, pouco tempo antes de você chegar... (Dando para o palhaço.) São para você. Quem sabe elas duram até o final

da sua viagem...

PALHAÇO: Obrigado, Rosa. Elas duram sim. No disco tem um dispositivo de conservação de alimentos, que pode conservá-las intactas por muito tempo mesmo... (Emocionado.) Muito obrigado.

TONINHO: Mas, as flores não são alimentos!

PALHAÇO: Acontece, Toninho, que no Planeta Verde, nós, os habitantes, nos alimentamos única e exclusivamente de verduras e legumes... E como as flores e as verduras são quase da mesma espécie, vocês podem ter a certeza de que estas flores chegarão fresquinhas. (Tom.) Mas eu gostaria de dar para vocês, em troca, pelas flores e pelo espantalho de chiclete, uma lembrança do Planeta Verde... (Vai até o disco e pega um livro.) Olhem, aqui está. (Entrega na mão da Rosa.) Guarde bem com você. É um livro de como usar a imaginação e de como se brinca de apresentar... Ou de fazer teatrinho, como dizem vocês. Será muito bom para vocês... (Sorri.) Bem, mas, eu preciso ir embora...

TONINHO: Já???

ROSA: Ah! Fica mais um pouco, Verdinho...

PALHAÇO: Não dá, gente... Eu gostaria muito, mas não dá mesmo... (Tom.) Mas não dá mesmo... (Tom.) Mas, um dia eu voltarei.

ROSA: Mesmo?

PALHAÇO: Mesmo.

TONINHO: A gente espera você... Tchau, Verdinho... E obrigado.

ROSA: Tchau, Verdinho e muito obrigado por tudo o que você nos ensinou.

PALHAÇO: Eu é que agradeço, gente!

Vocês são maravilhosos... Eu vim aqui em busca de alguma novidade e vou levando muito mais do que imaginei... (Colocando a mão no peito.) Missão cumprida!... (Ri.)

(Meninos riem.)

PALHAÇO (acenando na porta do disco): Tchau!

MENINOS (acenando também): Tchau! Tchau!

(A porta do disco se fecha lentamente, com efeitos de gelo seco, e o disco vai subindo, acompanhado de luzes coloridas e de sons espaciais, lentamente.)

(Meninos dão um suspiro.)

TONINHO (olhando o relógio): Puxa, Rosa! Eu me esqueci de levar o milho para as galinhas, coitadas... Elas devem estar morrendo de fome.

ROSA: Nossa! É mesmo, coitadinhas... Mas vê se não demora, tá?

TONINHO: Tá. (Sai.)

ROSA (pega a Carol no colo e vai para junto do espantalho): Viu, Zelão... Daqui para frente você vai poder sair daí, sempre. É só a gente imaginar e pronto... Você começa a se mexer, andar, falar e tudo... Legal, né?... O Verdinho foi mesmo bacana, não?... Ensinou cada coisa pra gente... (Tom.) Eu estou louca pra ensinar a Elisa como se brinca de apresentar... Ela vai ficar curiosa... E depois vai falar... (Imitando a voz da amiga.) Ah! Isso é fácil... É teatrinho... E eu vou dizer... Pois é... É isso mesmo, teatrinho... (Tom.) Mas, o que ela não sabe é que agora nós já sabemos como se usa a imaginação. Ela vai adorar, não é Zelão? (Boceja.) Ai! Está me dando

um sono... (Olhando para Carol.) Vem, Carol... Senta aqui comigo... Daqui a pouco o Toninho chega e nós vamos para casa... (Senta-se na mesma posição da primeira cena.) Vem, Carol... Vem... Você quer ouvir uma estória?... Então vem... eu vou contar para você a estória da macaca do circo... (Contando.) Era uma vez uma macaca que morava na floresta, mas que queria trabalhar num circo... Aí... (Adormece e deixa cair o livro ao longo do corpo.)

(Neste momento, termina-se o sonho da menina.)

TONINHO (entra, vestindo outra roupa e chamando por Rosa): Rosa... Rosa... Hei! Rosa... (Vê a menina dormindo e a sacode.) Acorda, Rosa... Rosa... Acorda...

ROSA (acordando): Hã... Ah! É você?... Desculpe, eu peguei no sono... Você já deu o milho para as galinhas?

TONINHO: Que milho?

ROSA: Ué... Você trocou de roupa?

TONINHO: Claro! Eu troco de roupa todos os dias, sabia?

ROSA: Ah! Não enche, Toninho...

TONINHO: Cadê as flores?

ROSA: Que flores?

TONINHO: Você não falou, ontem, que hoje cedo iria apanhar flores no campo?... Então, a tua cesta está vazia...

ROSA (lembrando-se): Ah! Eu fui... Mas, eu dei todas elas para o Verdinho, lembra?

TONINHO: Hã??? Que Verdinho?

ROSA: O Verdinho... O do Planeta Verde...

TONINHO: Já vi que você ainda está dormindo...

ROSA (tentando lembrá-lo): Não! Não foi

sonho... Aconteceu mesmo... Você não lembra?

TONINHO: Eu não.

ROSA: Puxa! Que esquisito... Será que eu sonhei?

TONINHO: Claro, né?

ROSA: Mas, foi tão real... Parece que aconteceu mesmo...

TONINHO (vendo o livro no chão, pega-o): Que livro é este?

ROSA (mais animada): Então, foi esse o livro que ele me deu, antes de entrar no disco...

TONINHO: Que disco?

ROSA: O disco voador...

TONINHO: Olha, Rosa... É melhor você tratar de acordar logo, que nós já estamos atrasados. E depois a Dona Diolinda se zanga... (Vai saindo.)

ROSA (aborrecida): Espere aí, Toninho... (Toninho pára.)

ROSA: Eu juro. O Verdinho esteve aqui mesmo... (Tom.) Você acha que eu estou mentindo?

TONINHO (sorrindo): Não, lógico... Mas você sonhou...

ROSA: E o livro, como é que explica esse livro aqui?

TONINHO: Ah!... Sei lá, né Rosa?... Mas... Que livro é esse?

ROSA: Deixe-me ver... (Olhando a capa do livro.) Olha, chama-se Imaginar e Apresentar...

TONINHO: Que livro mais bobo!!!

ROSA (tentando convencê-lo): Não é não. (Tom.) São as brincadeiras que ele ensinou pra gente.

TONINHO: Está bem, Rosa... Mas, agora

vamos.

ROSA: Espera um pouco, Toninho...

(Novamente tenta convencê-lo.)

Você sabe que ele conseguiu fazer o Zelão se mexer?

TONINHO (sorrindo): Ora, Rosa!!!

ROSA: É sim!...

TONINHO (interessado): Mesmo?

ROSA: Mesmo. Mas foi tudo imaginação da gente... O Zelão andava, falava, foi tão bacana!

TONINHO: Que legal!... (Tom.) Mas, então vamos... No caminho você me conta esse sonho.

ROSA: Não foi sonho...

TONINHO: Está bem, Rosa, mas me diga uma coisa... Você quer perder a hora?

ROSA: Não.

TONINHO: Então vamos.

ROSA: Vai indo você. Eu já vou...

TONINHO: Mas não demora, tá?

ROSA: Tá.

(Toninho Sai.)

ROSA (olha para o livro e lê o seu nome mais uma vez): Imaginar e Apresentar... (Para a platéia.) Será que foi um sonho mesmo?... Ah, sei lá... Se foi ou não foi, isso não importa. (Sorrindo, pensativa.) Uma coisa ele me ensinou... (Abraça o livro contra o peito.) A imaginar e apresentar... (sai.)

(A luz vai abaixando gradativamente até black-out.)

O pano se fecha e se abre em seguida. Entram todos os personagens para a:

MÚSICA FINAL

F I M

Maiores de 9 anos

(aproximadamente)

Parlapatões, Patifes e Paspalhões

Hugo Possolo

PARLAPATÕES: PATIFES E PASPALHÕES

Hugo Possolo

PERSONAGENS

ZÉ GABOLA
BOBUGRE
VALDEMAR
CEL. VEDÓIA
ZURA
D. XEXÉ
PUNGA PUNGA
MANÉ
PALHETÃO

CENÁRIO:

Uma praça de uma cidade grande.

Obs.: Para que as personagens representem as histórias que narram, irão transformando partes desta praça em “seus” cenários. Portanto não num cenário acabado, mas num “jeitinho” de mostrarem o que querem.

CENA I

(Fora do teatro, Zé Gabola e Bobugre recebem o público, fazendo-se passar por um cego e seu ajudante recolhendo esmolas na rua.

Dentro da sala de espetáculos, toca uma sirene de polícia. Mais tarde duas e depois, obviamente, três. Fugindo, entrando pela platéia, Zé Gabola e Bobugre chegam ao palco, carregando malas e sacolas, tentando se esconder.)

ZÉ GABOLA (sussurrando): Disfarça, idiota!

Tá cheio di genti olhanu.

BOBUGRE (dançando): “Julieta-ta-ta tá me chamanu...”

ZÉ GABOLA: Não é ãssim. Precisamu fazê algo pros homê num pegá a genti.

BOBUGRE: Quis homê?

ZÉ GABOLA (gritando): A puliça!

BOBUGRE (fugindo): Ondi? Ondi?

ZÉ GABOLA (impedindo a fuga): Em lugá nium, mas si elis alcança nós, nós precisa tá fazeno alguma coisa.

BOBUGRE: É. A gente podia pegá essas mandloca, que roubamo na feira, e

fazê di conta qui tamo vendendo.

ZÉ GABOLA: Claro! Invéis de comê, nós vendê.

BOBUGRE: Peraí! Pra qui alguém vai querê mandioca?

ZÉ GABOLA: Ó xenti! Pra cumê!

BOBUGRE: Como isso quasi todos dia e si tivesse dinheiro não era isso qui eu ia comprá.

ZÉ GABOLA: Boa idéia!

BOBUGRE: Uai... Num falei nada.

ZÉ GABOLA: Bobugre, meu amigão, cê acertô na mosca. (Bobugre fica procurando a mosca.) Nós vamô vendê isso aqui como ouro, melhô qui oro, como remédio. Teu pai, o índio Sororó, curou ocê de ficá bobo o resto da vida só cumas erva e raiz. E hoje ocê vende isso baratim só pra salvá os otros.

BOBUGRE: Óia. Qui eu sei, qui eu só ovi falá, meu pai era mecânico de automóvi.

ZÉ GABOLA: Isso tudo é invenção. Um novo golpi. Vê se cata umas folha di árvore pela praça, enquanto eu arrumo tudo. Loguim ocê vai entendê! (Vai empurrando Bobugre, que se vai contrariado.)

BOBUGRE: Eu num conheci, mas meu pai chamô Sororô, Sererê... Sei lá!

Zé Gabola abre a mala e vai dispendo as raízes para vender. Entra Valdemar Mandalete. Pára e observa.

ZÉ GABOLA (percebendo-se observado): Iiiiie num fiz nada. (Mandalete continua observando.) O sinhô é da puliça? (Mandalete observando. Zé Gabola tira um vidro da mala.) Levi essi aqui. É ótimo pra erizipela e mau-olhado!

(Bobugre volta com folhas enormes na mão.)

BOBUGRE: Zé Gabola! Zé Gabola! Tá qui, ó! Folha de palmera corintiana

preta-e-branca de poluição, costela-de-adão tuberculosa, tudo quanto é tipo de folha pra fazê di conta qui é erva e inganá os troxa. (Rindo.) Fui andano e pensano e intendi: nós vamo inganá todo mundo aqui na praça, né?

ZÉ GABOLA: Cala a boca! (Puxando Bobugre para un canto.) Ou essi homê parado aí é da puliça ou nós já tem um fregueis. De qualqué jeito, a meiô coisa a fazê é começá a trabalhá. Vai lá e faz uma macumba de índio, qualqué coisa pra chamá a atenção.

(Bobugre vai perto de Mandalete e dança estrambolicamente.)

ZÉ GABOLA: Minha genti, gentarada! Se achegue pra ver como qui um homê doenti, maluco da caxola, foi curado da noite pro dia. (Para Valdemar.) O sinhô não si assusti, qui isso logo passa. Basta que eu dê a ele essa maravilha do norte: INHATUXIRIBINA! (Pegando uma mandioca na mão, para Bobugre.) Coma!

BOBUGRE (cortando a dança): Eu não.

ZÉ GABOLA (à parte, para Bobugre): Num deixa o homê percebê.

BOBUGRE (mastigando): Uma delícia.

ZÉ GABOLA (para Valdemar): Veja, sinhô, qui passô a loucura. Agora levi um pra casa. O sinhô vai curá espinhela, coceira, frieira, pum, resfriado, gripe, sapinho, unha encravada e o iscambau com esta maravilha de raiz. Pode levá, apenas trezentos merréis.

CENA II

VALDEMAR: Tô ligado que isso aí pode ser tapeação.

ZÉ GABOLA: Tá me chamando de

enganadô? De parlapatão?

BOBUGRE: É isso aí! Ninguém aqui é patão!

ZÉ GABOLA (à parte, para Bobugre):
Num izagera. (Para Valdemar.)
Duzentos conto e num si fala mais
nisso. (Saindo.)

VALDEMAR: Ô meu, só levo um desse aí
se tiver certeza que vocês não tão
me embromando.

ZÉ GABOLA: Óia que as veis a genti si faz
di otáro só pra malandria os otro.

VALDEMAR: Como é que é o negócio?

ZÉ GABOLA: Conheço muntchas istora
qui quem tava crenti qui enganava
é qui acabava inganadu. Procê tê
certeza qui eu num tô te inganano,
e nem qui ocê é qui vai mi tapeá,
vou contá a istora de um falso
coroné qui surgiu uma veis na
minha terra. Já ti contei essa, né,
Bobugre?

BOBUGRE: Pena qui ele morre no fim.

ZÉ GABOLA: É a do coroné Jirigote
Vedóia e seu ajudante Punga-
Punga. (Tenta improvisar um
cenário. Fala bem rápido.) Vamo
fazê di conta qui aqui é minha
terra, qui ali tem uma loja, que eu
sô o coroné, ele é o Punga-Punga.

BOBUGRE: I eu?

ZÉ GABOLA: Ocê é ocê mesmo. (Para
Valdemar.) Neste causo, os dois
vão chegando a uma loja pra dar
um golpi. Eu sou o malandrão e
ocê é meu ajudante. Tudo qui eu
mandá ocê obedeci. Faz de conta
aí qui mi obedeci. ãssim! Nós vai
inganá um comerciante muito
velhaco, dono da loja de tecidos.
Eu te digo: (Fala como Coronel
Vedóia.) nós, evidentimenti,
precisamu mantê as aparenças pra
dar cambalachos cada vez
maiores. (Volta a falar como Zé

Gabola.) Aí nós vamo.

BOBUGRE (interrompendo): Comerciante
veiacó? Oba! Essi aí eu faço. (Tira
um telefone do bolso e começa a
interpretar, à revelia dos outros, a
personagem Zura Murrinha. As
frases grifadas de Zura Murrinha
são de quando ele sai do
personagem e fala como Bobugre.
Seriam apartes do Bobugre.) Zim,
senhor, entendí. A zafada da Mané
Cordera o invés de cuidar das
minhas cabras e ovelhas anda
vendendo tudo para azoguil!
Zalafrário! Eu paga comida, zalário-
mínima, dá ondi a zem-vergonha
durmir e é com ista que Mané
Cordera me paga? Podi deixá. Eu
vai fechar o loja e vai direta o
delagacia pra fazer quexa!
Obrigado. **Tchau, bacalhau!** (Põe o
telefone no bolso e começa a
arrumar os tecidos para sair. Pega
um tecido onde está presa uma
plaqueta com o preço.) Eu vai tirar
esta tecido vagabunda di oferta,
um chita desta num deve custar
nem essas trinta centavos a metro
mesma. Agora eu escrevi na outro
lado da plaquinha. (Vai rabiscando
qualquer coisa. Bobugre não sabe
escrever.) Volto já! (Vai saindo com
a plaquinha na mão quando
depara com o Coronel Vedóia e
Punga-Punga querendo entrar na
loja. Vira a placa de cabeça para
baixo.) **Já voltei!** Bon dinha! Qui
deseja a zenhor?

CEL. VEDÓIA: Bom dia. Desculpe o sinhô,
evidentimenti, acho que me
enganei de lugar, procuro a loja do
Sr. Zuraco Murrinha. (Vai saindo
falsamente. Punga-Punga
acompanha a cena em
comparsaria com Vedóia, fazendo

a leitura dos momentos de maior enganação.)

ZURA: É aqui mesma.

VEDÓIA: E onde ele está?

ZURA: Babai morreu.

VEDÓIA: Morreu pra você que é um filho ingrato, mas continua vivo na alma dos amigos.

ZURA (sem graça): Entre. Zenta, por favor. Eu vai buscar uma cafezinha. (Sai.)

VEDÓIA (para Punga-Punga): Viu? Na primeira parti du planu eli caiu. Evidentementi não passa mais na cabeça dele qui viemos aqui comprá tecidos!

ZURA (voltando com duas xícaras e servindo-os): Está quentinha, cabe de tirar do garrafa térmica.

VEDÓIA (tirando a xícara da mão de Punga-Punga que ia bebendo): Evidentementi, um simples criado. Tomi o sinhô mesmo, Sr. Zura. (Entrega a xícara a Zura.)

ZURA: Criada?

VEDÓIA: Ah, desculpi-mi. (Tira vários cartões do bolso. Separa um. Entrega a Zura.) Coroné Jirigote Vedóia, fazendeiro em viagens de negócios. Conheci seu pai há muntchos anos. Bom homem. Honesto.

(Zura engasga. Longa Pausa.)

CEL. VEDÓIA (farsesco): Oh!

ZURA: Qui foi, zenhor?

VEDÓIA (idem): Oh! Era assim mesmo que ele fazia.

ZURA: Ele quem?

VEDÓIA: O velho Zuraco. Era uma tossi brevi. (Imita.) E uma longa pausa. (Imita.)

ZURA: He-he. É mesmo.

VEDÓIA (mais farsesco): Oooh! (Pausa.) Oooh! Não é possível! Pensei di estar na presença de seu pai em

carne i osso! Esti "he-he". É mesmo, foi igualzim igualzim o que eli fazia.

A disposição da boca, os dentes...

ZURA: Mas eu perdi dois dentes aqui da trais. (Mostra.)

VEDÓIA: Nunca vi nada tum parecido. (Longa pausa. Ambiente sem-graça.)

VEDÓIA: Calor, né?

ZURA: Zim, zim, zenhor, coranel Vedóia. (Põe o dedo no nariz.)

VEDÓIA (mais que completamente farsesco): Ooooooh! (Pausa.) Ooooooh! Esti gesto!!

ZURA (escondendo a mão): Qual?

VEDÓIA: Esti de dedu no nariz.

ZURA: Minha bai metia o dedo na nariz assim? (Faz gesto.)

VEDÓIA: Igualzim! Evidentementi, eu já vi com essis zóio qui a terra há di cumê.

(Zura vai guardando o tecido que havia tirado de promoção.)

VEDÓIA: Vejo qui u sinhô vendi tecidos cum a mesma qualidade qui vendia seu pai.

ZURA: Zim, zim. (Começando sua trapaça.) A zenhor entendi de tecidas?

VEDÓIA (começando sua trapaça): Um pouquim. (Pegando no tecido.) Mas é excelenti esta lâ. Finíssima. Importada?

ZURA: Lã? (Caindo em si.) Zim... Quer dizer, não. Lã que tiro de meus próprias carneiras. (Lembrando de Mané Cordeiro, com raiva.) Inclusive a rapaz que cuida da minha rebanho...

VEDÓIA (interrompendo): Evidentementi u preçu desta peça devi di sê muintcho alto.

ZURA: Zim, a lâ dá muito trabalha! Mas pra zenhor que foi amiga de babai eu pode fazer preça de custa.

VEDÓIA: Não. Não. Sem regalias. Faça u

preço real!

ZURA: Eu faz questão de cobrar somente quatrocentos e vinte a metro.

VEDÓIA: Só? E quanto sairia a peça toda?

ZURA: Bem... (Pensando alto.) O fim desta carretel deve ter umas seis metros vezes quatrocentos e noventa, mais o desconta, deve ficar no base de sete mil e... (Para Vedóia.) Nove mil e setenta e quatro merréis, Corranel Vedóia. Mais barata que isto a zenhor não vai achar.

VEDÓIA: Evidentimenti eu ofereço oito mil e quinhentos merréis.

ZURA: Com desconta pra levar agora, oita mil novecentos e nove merréis.

VEDÓIA: Oito mil e seiscentos...

ZURA: Oita e oito...

VEDÓIA: Oito e setecentos e nada mais!

ZURA: Negócia fechada! (Começa a embrulhar o tecido.)

VEDÓIA: Evidentimenti o senhor podi passá ainda hoje na pensão de D. Glória, quartu treis, aqueli bem grandí, pra recebê us pagamentus...

ZURA: É que eu não pode deixar o loja sozinha.

VEDÓIA: Uma veizinha pro mode tomá uns gole cus amigo.

ZURA (distraído, pega a plaqueta "volto já"): Mas eu nunca fecha o loja antes do hora. (Percebe. Esconde a plaqueta.)

VEDÓIA: Intãoce vá na hora du almoço, Ihi sirvo uma jabá-com-angu qui vai Ihi valê a pena a visita.

ZURA: Está certa! (Apertando o laço do embrulho.) Eu aproveitar e levar a tecido.

VEDÓIA: E pra que temos o Punga-Punga? (Pega o pacote e põe nas mãos de Punga-Punga.)

ZURA (retira o pacote das mãos de Punga-Punga): Desculpa. Eu prefere.

VEDÓIA (devolvendo a Punga): Evidentimenti num vô deixá qui u sinhô tenha esse trabalho.

ZURA (retira o pacote): Eu leva.

VEDÓIA (devolve o pacote): Eu levo.

ZURA (retira o pacote): Eu.

VEDÓIA (devolve o pacote): Eu.

PUNGA-PUNGA: Chega! Eu vou levar. é levinho, tão vendo? (Jogando pro alto e depois vai saindo.)

VEDÓIA: Issu mesmo, levim, levim. Vamu inu!...

ZURA (pondo-se na frente dos dois): Bem! Corranel Vedóia! Eu abrendi que não é esta a melhor jeita de se fazer uma negóciocia.

VEDÓIA (fingindo-se com a dignidade ferida): Evidentimenti, sinhô Zura Murrinha, o sinhô está com medo que eu levi esti tecidim sem Ihi pagá?

ZURA: Bem, na verdade...

VEDÓIA: Tomá-ce-me-lhe-ía o sinhô por um velhaco? Um laráprio? Seje honesto, o sinhô teve esti pensamento? Ah! Como é horrível! Fazê um troço desti cumigo que o falecido seu pai - que Deus o tenha - honrava cum sua amizade? (Pausa.) Está bem. (Devolve o tecido como que resignado.) Guarde o seu tecidim, sinhô Zura Murrinha. (Vai saindo e subitamente se vira.) Não, não. Não queru ovi nada! Retiru-mi cum u coração dispedaçadu pur uma discunfiança braba destas.

ZURA: São as ossas do ofícia.

VEDÓIA: Não! São os dias di hoje. Antigamenti...

ZURA (arrependido): Corranel Vedóia...

VEDÓIA: Nada! Adeus, sinhô Zura.

ZURA: Eu lhe peça.

VEDÓIA: Não.

ZURA: Eu faça questão.

VEDÓIA: Devo ceder?

ZURA: Zim. (Põe o pacote nas mãos de Punga.)

VEDÓIA: Qui seje. Evidentimenti em repeito à memória du sinhô seu pai.

ZURA: Zem nenhuma rancor?

VEDÓIA: Vô procurá um mode esquecê a ofensa. Adues, Zura Murrinha.

ZURA: Até breve.

(Neste instante entra, pela platéia, Dona Xexé com uma vassoura na mão.)

XEXÉ: Julinho! Julinho! Vem cá, moloque, que eu te matooo! Eu não falei pra você não voltar aqui de novo? Mais num é possível. Num é possível. Num é possível. Num é possível mesmo! (Para alguém da platéia.) Olha as minhas mão, dona... Eu não agüento lavá loça, lavá ropa, cuidá das criança. Sabe, eu trabalho fora, quando é o fim das semana me chega a filharada toda e as crianças pra comê. Eu não me agüento.

(Os três ficam sem graça, um pouco sem saber o que fazer.)

ZÉ GABOLA: Mas veja minha genti qui aqui temos mais uma pessoa cum o famoso istreci, duença qui nunca si ouviu falá em lugá niium do sertão. I ocês sabem pru quê? Preuque as er...

D. XEXÉ: Ómoço, eu sei que tudo isso aí é teatro. Eu tô de saco cheio e quero mais é desabafá. Dá licença!

BOBUGRE (para Zé Gabola): Cê tinha me dito qui issu aqui era uma praça.

ZÉ GABOLA: Presti atenção, gentarada. Nós aqui na praça acabemo de representá uma parti duma...

VALDEMAR: Quer dizer, função, que

história é essa? Comerciante enganando freguês e freguês enganando comerciante é o que não falta. Eu quero saber onde é que eu vou confiar nas suas ervas...

ZÉ GABOLA: Carma... Carma... Carma!

D. XEXÉ: Carma mesmo! Como é esse negócio de ervas?

BOBUGRE: Zé, eu tô cum fome, vou acabá cumenu essa mandio...

ZÉ GABOLA (tapando a boca de Bobugre): Vejam só, a istória do Coroné Vedóia inda num si acabô. E a sinhora vai nus ajudá di terminá di contá u causo.

D. XEXÉ: Vou iscambau. Tô cansada, filho!

ZÉ GABOLA: Uma erva desta. (Com uma mandioca na mão.) Vale uns setecentos paus e ela podi sê sua de grátis.

D. XEXÉ: Só preu participar?

VALDEMAR: Êpa! Ô carinha, eu tô ouvindo o seu lero pra vê se compro alguma coisa e você vem com esse papo?

BOBUGRE: Nós vai acabá sem mandioca pra cumê.

ZÉ GABOLA: Bobugre, meu irmão, nós cunhecemu sua boa alma. (Para os outros.) Vejem esti homê. Reparem. (Tempo.) É um santo.

BOBUGRE: Sô, é?

ZÉ GABOLA: É! É! E é!

D. XEXÉ: É mesmo?

ZÉ GABOLA: Esti homi faiz distu tudo pruke foi curado. E vejam o que eli dissí: vai ficá até sem cumê! (Tempo.) Só pra ajudá os otro a si curá. Ele vai abri mão da parte deli nu preçu das ervas pra ocês pagá a metade.

BOBUGRE: Vô, é?

D. XEXÉ: Mais que homem bom. Que boa alma. Vocês não precisam me

dar erva alguma: eu faço questão de pagar a outra metade...

ZÉ GABOLA: A senhora vai fazê algumas pessoa das istoria.

D. XEXÉ: Que nem nas novela?

VALDEMAR: Ô tia! Vem cá, que a senhora vai entender!

(Xexé sobe no palco.)

ZÉ GABOLA: Como é o nomi da senhora?

D. XEXÉ: Xexé.

ZÉ GABOLA: Bem, Dona Xexé, elis vão continuá a istória inquantu eu ixplicu pra senhora.

BOBUGRE (para Zé Gabola): A genti podi cumeçá?

ZÉ GABOLA: Podi.

BOBUGRE: Intãoce: xã-xã-xãxado! (Para o público.) Viram que mudanza de perzonagem? (Como Zura.) Agora eu vai tocar o campainha. (Como Bobugre.) Ô Zé, manda essa Dona... Dona... Dona Xixi saí daí quela tá atrapalhanu. A genti... leu tô é inu cobrá o coroné, né? (Como Zura, apertando o dedo contra o ar.) Né. Né. Né. (Fica esperando alguém atender feito bobo.)

ZÉ GABOLA: Quartu di hoté num tem campainha, Bobugre!

(Bobugre faz gesto de bater com a mão fechada na porta. Vê que não tem porta.)

ZÉ GABOLA: Bate palma!

(Bobugre bate palma meio dançando.)

PUNGA-PUNGA (sussurrando): Shiii!
Silêncio!

ZURA: Eu querer falar com a zenhor Corranel Vedóia.

PUNGA-PUNGA: Punga-Punga, seu criado, a sua disposição.

ZURA: Eu vim para a angu. Pela tecida que você carre...

PUNGA-PUNGA (cortando, choro farseco): Ah, sinhô, qui importam

tecidos agora...

ZURA: Que foi?

PUNGA-PUNGA: Oh, a dor. (Tempo.) Oh, o pesar. (Tempo.) Oh, o desespero...

ZURA: De quê?

PUNGA-PUNGA: Pobre homem.

ZURA: Quem?

PUNGA-PUNGA: Meu patrão.

ZURA: A corranel?

PUNGA-PUNGA: O querido corroné Jirigote Vedóia.

ZURA: E então?

PUNGA-PUNGA: É o fim.

ZURA: O fim?

PUNGA-PUNGA: Uma lástima.

ZURA: Mas hoje de manhã ele estava tão bem.

VEDÓIA (gritando de fora): Aaah.

Punga-Punga! Quero meu penico, muleque! Ondi está?

PUNGA-PUNGA: Já vou, meu sinhô.

VEDÓIA (ainda de fora): Quem está aí, é o homi do Boticário? Eu não queru tomá agulhada. Minha bunda não é peneira. A-ha! Achei o penico.

(Punga-Punga vai entrando para o quarto e Zura vai atrás.)

PUNGA-PUNGA: O sinhô tem qui ficá deitadu. Ondi está o sinhô?

ZURA: Bom tardi! A zenhor está doente? Não cê preocupa, eu só pega a pagamento da tecida e deixa a zenhor descansar. Esquece a angu, afinal a zenhor é do família...

(Vedóia entra em cena com um penico na mão.)

VEDÓIA (avança na direção a Zura): Prove. Beba como todo bom médico faria.

(Vedóia parte para que Zura o faça, correm pelo palco até que Vedóia jogue o conteúdo na direção de Zura, que se abaixa, e voe confete na cabeça do público.)

VEDÓIA (pula no colo de Zura):
Bilababula... Dede té papá!

ZURA: Té papá, é? (Tempo.) Eu queria
minha pagamenta.

VEDÓIA: Sinhô dotò boticário e as ervas
curandeiras?

ZURA: Boticária coisa nenhuma! (Larga
Vedóia no chão.)

PUNGA-PUNGA: Não! Não o contrarie,
senhor. O médico disse que seria
pi...

VEDÓIA (enfurecido): Iiaaa, tsé-tsé,
Caxinguelê. Tangolomango,
tangolomango...

ZURA: Ista parece macumba.

VEDÓIA (avança sobre a Zura): Vem
bacorinho de sangue novo, vem
me alimentá que minhas seti irmãs...

PUNGA: Encarnou o lobisomem!
(Vedóia procura algo na roupa de Zura.)

ZURA (para Punga): O que ele quer?

PUNGA: A cabeça.

ZURA: Cabeça?

PUNGA: Agora ele acha que é mula-
sem-cabeça.

VEDÓIA: É o Cura! É o Curupira! E o sacil!
(Ri alto.)

ZURA: Realmente não parece bom.

VEDÓIA: Berbazu, berbazu, cozido ou
cru, cozido ou cru. (Repetindo
continuamente.)
(Luzes tremem. Sons assustadores.)

ZURA: Ben, acha que está no hora. Eu
volta amanhã pra receber os
tecidas.
(Luzes tremem mais. Sons aumentam.)

ZURA: Depois de amanhã ou semana
que vem. Até... Até logo... Quer
dizer, até o mais ver.
(Zura sai da casa de Vedóia sempre
olhando para trás, com medo. Acaba
por trombar com Mané Cordeiro, que é
interpretado por Dona Xexé. A cena no
quarto de Vedóia escurece.)

ZURA: Maldita! Desgraçada! Devolva a

tecido que você me roubou!

MANÉ: Tecido?

ZURA: As carneiras e cabras há três anos
você degola pra vender para a
azogueira.

MANÉ: Mas sinhôr...

ZURA: Zenhor coisa nenhuma. Eu vai no
delegacia agorra resolver esta
probleminha.

MANÉ: Não, pur favô...

ZURA: Nem com "favô" nem sem "favô",
eu vai agorra. Até... Até loga.
(Zura sai.)

MANÉ: Iiiih agora?
Acende a cena no quarto de Vedóia,
ele e Punga riem.

VEDÓIA: Vamô, rapais, veja si eli si
mandô mesmu.

PUNGA (abrindo a porta. Sempre em
mímica): Foi-se.

VEDÓIA: Certeza?

PUNGA (fecha a porta): Sim, só tem um
capiiau aí fora, no corredô.
(Mané Cordero bate à porta do quarto.)

PUNGA (abre a porta): Que deseja?

MANÉ: Aqui é qui mora o coroné Jirigote
Davéia?

PUNGA: U qui deseja?

MANÉ: Uma ajuda. Acho que o coroné
deve de tê mais força qui a puliça.

PUNGA (bate a porta): Podemos ajudá
um capitá, coroné?

VEDÓIA: Se tiver dinheiro, evidentimenti.

PUNGA (abre a porta): Tem como pagá
us serviçu?

MANÉ: Tenho um tantim nesta
saloquinha. (Mostra uma sacola de
dinheiro.)

PUNGA (bate a porta): Entre. (Tempo.
Abre a porta.) Entre!

VEDÓIA: Diga lá, jovem. O que si lhi
aconteceu? (Tenta tirar o dinheiro
da mão do Mané que coloca a
sacola no bolso.)

MANÉ: Bem, é qui... Os carneiros que

tomava conta pro meu patrão...

VEDÓIA: Qui lhi pagava poco.

MANÉ: O sinhô conheci eli?

VEDÓIA: É qui evidentimenti todos patrões pagam pouco. Mas vamus, conti.

MANÉ: Tudo?

VEDÓIA: Tudo. Qué ajuda ou não qué?

MANÉ: E rápido, sinhô. O meu patrão já está lá na puliça.

VEDÓIA: Eسس carneros. Qui tinham elis?

MANÉ: Bem, eu matava alguns...

VEDÓIA: E vendia por sua conta?

MANÉ: Alguns. O resto eu comia.

VEDÓIA: Evidentimenti qual é sua graça?

MANÉ: Manuel Cordeiro, mas me chamam Mané Coordero.

VEDÓIA: A-há! Aí está. Tenho um plano. Ouça bem: primeiro ocê...

(Música sobrepõe as falas e tramam sem que a platéia saiba o quê. Depois de um tempo, D. Xexé interrompe a ação.)

XEXÉ: Óim só, filho! Parece televisão mesmo. A gente faz que fala e eles me bota as músicas.

ZÉ GABOLA: Inda farta u fim da istora.

VALDEMAR: Não tô gostando, função. Como é que é? Essa história não vai acabar?

(Bobugre abre a mala e começa a esconder algumas mandiocas consigo.)

ZÉ GABOLA: Carma! Carma! Eu vou acab... (Vendo Bobugre.) Ô rapais! Qué isso?

BOBUGRE: Tô cum fomi.

ZÉ GABOLA: Devólvi isso aqui. (Põe as mandiocas na mala.) Isso vai ficá é na minha vigia e ninguém vai mexê sem minha otorização.

XEXÉ: Eu quero fazer mais as novelinha. (Para o público.) A peça do teatro aí do lado. (Fala de algum espetáculo em cartaz.) É bem melhor que esta, mas fazer esta

bagunça aqui é uma delícia.

BOBUGRE: Será qui tem u qui cumê?

ZÉ GABOLA: Olha só, gentarada! Agora pra cumpletá a istora do coroné Vedóia todo mundo vai pará na delegacia!

VALDEMAR: Muito bem, muito bem. Eu sou Elioti... Não. Elioti não. Eu sou Palhetão da Fonseca, o maior dos delega.

BOBUGRE: Num falei qui a genti ia acabá preso, Zé Gabola?

ZÉ GABOLA: Si toca, o moço tá querendo continuá a contá o causo.

PALHETÃO: Muito bem! Muito bem! Todo mundo de boca fechada.

(Todos entreolham-se e, depois de um tempo, já incorporados de seus personagens, começam uma enorme gritaria. Palhetão espera um pouco e:)

PALHETÃO: Vamo calá a boca! (Tempo. Silêncio.) Assim eu vou acabar sendo obrigado a mandar todo mundo pro xadrex.

MANÉ: Desculpe, seu degolado, mas é que...

VEDÓIA (tapando a boca de Mané): Evidentimenti a otoridade não si reconheci-me. (Tirando um dos cartões do bolso.) Coroné Jirigote Vedóia, protetor dos trabalhadores explorados, sofridos, reprimidos e congêneres. Trago-lhi aqui u pobri senhor Manuel Cordeiro, meu afilhado que está sendo in-jus-ta-men-te... (Fica cara a cara com Zura. Reconhecendo-o, pára de falar.)

ZURA: A senhor? (Tempo.) Zafada!

PALHETÃO: Muito bem. Muito bem. O senhor Zuraco Murrinha veio aqui prestar queixa contra o seu ex-empregado senhor Manuel Cordeiro, vulgo Mané Cordero, a

quem acusa de lhe roubar seus carneiros e vender para o açougue. É isso, senhor Zuraco?

ZURA:

PALHETÃO: É ou não é?!!!

ZURA: É. Eu confiava as minhas carneiras e cabras a esta zenhor e a zafada não mi pagou uma carretel inteira de tecida.

PALHETÃO: Como é?

ZURA: Não mi pagou as carneiras que ele matava e embrulhava, que aí eu fiu cobrar no hora do almoço...

PALHETÃO: Ô cidadão!? Tá achando qui aqui é um parque de diversão? Isso aqui é uma delegacia, num é um pleicenti não. Explique esta história de carneiros.

ZURA: Olha, ele degola os pobres carneiras, que eu faço lã, para vender para a azougui... Pegou tuda, azim ó, e pôs debaixo do braço o lã, falou pra ir almoçar.

PALHETÃO: Droga! Não estou entendendo patavina! O senhor embrulha tudo, mistura tecidos, lãs, carneiros e almoços.

ZURA: E ainda falava de minha bai.

PALHETÃO: Qui bai? Bai-bai eu vô dizer pro senhor já-já, si continuá falando tanta besteira.

ZURA(a Bobugre, à parte): Por qui será que todo delegado tá sempre di mau humô?

PALHETÃO: Eu sinhô, coroné? Qual a problemática?

VEDÓIA: Evidentimenti estou aqui defendenu a honra desti homem trabalhado qui injustamenti está sendo acusado.

PALHETÃO (para Mané): Quer dizer que o melianti nega as acusações?

MANÉ: Béééé...

PALHETÃO: Que é isso? Olha o respeito.

MANÉ: Béééé...

VEDÓIA: O pobri evidentimenti pensa qui está no rebanho.

PALHETÃO: Vamos, responda. O que fez com os carneiros?

MANÉ: Béééé...

VEDÓIA: Isqueça, delegado sinhô das fonseca. O homi é um infeliz.

PALHETÃO: É. Parece...

ZURA: Parece nada! Estis dois zão umas canalhas, zen-bergonhas!

PALHETÃO: O senhor não fala coisa com coisa. Calado! Vamos ouvir o Coroné Vedóia.

VEDÓIA: Digamos qui o pobri mal pago e mal nutrido tenha um ida, evidentimenti cum muinticha fomi, matado um ou dois, setenta carneiros. Qui importa? Este rico comerciante não explorou o pobri coitado que mal sabe falar?

MANÉ: Béééé...

ZURA: Não é possível.

PALHETÃO: Cala esta boca de bosta.

VEDÓIA: Eu só peçu qui num seja cometida mais uma injustiça neste mundo de Deus!

PALHETÃO (para Zura): O senhor suma da minha frente antes qui eu chami meus macaco pra ti enquadrá.

ZURA: Mas...

PALHETÃO: Num tom mais nem menos.

Xispa! Xô! Vá de retro! Cai fora!

(Zura sai contrariado, mas sai.)

VEDÓIA: Obrigado. Vossa excelência sinhô Palhetão... Como é mesmo?

PALHETÃO: ...da Fonseca.

MANÉ (à parte): Perna fina e bunda seca.

PALHETÃO: Como é?

MANÉ: Béééé...

VEDÓIA: Evidentimenti até mais ver.

PALHETÃO: Até outra vez.

(Vedóia abraça Cordeiro e vai saindo.

Escurece o plano da delegacia.

Somente Vedóia e Mané.)

VEDÓIA: “Outra vez.” Nunca vez, nunca mais. (Rindo.) Nós enganamus eles direitim.

MANÉ: Bééé...

VEDÓIA: Ocê tava ótimo! Um perfeito imbecil!

MANÉ: Bééé...

VEDÓIA: Bem. Evidentementi agora ocê vai mi pagá, num é?

MANÉ: Bééé...

VEDÓIA: A inceneção acabô.

MANÉ: Bééé...

VEDÓIA: Ondi está u dinheiru?

MANÉ: Bééé... (Tira do bolso e balança a sacolinha.)

VEDÓIA: Passe pra cá.

MANÉ: Bééé...

VEDÓIA: Pensa qui mi ingana com essi “bééé”, é?

MANÉ: Bééé...

VEDÓIA: Ou me paga ou eu...

MANÉ: Bééé... (Sai correndo.)

(Música. Valdemar volta à cena rindo. Zé Gabola, Bobugre esperam que ele pare.)

ZÉ GABOLA: Pelos modo ocê adora a istora du coroné.

VALDEMAR: Não. É que é muito sem graça.

ZÉ GABOLA: O quê?

VALDEMAR: Não é a istora do coroné, não. Ela até que é média, função.

ZÉ GABOLA: Dizimbucha, homi. Qui aconteceu? Já tô perdeno as paciência.

BOBUGRE: Podi deixá qui eu percuro.

VALDEMAR: É qui eu quero comprar uma erva dessas mas... Mas... (Muda o riso para choro.) Mas num tenho dinheiro.

BOBUGRE: Eu sabia qui nós ia pulá miúdo à toa.

VALDEMAR: Bem, o funça podia descolar uma no peito só pela encenação toda, né?

(Volta Dona Xexé.)

XEXÉ (abraçando Zé Gabola):
Obrigada... Obrigada... Meu Santo Agostinho que me proteja o senhor!

BOBUGRE: Qui qui ocê fez, Zé Gabola?

XEXÉ: Eu sempre quis fazer assim que nem as novelas e esse homem mi ajudou. Obrigada! Obrigada! Bem que o senhor podia começar outra história pra gente participar...

VALDEMAR: Como é, função, pode dar uma raiz ou não?

BOBUGRE (se joga sobre a mala):
Ninguém vai cumê du meu armoço!

ZÉ GABOLA: Disfarça, Bobugre.

BOBUGRE: Quis disfarça coisa niuma. Eu vô é mimbora.

ZÉ GABOLA: Tem genti olhanu?

BOBUGRE: Eسس dois pobretão?

ZÉ GABOLA: Tem genti olhanu?

BOBUGRE: Eسس dois pobretão?

ZÉ GABOLA (mostrando o público): A praça toda já parou pra ver nossas istora.

BOBUGRE: Num queru sabê.

ZÉ GABOLA: A genti dá umas raiz pru moço seu Valdemá prele tumá conta da mala, inquantu nós tenta tirá uns troco das troxarada aí.

BOBUGRE: I a minha fomi?

XEXÉ: Vamo, moço, começa a contá logo. Se a gente ficar muito tempo nos comerciais vai todo mundo mudar de canal.

BOBUGRE: Fomi! Fomi!

XEXÉ (para Zé Gabola): Conhece alguma história de gente faminta?

ZÉ GABOLA: É fácil. É só cê fazê u qui eu faço, Bobugre.

(Zé Gabola desce à platéia.)

ZÉ GABOLA (para pessoas do público, como Chico Farofeiro): Uma esmola, moço! Um trocadim qui eu tô cum fomi! (Como Zé Gabola.)

Vai fazendo aí, Bobugre, preu explicar pra Dona Xexé e pru Valdemá cumu é qui elis têm qui fazê pra gente contá o causo du Chico Farofero e seu cumparsa Resmelengo.

(Música. Bobugre faz Resmelengo.)

RESMELENGO: Oh fomi. Oh calô. Oh vida disgramada. (Para o público.) Dá um troco aí, moço. (Faz até conseguir.)

(No palco Xexé faz Dulcinéia e Valdemar faz TartameLO. Zé gabola, como Chico Farofero, retorna à platéia.)

CHICO: Resmelengo, Resmelengo. Óia só qui dois tipo cum cara di ricaço. Quem sabe elis arranja uns trocado pra nós tê u qui cumê.

RESMELENGO: Sei não. Parece qui elis tão brigando, né Chico?

CHICO: Vô olhá di perto pra vê o qui si assudi. Fica por aí .

(Chico se aproxima do casal e ouve a conversa.)

TARTAMELO: Dul-dul-cinéia, e-e-eu num vô jantá im ca-ca-casa hoje. Vô-vô-vô é manjar com o-u-ou-o pessoal lá da bo-ooo-cha.

DULCINÉIA: Ah, TartameLO, meu belo, mas i a fogazzona di calabreza qui eu ti fiz?

TARTAMELO: A-a-a-a-a... (Cheio de gaguejar.) Nós podemos colocar pra vender amanhã.

DULCINÉIA: Não, não e não. O meu Tartamelinho, belinho, vai comê u calzzoni mesmo qui a sua doce Dulcinéia não veja.

TARTAMELO: Tá-tá-tá bom. Mas e-e-eu mando a-a-alguém b-b-b-bu-bu-buscar o-o-o-o ca-ca-calzzoni. Ma-ma-ma... Mas só entregue pra p-p-p-pe-pe-pessoa qui-qui-qui-qui lhe-lhe-lhe fizer um sinal a-a-assim . (Fazendo os gestos.) Levantar os

bra-bra-braços, to-to-to-torcer o ju-jo-ju-joelhos e-u-i-i-ie rodopiar assim fazendo bluuuuuuuu com a b-boca.

DULCINÉIA: Assim, Belinho? (Imita.)

TARTAMELO: S-s-si-si-s-s... É.

DULCINÉIA: Intão eu me vou indo pra dá tempo di fazê as incomenda di amanhã.

TARTAMELO: Q-q-q-qqual?

DULCINÉIA: Ah, TartameLO, meu belo, as torta di morango com chantilim du seu Alfredo das Candanga.

TARTAMELO: A-a-a-ah é.

DULCINÉIA: Tchau, belinho, tchau.

TARTAMELO: T-t-t-t-t-t-t... Até di noiti. (Saem um pra cada lado.)

CHICO (corre para Resmelengo): Rapais, sabe o padeiro e a mulher do padeiro?

RESMELENGO: Sei.

CHICO: Ele vai comer um troço lá de calabreza.

RESMELENGO: I eu cum isso?

CHICO: Pelo jeito deve di sê uma deliça.

RESMELENGO: Ih, num vem aumentá a minha fomi, qui sem suas idéia ela já é muntcho grandi.

CHICO: Mas eu sei como fazê pra cumê desti troço, Resmelengo.

RESMELENGO: Mesmo qui ocê cumê eu cuntinuo cum fomi.

CHICO: Ocê podi cumê. Mas ocê é qui tem qui i aplicá u golpi!

RESMELENGO: Tá cum medo di sê pego, né, seu Chico Farofero?

CHICO: Eu??? Nunca. É qui... Qui... Elis podi tê mi visto e discunfiá.

RESMELENGO: Olha lá, hein! Cumé qui eu faço?

CHICO: É só chegá na casa du padero e fazê āssim. (Imita o gesto.)

RESMELENGO (rindo): Cumé?

(Chico repete)

RESMELENGO: Tá bom. Lá vou eu. Oh fomi. Oh calô. Oh vida disgramada.

CHICO: Num esqueci di dizê qui é da parti do seu Tartamelo pra pegá o salgado qui eli mandou.

(Música. Resmelengo vai ao palco onde está o "cenário" da casa de Dulcinéia.)

RESMELENGO (palmas): Ô ô di casa!

DULCINÉIA: Fala dono, que se passa, ã?

RESMELENGO: Oi, dona! A sinhora é Dona Dulcinéia dos Doces?

DULCINÉIA: Sou.

RESMELENGO: Pois eu sou a parte do salgado pra pegá o Tartamelo qui ele mandou. Quer dizer, eu sou o seu Tartamelo qui qué uma parti do salgado. Não! Da parte do Tartamelo pra buscá um raio dum salgado. Só que tinha qui lhi fazê um gesto ãssim... (Erra.) Não, quer dizê... Era ãssim. (Erra.) ...Ou melhó, era mais ãssim. (Consegue.)

DULCINÉIA: Num tem problema, viu, belo! Eu vou buscar a calzzone. (Sai.)

RESMELENGO: Oh fomi. Oh calô. Oh fomi disgram...

DULCINÉIA (fazendo a mímica de quem tem um prato na mão): O que foi?

RESMELENGO: Pegando o prato em mímica, meio sem graça): A fom... Quer dizê... Nada.

DULCINÉIA: Pronto, belo, leva logo pra num esfriá, ã.

RESMELENGO: Podi deixá qui vai chegá bem quenti na minha pança.

DULCINÉIA: Quê?

RESMELENGO: Na praça. Vai chegá bem quenti na praça ondi seu Tartamelo mispera.

DULCINÉIA: Ah, sim. Bona tarde!

RESMELENGO: Tiau, dona!

(Música. Resmelengo vai voltando à platéia. No meio faz a mímica de que o prato não existe mesmo, que é mímica.)

BOBUGRE: ãssim não dá! leu num faço mais nada de contá causo ninhum.

ZÉ GABOLA: Qui foi?

BOBUGRE: Eu morreno di fomi não dá pra ficá fazeno di conta qui tem cumida mas não, falamu em cumida u tempo todo, é muintcho sufrimentu.

XEXÉ: Ah, você quer comida de verdade?

BOBUGRE: É!

XEXÉ: Mas na novela, eu sei, visqui é guaraná.

BOBUGRE: Mas ãqui nem isso...

XEXÉ (abrindo uma sacola e tirando um enorme sanduíche): Eu tenho aqui o meu lanchinho da tarde, pode servir...

BOBUGRE (pula nela): Serve! (Vai morder.)

ZÉ GABOLA (Interrompe): Carma. Comi durante o causo.

(Bobugre vai com o sanduíche até a "marca" de Resmelengo e, junto a Xexé, repetem:)

RESMELENGO (fala bem rápido): Na praça. Vai chegá quenti na praça ondi seu Tartamelo mispera.

DULCINÉIA: Ah, sim. Bona tarde. (Repete música. Resmelengo volta à platéia e encontra Chico Farofero. Os dois comem o sanduíche todo. Fim da música.)

CHICO: Êta deliça!

RESMELENGO (faz sinal da cruz): Brigado, padi ciço e São Tartamelo... Mas tinha tanta cumida naquela casa!

CHICO: Eles não iam só fazê esse troço di linguiça aí, não! Tem também umas vinte torta di muranga cum aquela negóci brancu em cima. Cumé o nome daquilo, hein Resmelengo?

RESMELENGO: Tô estufadão.

CHICO: Mas bem qui cabi um docí. Eu tenho uma vaga aqui prum... I dispois ninguém sabi comu vai sê o

dia di amanhã...

RESMELENGO: É mesmo. Vou lá!

CHICO FAROFERO: Ocê fica aí qui essi serviço é pra alguém cum mais ixpiriência, mais maliça. Leu, o grandi Chico Farofero.

RESMELENGO: Uái! I si ela ti recunhecê?

CHICO: Eu mi faço passar pelo seu Alfredo.

RESMELENGO: Arfredu?... Cê qui sabe. (Chico vai saindo. Música. Mudança de cena. Passa-se na casa de Dulcinéia e TartameLO, que vem chegando.)

TARTAMELO (fora de casa): Qui-qui-qui-qui droga! Ni-ni-ninguém mi-mi-mi avisou qui u-ou-u-u-j-j-antar tinha mu-mu-dado di-di-di-de dia! Diiiisaforo! (Entrando em casa.) Du-du-du-du-du-dul-du-d-d-d. Dul-d-d-d...

DULCINÉIA (entrando em cena): Já de volta, belinho? Que te aconteceu, ã?

TARTAMELO: T-t-tô nervoso. Qui-qui-qui mudaram u di-di-dia da booocha e n-nu-num mi-mi-mi avisaram.

DULCINÉIA: Ingratos! É o que eu sempre digo, TartameLO, meu belo, você se dedica sua vida pros outro e é assim que te pagam. Coitado! (Em drama crescente.) Se esforça, é amigo, leva sempre alguma coisa pros amigo. É uma tortinha dali, um docinho daqui, um calzzone de lá! Ingratos! Miserável!

TARTAMELO: Também num exagera. Pu-pu-pu por falar em ca-ca-calzzone, e-e-eu t-t-t-t-t-t-tô cum f-f-f-f-f-f-fome, p-p-p-pega lá p-p-pra mim.

DULCINÉIA: Como é?

TARTAMELO: Não gosto que zombem da minha ga-ga-ga-gagueira. Tra-tra-traz o-ooo... A-a-a-a calzzone, loogo.

DULCINÉIA: Que é? Tá louco? Patso?...

Você mesmo não mandou um moço esquisito mi vim aqui pra buscá a calzzone, meu belo?

TARTAMELO: N-n-n-n-n-não! V-v-você tá meentindo!

DULCINÉIA: Mentiroso é você! Mentiroso e guloso, mi comeu toda a calzzone sozinho.

TARTAMELO: F-f-foi u que você f-f-fez!

DULCINÉIA: Não foi! Me dá a calzzone!

TARTAMELO: Me dá vo-vo-vo-você!

DULCINÉIA: Você!

TARTAMELO: V-v-v-v-você!

(Música. Começam a brigar e a se bater. Chico Farofero chega à casa de Dulcinéia.)

CHICO (fora de casa): He-he-he! Vô inganá todo mundo! Primeiru essis dois italianu bobaca! Dispois u troxo du Resmelengo! Vô ficá cum tudo pra mim. (Bate à porta.) Ô de casa! Ô de casa!

DULCINÉIA (abrindo a porta): Qui deseja?...

CHICO: Ó pá! Não ti lembrás de mim? Sou o Alfredinho, filho do Alfredo, neto do Alfredão. Vim pra buscaire as tortas de morangus.

DULCINÉIA: É? Ah... É.

CHICO: Mas sei que vovô mi avisou que eu tinha qui fazeire um gesto... Como é? As...

DULCINÉIA (percebendo o golpe): Não belo. Alfredinho? Belo Alfredinho, entre. Vou buscar as tortas. Se sente-se!

CHICO (desconferindo): Tenho cá um pouco de pressa, compriendes?

DULCINÉIA: Se sente-se! Por favor... (Chico se senta. Dulcinéia sai. Por trás de Chico entra TartameLO em silêncio e vem para cima de Chico, que, distraído, levanta-se. Faz um jogo de que os dois percorram o espaço sem que Chico o perceba, até que no final fiquem cara a

cara.)

CHICO (engole a seco): Xiii! (T.) Ó raios, não ti lembrás de mim? Sou o Alfredão, filho do Alfredim, neto do vô do Alfredo...

(Entra Dulcinéia com várias tortas numa bandeja. Da platéia Bobugre comenta.)

BOBUGRE: Intãoce eu mi torcia di fomi e ocês tinham essas torta di verdadi?

(Tartamelo tirando uma torta da mão de Dulcinéia.)

TARTAMELO: E-e-era toorta qui-qui-qui você queria, n-na-n-não era?

CHICO: E-e-e-e-e-era.

(Tartamelo taca-lhe a torta na cara. Música. Chico pega outra torta e, no tentar acertar Tartamelo, acerta Dulcinéia. Toca uma sirene de polícia. Resmelengo, ou melhor, Bobugre entra correndo na casa.)

BOBUGRE: Zé Gabola! Zé Gabola! Eu ouvi. É a sireni, devi di sê os homê qui a...

(Antes que acabe de falar, Dulcinéia tenta acertar em Chico, mas acerta em Resmelengo-Bobugre. Música cresce. Chico, Resmelengo e Dulcinéia tentam se acertar e ao mesmo tempo acertam Tartamelo. Começa um festival de tortas voando no palco. Alguém joga uma torta falsa no público, que está presa por um fio. No auge da bagunça, toca outra sirene. No meio do pastelão!)

BOBUGRE: Zé Gabola, a puliça! Num tá ouvino?

ZÉ GABOLA: O quê?

BOBUGRE: Os homi!

ZÉ GABOLA: Num mi venha cum essas maluquici, qui a farra aqui tá boa! (Volta à bagunça das tortas.)

BOBUGRE: Eles vão pegá nós.

VALDEMAR: Pegar quem, função?

BOBUGRE: Nós num semô vendedô, intendi?

VALDEMAR: Claro! Eu também tô

tentando ganhá a vida.

BOBUGRE: Mas é dinheiro qui nós querem ganhá!!

VALDEMAR: Pois é isso, idiota! E me faço passar por Mandalete, office-boy, sacou? Mas sô mesmo é batedor-de-cartera.

BOBUGRE: Intãoce...

VALDEMAR: Então eu ia levar a mala de vocês.

BOBUGRE: Pruquê num levô?

VALDEMAR: Porque tô procurando alguém pra batalhar aí comigo.

BOBUGRE: Negócio fechado! Sô eu. A genti podi cumeça a batê umas cartera ali no metrô e aí...

VALDEMAR: Se liga, função! Quem manda sou eu! A idéia é a seguinte: a gente começa a bater umas cartieras ali no metrô e depois... Carrega essa mala, idiota... Vamos...

BOBUGRE: Sim, sinhô, seu batedô.

(Vão saindo. Zé Gabola e Xexé ainda fazem a festa das tortas. Meio dançam. Toca a sirene novamente.)

ZÉ GABOLA: A coisa tá apertanu, dona! Eu si me vou embora!

XEXÉ: Onde você vai, benzinho?

ZÉ GABOLA: Hein?

XEXÉ: Onde pensa que vai, danadinho? Esqueceu que você me ensinou a viver?

ZÉ GABOLA: Sai pra lá, véia coroca! (T.) Bobugre, vamu, pegui a mala... Bobugre? Cadê ocê, diacho? Os homi já tão cheganu...

XEXÉ: Não adianta disfarçá, benzoca, que ele se mandou carregando a mala com aquele rapaz...

ZÉ GABOLA: Disgramentus! Safadus!

XEXÉ: Deixa pra lá. Safadinho é você!

ZÉ GABOLA: Sem a mala eu não vô tê como contá a istora que ocê tanto gosta di fazê.

XEXÉ: Não importa...

ZÉ GABOLA: Importa sim... Qui si eu num inganu aqui, inganu lá. Qui si num inganu agora, inganu dispois. Qui im vida de parlapatão é um golpe onti, um otro hoji e otro amanhã.

(Muitas sirenes tocam. Zé Gabola foge pela platéia. Xexé vai atrás. Música sobe. Pano. Música de agradecimento. Voltam somente os atores que fizeram Bobugre, Zé Gabola e Valdemar. Quando o público sair da sala, encontrará Dona Xexé, no hall do teatro, blasfemando até a saída do último espectador.)

XEXÉ: Não se pode confiar neles, não. Uns traidores. Todo homem me gosta mesmo é de usar as mulher. A senhora vê! Passei anos da minha vida cuidando das criança e do marido. E falo pra todo mundo que sou viúva. Mas não é verdade, não. A senhora sabe? Sabe o que aconteceu? Meu marido fugiu com uma mulata...

Vê se pode! Me trocou por uma escurinha nem genti qui nem nós ela me é. Mas a senhora pensa que eu liguei? Num tô nem aí! Qui sidane. Otro dia encontrei o safado e ele disse que queria ver as criança. Agora que já tão tudo grande cum filho e tudo... Mas nem morta! Nem por cima do meu cadáver! e agora mais essa: decubro que podia começar minha vida agora. Ser atriz. Já pensou eu, na novela das oito? Beijando a boca do Tarcísio Meira? Me dá até umas cocera aqui... Cocera? Era isso que eu queria: uma erva daquelas pra cocera só que os moço fugiram com as malas... Tudo bem, eu sei que tudo aqui é teatro... Amanhã eu volto e vai ser tudo igual... Ah, mais um dia eu consigo fazê aquele Zé Gabola me olhá pra mim. Não se pode confiar neles, não. Uns traidores. (Repete. Repete. Repete.)

FIM

Maiores de 14 anos

(aproximadamente)

Maldita Parentela

França Júnior

Quem casa quer casa

Martins Pena

MALDITA PARENTELA

Comédia em um ato

França Júnior

PERSONAGENS:

Cassiano Vilasboas 33 anos

Hermenegilda Taquaruçu de Miranda 30 anos

Desidério José de Miranda 60 anos

Damião Teixeira 50 anos

Raimunda, sua mulher, 45 anos

Marianinha, sua filha, 20 anos

Major Basílio 60 anos

Laurindinha e Cocota, suas filhas, 20 anos

Guimarães 40 anos

Doutor Aurélio 25 anos

3 criados; 3 meninos de 7 a 10 anos; 1 menina de 8 anos, convidados.

A ação passa-se no Rio de Janeiro, no ano de 1871.

ATO ÚNICO

(O teatro representa uma sala mobiliada com elegância. É noite.)

CENA I

(Damião Teixeira e Raimunda.)

DAMIÃO (entrando por uma das portas da esquerda, avista Raimunda, que entra pela direita): Onde está Marianinha? (Com alegria.) As salas regorgitam de gente e neste momento acaba de entrar a família do comendador Pestana.

RAIMUNDA: Marianinha está no toalete com as filhas do conselheiro Neves.

DAMIÃO: Que reunião luzida! São apenas nove horas e já tenho em casa dois desembargadores, três deputados, um conselheiro, um tenente-coronel...

RAIMUNDA: O pior é que chove a cântaros.

DAMIÃO: Tanto melhor. Haverá à porta maior número de carros e o nosso baile, durante uma semana pelo menos, será o assunto das conversações na vizinhança.

RAIMUNDA: Você só pensa nos seus

comendadores e barões e não se lembra do mano Basílio e das meninas da Prainha. Sabe Deus como elas virão por aí, coitadinhas, metidas num bonde, todas enlameadas e correndo o risco de uma constipação.

DAMIÃO: Se é por esse motivo que a chuva a incomoda, então fique sabendo desde já que eu não duvidaria dar às almas o dobro do que gastei esta noite para ver desabar sobre a cidade um tremendo temporal, dez vezes maior que o de dez de outubro.

RAIMUNDA: Se a minha família o envergonha, por que casou comigo?

DAMIÃO: Ora, Raimunda, falemos com franqueza, a tua parentela é um escândalo!

RAIMUNDA: Em que é que os seus parentes são melhores que os meus?

DAMIÃO: Aqui para nós, que ninguém nos ouve, tu achas que teu mano Basílio...

RAIMUNDA: Teu mano, não; seu cunhado.

DAMIÃO: Vá lá; tu achas que meu cunhado Basílio e aquelas duas filhas; uma muito desengonçada e a dar gargalhadas a todo o momento e a outra de cara sempre amarrada a responder às amabilidades que lhe dizem com desaforos e muxoxos de crioula, estão no caso de entrar num salão de gente que se trata?

RAIMUNDA: Quem te viu e quem te vê!

DAMIÃO: Desde que me entendo, encontro-as em toda a parte com uns célebres vestidos brancos, tão cheios de fofinhos, pregas e canudos, que parecem estar

vestidas de tripas. E o tal senhor Cassiano Vilasboas? Não se me dá de apostar que ele vem por aí de casaca e calça branca.

RAIMUNDA: Pois olhe, o primo Vilasboas foi sempre um janota.

DAMIÃO: Um janota da Ponta do Caju, que me tem quebrado, com seus estouvamentos, quanta louça tenho em casa.

RAIMUNDA: Não é tanto assim.

DAMIÃO: Eu daria parabéns a mim próprio, senhora, se a sua parentela tivesse a feliz lembrança de não pôr cá os pés. Sabe que este baile é dado especialmente ao Senhor Joaquim Guimarães, que é um homem às direitas, com quem desejo casar Marianinha. Já vê, pois, que é preciso que nos salões se encontre a nata da sociedade fluminense.

RAIMUNDA: Não compreendo por que queres a nata da sociedade em tua casa, quando pretendes casar tua filha com um lopra, um sujeito sem educação, que vai fazer a sua infelicidade.

DAMIÃO: Pois um homem que traz para o casal aquilo com que se compram os melões faz porventura a infelicidade de alguém?! Pelo amor de Deus, senhora, não diga disparates.

RAIMUNDA: Se reservavas esta sorte para a pobre menina, seria melhor que não a tivesses mandado educar com todo o esmero em um colégio francês.

DAMIÃO: Pois saiba que é atendendo mesmo a essa educação que desejo casá-la com tal lopra, como a senhora o chama. Marianinha está acostumada ao luxo, à vida da alta sociedade, e um marido

dinheiroso é para ela hoje tão necessário como o ar que respira.

RAIMUNDA: Um marido que há de envergonhá-la em toda a parte.

DAMIÃO: Não há de ser tanto assim. Concordo que a princípio ele cometa suas inconveniências e que dê mesmo algumas patadas bravias; mas depois há de ir se acostumando pouco a pouco à atmosfera dos salões e acabará finalmente por falar a linguagem do bom-tom e não dar um passo sem atender ao formulário da etiqueta.

RAIMUNDA: Veremos.

DAMIÃO: Ora, minha amiga, tu queres medir todos pela bitola de tua família, que nasceu na Prainha, na Prainha foi educada e há de morrer na Prainha.

RAIMUNDA: Está bom, a minha família não está em discussão.

DAMIÃO: Eu já sei o que a senhora quer. Vem com pés de lã advogar a causa do tal doutorzinho que me anda a namorar a pequena...

RAIMUNDA: Pois fique sabendo que Marianinha já me disse que, a não dar a mão ao Senhor Doutor Aurélio, não se casava com mais ninguém. E eu acho que ela faz muito bem.

DAMIÃO: O quê?! Pensa porventura a Senhora Raimunda que eu vou casar minha filha com um valdevinos sem fortuna e sem família?...

RAIMUNDA: Mas...

DAMIÃO: Sim, sem família. Dou um doce ao tal sujeitinho se ele for capaz de dizer quem sejam seus pais.

CENA II

(Os mesmos e três convidados.)

DAMIÃO (a duas damas e a um velho que entram pelo fundo): Ó Senhor Visconde, pensei que não viesse. (Aperta a mão do Visconde.) Raimunda, leva as capas das senhoras para o toalete. (Raimunda beija as duas moças, tira-lhes as capas e entra pela esquerda voltando logo. As moças sentam-se.) Pode dispor desta casa como se fosse sua.

RAIMUNDA (para as moças): A Senhora Viscondessa por que não veio?

DAMIÃO (para o velho): É verdade, por que não trouxe a Excelentíssima senhora?

CENA III

(Os mesmos e mais três convidados.)

DAMIÃO (a um moço que entra com duas damas pelo fundo): Ó Excelentíssimo! Raimunda?! O Senhor Doutor Chefe de Polícia. Minha mulher. (Raimunda cumprimenta o moço, beija as três moças, tira-lhes as capas e leva-as para o toalete, depois do que, volta para a cena. As moças sentam-se.)

CENA IV

(Raimunda, Damião, os convidados, Basílio, Laurindinha, Cocota, três meninos, de 7 a 10 anos, e uma menina de 8 anos.)

RAIMUNDA: Como está, mano Basílio? (Laurindinha, Cocota e os meninos tomam a bênção a Raimunda.)

DAMIÃO (à parte): Jesus! Veio a família em peso!

LAURINDINHA (rindo-se às gargalhadas): Estamos todas enlameadas! (Apertando a mão de todos que estão na sala, um por um.) Como

tem passado? (A outra.) Eu estou boa, muito obrigada. (A outro.) Boa noite. (A outro.) Tem passado bem? (A outro.) Como vai?

DAMIÃO (à parte): Que vergonha, meu Deus! Entram em um baile apertando a mão de todos, sem uma apresentação sequer!

LAURINDINHA (a outra): Viva!

DAMIÃO (baixo a Raimunda): Senhora, pelo amor de Deus, toque estas sirigaitas daqui para fora. (O major Basílio, os três meninos, a menina e Cocota seguem também um atrás do outro apertando a mão de todos, que ocultam o riso com lenço na boca.)

RAIMUNDA (baixo a Damião): De que é que esta súcia se ri?

DAMIÃO (baixo): A senhora ainda o pergunta?! Olhe para aqueles vestidinhos, cheios de fitas de todas as cores. Parece-me estar vendo o mastro do Castelo em dia de chegada de voluntários.

BASÍLIO (abraçando o Chefe de Polícia): Oh! Há quanto tempo não o vejo.

DAMIÃO (à parte): O que é aquilo, o que é aquilo?!

BASÍLIO: Não é o Senhor Tomé da rua do Alcântara, a quem tenho a honra de falar?

DAMIÃO (pondo-se de permeio): Venha tirar par para uma quadrilha, Excelentíssimo.

BASÍLIO: Desculpe-me, estou sofrendo tanto da vista.

LAURINDINHA (rindo-se): Ah! Ah! Ah! Titia, não imagina o reboliço que houve hoje lá em casa por causa deste baile.

DAMIÃO (com riso forçado): Nós imaginamos, nós imaginamos.

LAURINDINHA: Ah! Ah! Ah! Eu e Cocota queríamos fazer uns vestidos novos

para pôr poeira hoje aqui em tudo. O diabo do italiano que costuma levar fazendas lá na Prainha flauteou-nos e não tivemos remédio senão lançar mão destes vestidos que fizemos para a chegada do Conde D'Eu. Toca a mudar fitas. Ah! Ah! Ah! O caxeiro do armarinho entrava e saía. Ah! Ah! Ah! Papai estava furioso. Já não posso com tanta despesa, disse ele. Ah! Ah! Ah! Saímos de casa todas engomadas, principiava a fuzilar. Quando chegamos ao Largo da Imperatriz, desabou uma pancada d'água... Ah! Ah! Ah! Os bondes passavam... papai, sciu, sciu, sciu, pára! Qual! lam todos atopetados. Ah! Ah! Ah!

DAMIÃO (interrompendo): Vamos tirar pares, vamos tirar pares.

LAURINDINHA: A mana está danada.

COCOTA (zangada): Me deixe.

LAURINDINHA: Ah! Ah! Ah! Está com os sapatos todos encharcados, e a meia caiu-lhe pela perna abaixo.

COCOTA (zangada): Não é de sua conta; cuide de sua vida que não faz tão pouco.

LAURINDINHA: Eu lá tenho a culpa que você viesse com os sapatos rotos?

COCOTA: Vá plantar batatas.

DAMIÃO (à parte): Que vergonha! (Alto.) Vamos tirar pares, vamos tirar pares.

COCOTA: Se você me exaspera muito, olhe que eu faço uma das minhas, hein?

BASÍLIO (para Cocota e Laurindinha): Vocês não trouxeram aquela música a quatro mãos?

COCOTA: Eu não, não tinha eu mais que fazer.

BASÍLIO: Mas por que não trouxeste a música?

COCOTA: Porque não quis, está aí.

CENA V

(Os mesmos e Vilasboas.)

VILASBOAS (entra pelo fundo, traja casaca e calça branca; traz um cache-nez ao pescoço, a bainha da calça dobrada, sapatos de borracha e um chapéu de chuva sobraçado com a ponta para o ar): Afinal, sempre cheguei.

LAURINDINHA (batendo palmas): Lu... Ó primo Vilasboas. Que pagode. Ah! Ah! Ah! (Vilasboas cumprimenta a todos com a ponta do guarda-chuva voltada para o ar.)

DAMIÃO (à parte): Mais outro.

BASÍLIO (a Vilasboas, que o cumprimenta): Olhe que você furame um olho.

VILASBOAS: Estou molhado como um pinto. (Recuando para apertar a mão de Raimunda, dá com o cabo do chapéu em um aparador e atira uma jarra ao chão.)

DAMIÃO (à parte): Começa o diabo a quebrar-me tudo.

VILASBOAS (para Raimunda): Não se incomode, eu pago. Com licença. (Abre o chapéu de chuva e coloca-o no chão.)

DAMIÃO: O que é isto, senhor?

VILASBOAS: É para enxugar. (Damião fecha o chapéu e coloca-o a um canto. Vilasboas senta-se no sofá, tira os sapatos de borracha e atira-os para baixo, desenrola o cache-nez e desdobra a bainha da calça.)

DAMIÃO (baixo a Raimunda): Estou com a cara mais larga que um tacho. (Alto.) Vamos tirar pares, vamos tirar pares.

CENA VI

(Vilasboas, os convidados, os meninos, Laurindinha, Cocota, Basílio, Damião,

Raimunda, Hermenegilda e Miranda.)

RAIMUNDA: Entre, prima Hermenegilda.

HERMENEGILDA (cumprimentando a todos): Pensei que não nos apropinquássemos mais às avenidas deste palácio, todo por dentro e por fora iluminado, como diz Alexandre Herculano no Otelo.

DAMIÃO (à parte): Faltava mais este casal para coroar a obra.

VILASBOAS (para Laurindinha): A mana Hermenegilda fala que se pode ouvir.

HERMENEGILDA: Deixamos a poética Praia do Caju envolvida nos vapores fosforescentes do cair das sombras que abandonavam a terra.

DAMIÃO (à parte): Quanta asneira, meu Deus!

HERMENEGILDA: A lua ocultava o perfil entre nuvens negras como diz o cantor do Jocelyn.

DAMIÃO (interrompendo): Mas vamos tirar pares, vamos tirar pares.

MIRANDA (para o Chefe de Polícia): Se não me engano, é o Senhor Doutor Chefe de Polícia da Corte? Há de permitir-me que apresente minha filha a Sua Excelentíssima. (Apresentando Hermenegilda.) O Senhor Doutor Chefe de Polícia. Minha filha, Dona Hermenegilda Taquaruçu de Miranda.

HERMENEGILDA: Creio que é *inútel* esta apresentação, porquanto já tive o prazer de enlaçar o meu braço no de Vossa Excelência no voluptuoso baile do Frago.

VILASBOAS: É verdade, como este voluptuoso aquele baile! Havia gente como terra. (A orquestra toca dentro uma quadrilha.)

DAMIÃO: A orquestra dá o sinal para a segunda quadrilha. Não há tempo

a perder, meus senhores.

MIRANDA (para o Chefe de Polícia): Se Vossa Excelência não tem par, tomo a liberdade de oferecer-lhe minha filha. (O Chefe de Polícia dá o braço a Hermenegilda.)

HERMENEGILDA: Eu amo a dança, como o saltitante colibri, pulando de várzea em várzea ora aqui, ora ali, ama as pétalas de flores, onde a borboleta vai colher o delicioso mel. (Saem ambos.)

LAURINDINHA (para Vilasboas): Primo, você dança comigo; nós cá quando nos ajuntemos, pintemos. Ah! Ah! Ah! (Sai de braço com Vilasboas.)

BASÍLIO (para a menina): Eu vou ver um par para ti, Isabelinha. (Dirigindo-se a um dos convidados.) Se ainda não tem dama, peço-lhe que dance com esta menina. (A menina sai de braço com o convidado.) Vocês (Para as meninas.) vejam lá como se portam, vão para a sala, fiquem bem sossegadinhas num canto e sobretudo não me metam a mão nas bandejas. (Saem as meninas, os outros convidados tiram pares e saem também.)

DAMIÃO (para Cocota): Você não vai dançar, menina?

COCOTA: Estou muito bem sentada.

DAMIÃO: Se veio cá para fazer papel de jarra, seria melhor ter ficado em casa.

COCOTA: Jarra será ele, veja lá se está falando com seus negros. Se pensa que faço muito empenho em vir aos seus bailes, fique sabendo que vim cá somente para fazer a vontade de papai. Depois que apanhou umas patacas ficou tão cheio de *impostúrias* e de

sobêrbias, que parece que tem o rei na barriga. Eu não faço caso de dinheiro.

BASÍLIO: Menina, respeite seu tio, que é mais velho; vá dançar.

COCOTA: Não vou, não vou e não vou. (Sai para a toailete levando consigo uma moça.)

BASÍLIO (dando o braço a duas damas e saindo): É muito bem criada, mas, quando teima, ninguém pode com ela.

CENA VII

(Damião e Miranda.)

MIRANDA: Na realidade, invejo a posição em que te achas.

DAMIÃO (com ar pretensioso): Ora, meu amigo. Mudemos de conversa.

MIRANDA: Infelizmente não posso fazer outro tanto, apesar de ter um elemento com que podia figurar mais do que tu.

DAMIÃO: Qual é?

MIRANDA: Uma filha inteligente e interessante.

DAMIÃO: Não te compreendo.

MIRANDA: Desconheces porventura a importância da mulher na sociedade? Não sabes que de um momento para outro ela pode arremessar-nos ao abismo com a mesma facilidade com que eleva-nos às mais altas posições? Hermenegilda tem todos os dotes para fazer-me subir e, no entretanto, ainda nada conseguiu até hoje.

DAMIÃO: Ora Miranda...

MIRANDA: Ela, por sua parte, coitada, faz todo o possível. Não a viste, há pouco, com o Chefe de Polícia? Um homem solteiro, em boa posição... Um corte de marido, às direitas. Parece-me que o

caiporismo vem de mim.

CENA VIII

(Os mesmos e Joaquim Guimarães.)

GUIMARÃES (entrando pelo fundo): Há um quarto de hora que ando pelas salas a sua procura. Irra!... Estou suando como um burro.

DAMIÃO: Ó Senhor Guimarães, a sua ausência já me era muito sensível!

MIRANDA (baixo a Damião): Este homem não é aquele sujeito muito apacatado de que me falaste uma vez?

GUIMARÃES: Não pude vir mais cedo. Mandei ver umas botas para o seu *bródio*, encomendo ao diabo do caixeiro que me procurasse quarenta e oito, três, que é o número que calço, e o ladrão traz-me estas botinas. Estou com os pés intransitáveis.

MIRANDA (baixo a Damião): Apresenta-me a este homem.

GUIMARÃES: Decididamente não me sei haver com isto. Quem me tira de um bom chinelo-de-tapete, tira-me de tudo.

DAMIÃO: Já estive na sala da frente?

GUIMARÃES: Acabo de sair de lá.

DAMIÃO: Que tal?

GUIMARÃES: O mulherio é magnífico!

MIRANDA (à parte): É preciso que ele dance com Hermenegilda.

GUIMARÃES: Mas quer que lhe fale com franqueza? Eu não gosto de bailes de cerimônia. Se algum dia der reuniões em minha casa, não hei de fazer convites. Encontrando algum conhecido na rua, chamo-o e digo-lhe: Vem cá, fulano, vai tomar hoje uma xícara de água suja lá em casa; podes ir assim mesmo que lá não vai ninguém de bem. Não me entendo com

negócios cá de casaca e gravata ao pescoço, está a gente de fora de seus hábitos.

MIRANDA: O senhor é como eu.

GUIMARÃES: Quem é o senhor?

MIRANDA: Chamo-me Desidério Jospe de Miranda, moro na Ponta do Caju e sou pai de uma menina que é um anjo.

GUIMARÃES: Onde está ela?

DAMIÃO (interrompendo com vivacidade): Vamos para a outra sala; minha filha espera-o com ansiedade...

MIRANDA: Venha, vou apresentá-la.

DAMIÃO: Oh! Aí vem Marianinha.

CENA IX

(Marianinha, Aurélio, Damião, Miranda e Guimarães.)

GUIMARÃES (a Marianinha): Ora muito boas noites, minha senhora. Então como vai a Sé velha? (Apertando-lhe a mão.)

DAMIÃO (a Aurélio): Desejava falar-lhe, Senhor doutor.

AURÉLIO (à parte): Compreendo.

MIRANDA (à parte): O patife quer me empatar as vasas.

DAMIÃO (saindo com Aurélio): Vamos também, Miranda, quero comunicar-te um negócio de muita importância. (Saem os três. Aurélio lança, ao sair, um olhar furtivo para Marianinha.)

CENA X

(Marianinha e Guimarães.)

GUIMARÃES (à parte): Que diabo lhe hei de eu dizer? (Alto.) O dia de hoje tem me corrido muito bem, minha senhora.

MARIANINHA: Deveras?

GUIMARÃES: É verdade?

MARIANINHA: Então, pelo quê?

GUIMARÃES: Vendi de manhã no meu armazém três barricas de paios avariados e tenho agora o prazer de estar ao seu lado.

MARIANINHA: Que amabilidade!

GUIMARÃES: Ah! Eu não sou homem de etiquetas, digo o que sinto. Fiz um bom negócio e desabafo com a menina, que é uma pessoa a quem amo como todas aquelas. Também se não gostasse da senhora, dizia-lhe logo nas ventas; eu para isso sou bom.

MARIANINHA: O senhor gosta da franqueza?

GUIMARÃES: É a alma do negócio.

MARIANINHA (com ironia): O Senhor Guimarães é um espírito altamente poético; o negócio jamais lhe sai da cabeça, mesmo ao lado da mulher a quem ama.

GUIMARÃES: Se eu não pensar no negócio ao pé da senhora, quando é que hei de pensar então? Além disso o casamento é um verdadeiro negócio.

MARIANINHA: Ah?!

GUIMARÃES: Sim, senhora; é uma sociedade sujeita a perdas e lucros e que tem por capital o amor. Quando o capital se esgota, dissolve-se a firma social, e cada um trata de procurar o seu rumo.

MARIANINHA: Pois já que o senhor gosta da franqueza, há de permitir-me que lhe diga que a nossa firma social é impossível.

GUIMARÃES: Impossível?! Por quê?

MARIANINHA: Já dei o meu capital a outra sociedade.

GUIMARÃES: Já deu o seu capital?! Não é isto o que seu pai tem me dito!

MARIANINHA: Mas é o que lhe digo agora.

GUIMARÃES: Ora, a menina está

caçoando. E se o Senhor Damião a obrigar?

MARIANINHA: Casar-me-ei com o senhor, mas meu coração nunca lhe pertencerá. (Aurélio aparece ao fundo. Marianinha vai retirar-se.)

GUIMARÃES: Venha cá.

MARIANINHA (para Aurélio): Dê-me o seu braço, Senhor Aurélio. (Sai com Aurélio.)

GUIMARÃES (pensando): Nada. (Pausa.) Não me serve.

CENA XI

(Guimarães, Miranda e Hermenegilda.)

MIRANDA (apresentando Hermenegilda): Aqui está o anjo de que falei. (Baixo a Hermenegilda.) Trata-o com toda a amabilidade e vê se o seguras; olha... (Faz sinal de dinheiro.) Eu a entrego, Senhor Guimarães.

GUIMARÃES: Minha senhora...

HERMENEGILDA: Eu já o conhecia tradicionalmente.

GUIMARÃES (à parte): Isto é aguardente de outra pipa.

HERMENEGILDA: O seu ar nobre, as suas maneiras distintas, cativaram-me o peito em arroubos divinais.

GUIMARÃES: Ora, minha senhora, quem sou eu? Um pobre diabo carregado de esteiras velhas...

HERMENEGILDA: Mas que tem um coração magnânimo e generoso, como um poeta. Não gosta de versos?

GUIMARÃES: Hum... Assim, assim.

HERMENEGILDA: Certamente ama mais a música?

GUIMARÃES: Já fiz parte da Sociedade Recreio da Harmonia, estive aprendendo a tocar clarinete, mas tenho uma péssima embocadura. Nunca cheguei a sair incorporado

à banda.

HERMENEGILDA: A música é a minha paixão *predilética*. Naquelas notas místicas, como diz Eugene Sue nos *Ciúmes do Bardo*, a alma esvai-se em perfumes ignotos. Conhece Meyerbeer?

GUIMARÃES: Muito. Não conheço eu outro.

HERMENEGILDA: Que alma!

GUIMARÃES: É verdade, mas deu com os burros n'água.

HERMENEGILDA: Com os burros n'água?!

GUIMARÃES: Sim, senhora. Pois o Meyerbeer não é aquele mocinho estrangeiro que tinha uma loja de drogas na rua Direita? Quebrou e está hoje sem nada.

HERMENEGILDA: Não, eu falo de Meyerbeer, o cantor da *Africana*, de *Julietta e Romeu*, e da *Traviata*.

GUIMARÃES: Com esse nunca tive relações. (À parte.)
Decididamente, isto é gênero de primeira qualidade.

HERMENEGILDA: Não gosta e dança?

GUIMARÃES: Lá isto sim, é o meu fraco; morro por dançar, como macaco por banana.

HERMENEGILDA: Já tem par para a primeira polca?

GUIMARÃES: Não, senhora.

HERMENEGILDA: Poderei eu merecer a honra de *voltigear* com o senhor nesses mundos aéreos, até onde não ousa subir a acanhada concepção dos espíritos tacanhos e positivos?

GUIMARÃES: O que é que a senhora quer? Eu não compreendi bem.

HERMENEGILDA: Quer dançar esta polca comigo?

GUIMARÃES: Essa é boa, pois não. (À parte.) Esta mulher está me provocando, e eu ataco-lhe já uma

declaração nas bochechas.

CENA XII

(Guimarães, Vilasboas, Hermenegilda e Laurindinha.)

LAURINDINHA (rindo-se às gargalhadas): Ah! Ah! Ah! Você já viu, primo, que súcia de feiosas, todas caídas e a fazerem umas cortesias muito fora de propósito! (Arremedando.)

VILASBOAS: E que lingüinhas! Uma delas que dançou perto de mim, estava falando do seu balão.

LAURINDINHA: O que é que ela podia dizer do meu balão?

VILASBOAS: Eu lá sei; disse que você estava estufada, como uma pipoca.

LAURINDINHA: Ah! Ah! Ah! E elas são umas escorridas; parecem uns chapéus de sol fechados!

CENA XIII

(Os mesmos e Cocota.)

COCOTA (entrando pelo fundo, zangada): Vamos ver a capa, eu vou-me embora.

LAURINDINHA: O que foi?

COCOTA: Estou furiosa! Vamos embora.

VILASBOAS (para Laurindinha): Não caia nessa, prima. Já que veio cá, espere pela mamata, que não há de tardar.

LAURINDINHA: Mas o que foi que te aconteceu?

COCOTA: Um diabo de um mono que encontrei na sala tirou-me para uma quadrilha e entendeu que devia tomar-me para seu palito. Depois de me ter dito uma porção de asneiras, perguntou-me se eu não era da Cascadura, e acabou por pedir-me o molde do meu penteado.

LAURINDINHA: Ah! Ah! Ah! E tu

encavacaste com isto?

COCOTA: Ora, falem com franqueza, vocês acham alguma coisa neste penteado? Pois o mono saiu às gargalhadas dizendo aos companheiros: olhem o chique com que está aquela flor espetada no cabelo; parece uma lanterna de tîlburi! Eu, que não aturo desaforos, mandei-o plantar abóboras e dei-lhe as costas.

GUIMARÃES: A menina fez muito bem. Uma ocasião, no baile das Nove Musas, estive às duas por três por lascar uma bolacha numa sujeita que me dirigiu uma graça pesada. (Para Vilasboas.) O senhor quer ouvir o que ela me disse? Olhe, escute. (Diz-lhe um segredo ao ouvido.)

VILASBOAS: Safa!

CENA XIV

(Raimunda, Cocota, Laurindinha, Vilasboas, Guimarães, Hermenegilda, dois criados, um com uma bandeja de doces e outro com a do chá, uma negra, com um pão-de-ló em uma salva, os meninos e a menina, Basílio e depois Damião.)

(Os três meninos pulam para alcançar as bandejas que devem ser levantadas pelos criados.)

RAIMUNDA (para Laurindinha): Já tens par para todas as quadrilhas? (Cocota e Laurindinha sentam-se no sofá.)

BASÍLIO (com uma xícara de chá, seguindo atrás das bandejas): Deixa ver isto. (Os criados, atropelados pelas crianças, levantam, as bandejas, sem atenderem a Basílio. Guimarães tira uma xícara que oferece a Hermenegilda, Vilasboas tira outra

que vai oferecer a Cocota no momento em que as meninas esbarram-se com ele, obrigando-o a despejar a xícara em cima do vestido de Cocota.)

COCOTA: Ah! Estou com a pele da barriga toda assada! Que diabo de desastrado!

LAURINDINHA: Ah! Ah! Ah!

VILASBOAS: Não foi por querer, prima.

DAMIÃO (entrando pelo fundo e deparando com a negra que traz o pão-de-ló, baixo, zangado, a Raimunda): A senhora mande esta negra para dentro. Pois eu alugo para o serviço criados do Carceler e a senhora quer me envergonhar?! (Para a negra, baixo.) Passa para dentro, tição. (À parte.) Põem-me a cabeça tonta! (Olha para os lados como quem procura alguma coisa e sai pelos fundos. A negra sai.)

VILASBOAS: Não haverá por aí pão com manteiga?

GUIMARÃES: O senhor é dos meus, para chá, pão com manteiga. Não entendo cá essas histórias de biscoitinhos e doces. (Laurindinha e Basílio enchem os lenços de doces.)

RAIMUNDA (tirando doces da bandeja, para Basílio): Leve este para Chiquinha. (Para Laurindinha.) Dê este docinho à filha do Barnabé do Tesouro; diga-lhe que não me esqueci dela.

VILASBOAS (para o criado): Deixa-me ver outra xícara. (Tira a xícara, para Guimarães.) Não vai a outra?

GUIMARÃES: Reservo-me para logo mais.

VILASBOAS: Faz bem; é preciso deixar algum lugar para o sólido, mas, por causa das dúvidas, vou sempre me prevenindo.

(A orquestra toca dentro sinal para uma polca, os criados saem seguidos pelos meninos e a menina.)

GUIMARÃES (para Hermenegilda): Esta é a nossa. (Saem. Entram dois convidados e tomam o braço de Cocota e Laurindinha, saindo todos pelo fundo.)

RAIMUNDA: Dão sinal para uma polca, primo Vilasboas.

VILASBOAS: E eu que não tenho par. Ora, hei de encontrar alguma desgarrada. (Sai juntamente com Raimunda e Basílio.)

CENA XV

(Aurélio e Marianinha.)

MARIANINHA: Por que está tão triste hoje?

AURÉLIO: A tristeza tem-me sido companheira fiel desde o berço e há de guiar-me talvez até ao túmulo. (A orquestra dentro toca a polca.) No horizonte negro que se estendia diante dos meus olhos vi luzir uma estrela de bonança. Quando seus raios principiaram a aquecer-me, o astro empalideceu e disse ao coração do pobre orfão: - Louco, que ousaste sonhar a felicidade, volta ao martírio e segue teu destino.

MARIANINHA: O teu destino é o meu; expele de teu rosto as nuvens sombrias da tristeza e pensa nesse amor que será a nossa ventura.

AURÉLIO: Esse amor é impossível, Marianinha. Sem nome, sem família e sem fortuna, vejo-me repellido por teu pai e a consciência diz-me, nas horas em que a esperança vem acalantar-me, que devo fugir quanto antes desta casa.

MARIANINHA: Mas minha mãe te adora, Aurélio.

AURÉLIO: O coração de uma mãe é sempre generoso!

MARIANINHA: Eu te juro que serei tua.

AURÉLIO: Não jures, entre a opulência que te espera, embora amargurada, e a pobreza feliz, teu pai escolherá aquela e os teus votos serão impotentes diante de tão funesta ambição.

MARIANINHA: Tu não me conheces.

AURÉLIO: Conheço-te. És um anjo! Se a sorte te ligar a esse homem não te recriminarei por isso. Curvar-me-ei submisso ante o meu destino e seguirei meu caminho.

CENA XVI

(Os mesmos e Damião.)

DAMIÃO (entrando às pressas pelo fundo, baixo a Marianinha): Lá está a deslambida da Hermenegilda a dançar com o Guimarães e tu aqui. Anda, vem para a sala. Com licença, Senhor Aurélio. (Sai com Marianinha.)

CENA XVII

(Vilasboas e a menina, Aurélio e depois Hermenegilda e Guimarães.)

VILASBOAS (para a menina): Afinal sempre achei um par! Vamos dançar aqui, Isabelinha, que está mais folgado. (Dançam, e Aurélio senta-se pensativo.) Faça o passo largo, levante mais o braço, não envergue tanto o pescoço; bravo! Assim.

GUIMARÃES (com Hermenegilda): Aqui não há tanto aperto. (Dança a varsoviana ao passo que Hermenegilda dança a polca.)

HERMENEGILDA: Nós laboramos em engano. O que é que o senhor está dançando?

GUIMARÃES: Pois não é assim?

HERMENEGILDA: A orquestra executa uma polca e o senhor está dançando a varsoviana!

GUIMARÃES: Pois isto que estão tocando não é *valsa-viana*? Minha senhora, eu aprendi com o Guedes e sei onde tenho o nariz. Vamos lá, havemos de acertar. (Dançam outra vez desencontrados; Vilasboas esbarra-se com Guimarães e atira-o ao chão.)

VILASBOAS (continuando a dançar muito entusiasmado): Desculpe-me; quando encontro um bom par, perco a cabeça. (A orquestra pára.)

HERMENEGILDA (para Guimarães): Machucou-se? Venha beber um copo de água. (Saem todos, menos Aurélio.)

CENA XVIII

(Basílio e Aurélio.)

BASÍLIO: Não dança, Senhor Aurélio?

AURÉLIO: Já dancei a primeira quadrilha.

BASÍLIO: Devia ter dançado a segunda que é a dos namorados. Maganão!

AURÉLIO (à parte): Que maçante!

BASÍLIO: Eu também já não danço. O meu maior prazer nestas reuniões é a boa conversa. (Tirando a boceta de rapé e oferecendo uma pitada a Aurélio.) Não gosta? (Aurélio agradece.) Ora, diga-me uma coisa; o senhor não é filho de São Paulo?

AURÉLIO: Sim, senhor; nasci na capital, lá eduquei-me e formei-me.

BASÍLIO: Boa terra! Passei ali a minha mocidade e ainda tenho saudosas recordações dos pagodes que lá tive. Nós, quando somos moços, fazemos cada extravagância...

AURÉLIO: Eu imagino o que o Major por lá faria...

BASÍLIO: O senhor conheceu lá uma... Não; não há de ser do seu tempo.

AURÉLIO: Diga sempre.

BASÍLIO: Ora, isto já foi há tantos anos, e graça é que nunca mais soube notícias daquela pobre criatura! Foi uma rapaziada... Mas, enfim, eu lhe conto. Havia na Luz uma rapariguinha viva e travessa que era requestada por muitos estudantes, menina séria. Eu fazia o meu pé-de-alferes com a sujeita e em um belo dia, quando menos pensava, sou apanhado em flagrante pela velha que era um demônio. Espalhou-se a notícia pela cidade, a polícia soltou atrás de mim os seus agentes, e eu, pernas pra que te quero! Venho para a corte, meu pai soube do negócio e assenta-me a farda às costas. Pobre menina! Nunca mais dela soube notícia.

AURÉLIO (com interesse): Esta mulher morava na Luz?

BASÍLIO: Sim, senhor, quase a chegar à Ponte Grande.

AURÉLIO (com interesse crescente): E como se chamava?

BASÍLIO: Maria da Conceição.

AURÉLIO: Maria da Conceição!! E o nome da velha que morava com ela?

BASÍLIO: Mas que diabo tem o senhor?

AURÉLIO (disfarçando): Nada. O nome da velha?

BASÍLIO: Creio que era Aurélia.

AURÉLIO (segurando em Basílio): Foi pois o senhor quem atirou no caminho da perdição uma mulher pura e inocente que devia mais tarde lançar ao mundo um desgraçado?!

BASÍLIO: O que é isto, senhor? Deixe-me.

AURÉLIO: Sim; saiba que este que tem à sua frente é o fruto desse amor

criminoso.

BASÍLIO: O fruto? Pois que... O senhor...
Tu és meu filho! (Chorando e ajoelhando-se.) Perdão.

AURÉLIO: Senhor, minha pobre mãe, que está no céu, sofreu tanto...

BASÍLIO: Perdão, meu Aurélio. Deixa-me contemplar teu rosto. (Abraça-se com Aurélio chorando em altas vozes.) Se procedi como um miserável para com aquela infeliz que te deu o ser, eu juro doravante saberei ser teu pai. Vira para cá esse rosto. (Dá um beijo em Aurélio chorando.) És o retrato da tua defunta mãe. E como chegaste à posição em te que achas?

AURÉLIO: Graças à alma generosa de um protetor que já não existe e que foi um verdadeiro pai que encontrei no caminho da vida.

BASÍLIO: O teu verdadeiro pai aqui está...
Tu serás o arrimo da minha velhice.
Não me perdoas?

AURÉLIO: Meu pai. (Abraça a Basílio.)

BASÍLIO: Meu filho. (Abraça-o chorando e rindo-se ao mesmo tempo.)

CENA XIX

(Os mesmos e Damião.)

DAMIÃO (entrando pela direita): O que é isto?

BASÍLIO (abraçado com Aurélio): Eu fui um grandíssimo patife, porém juro-te que serei teu escravo.

DAMIÃO (para Basílio): Mas que diabo é isto?

BASÍLIO: Ah! És tu? Abraça-me, abraça-me, Damião! (Abraçando-o.) Eu quero abraçar todo mundo.

DAMIÃO: Já sei, tu fizeste algumas visitas à copa e bebeste mais do que devias.

BASÍLIO: O que se passa em mim é tão grande, acho-me neste momento

tão altamente colocado, que não desço a responder à chufa pesada que acaba de me dirigir.

DAMIÃO: Por que motivo queres abraçar então todo o mundo?

BASÍLIO: Conheces aquele rapaz?

DAMIÃO: Pois não conheço o Senhor Doutor Aurélio?!

BASÍLIO: Olha bem para ele. (Pausa.)
Olha agora para mim. (Pausa.) Não achas ali um quê...

DAMIÃO: Um quê?!

BASÍLIO: Aurélio é meu filho, e eu sou seu pai.

DAMIÃO: Ah! Ah! Ah!

BASÍLIO: É uma história que depois te contarei. (Para Aurélio.) Vamos para a sala, preciso desabafar com todos a alegria que me vai pelo coração. Vamos, meu filho, quero te apresentar como tal às tuas irmãs. (Sai com Aurélio.)

DAMIÃO: Um filho natural! Eu já devia sabê-lo. Aquele rubor que lhe subia às faces quando se lhe falava na família... (Sai pensativo pelo fundo.)

CENA XX

(Hermenegilda e Guimarães.)

HERMENEGILDA: Os perfumes dos salões falam-me às fibras mais recônditas da alma. Sinto um indefinível que me atrai para os espaços como as estrelas que brilham no éter purpurino das melodias do céu.

GUIMARÃES (com um cravo na mão, à parte): O negócio há de começar por esta flor.

HERMENEGILDA (depois de pequena pausa): Que ar pensativo é este que lhe anuvia a fronte em cismas de poeta?

GUIMARÃES: O que é que a senhora está dizendo?

HERMENEGILDA: Por que está tão

pensativo?

GUIMARÃES: Eu... Ora esta... É meu modo. Quando estou no armazém é sempre assim. (À parte.) Vou lhe dar a flor. (Alto.) Minha senhora.... (À parte.) Deixe-me ver se me lembro...

HERMENEGILDA: O que quer?

GUIMARÃES (oferecendo-lhe o cravo): Tomo a liberdade de oferecer um cravo a outro cravo.

HERMENEGILDA: Ah! Será possível? Deixe-me oferecer-lhe também uma flor do meu inodoro ramalhete. (Tira uma flor do buquê que traz.) Tome, é uma perpétua. Sabe o que quer dizer no dicionário das flores esta inocente filha dos vergéis, vestida com as cores sombrias do sentimentalismo?

GUIMARÃES: Não, senhora.

HERMENEGILDA: Quer dizer constância eterna.

GUIMARÃES (à parte): Eu atiro-me aos pés dela e acabo com isto de uma vez.

HERMENEGILDA (pondo o cravo no peito): Este cravo não me sairá do peito até que morra. "Morte, morte de amor, melhor que a vida."

GUIMARÃES (ajoelhando bruscamente): Ah! Minha senhora, eu a adoro; pela senhora... Eu a amo.

HERMENEGILDA: Não repita essa palavra, que me afeta todo o sistema nervoso.

CENA XXI

(Os mesmos, Vilasboas e Laurindinha.)

VILASBOAS: Um patife ajoelhado aos pés de minha mana.

LAURINDINHA: Ah! Ah! Ah!

VILASBOAS: Não se ria, prima, que isto é muito sério.

GUIMARÃES (levantando-se): Que tem

você com isto?

VILASBOAS: O que tenho com isto?!

LAURINDINHA (apontando para Guimarães): Ah! Ah! Ah! Olhe, que cara, primo Vilasboas.

VILASBOAS: Não se ria, prima, que eu tenho gosto de sangue na boca. (Para Guimarães.) Prepare-se para bater-se comigo, senhor.

GUIMARÃES: Pois para bater-me com você é preciso preparar-me?

VILASBOAS: Escolha as armas!

HERMENEGILDA (pondo-se de permeio): Cassiano Vilasboas, meu irmão, não derrames o sangue deste homem.

LAURINDINHA: Ah! Ah! Ah!

VILASBOAS: Escolha as armas, senhor!

GUIMARÃES: Estou pronto. (Avança para Vilasboas e dá-lhe uma bofetada.)

VILASBOAS (gritando): Ai! Ai! Ai!

LAURINDINHA: Ah! Ah! Ah!

GUIMARÃES: Em guarda, e defenda-se! (Dá outra bofetada.)

VILASBOAS (gritando): Ai! Ai! socorro! Socorro! (Hermenegilda desmaia nos braços de Laurindinha.)

CENA XXII

(Vilasboas, Hermenegilda, Miranda, Damião, Raimunda, Marianinha, Basílio, Laurindinha, Cocota, Guimarães, Aurélio, convidados, e os meninos.)

DAMIÃO: O que é isto, meus senhores? Que escândalo!

VILASBOAS (apontando para Guimarães): Este homem ousou levantar a mão para o meu rosto. Deve-me uma reparação.

MIRANDA: Minha filha! (Hermenegilda acorda.)

VILASBOAS (para Miranda): Meu pai, surpreendi-o aos pés de minha mana e desafiei-o para bater-se comigo.

MIRANDA (à parte): É preciso fazer

render a situação. (Alto, para Guimarães.) O senhor deve-nos uma reparação.

GUIMARÃES: Mas que diabo de reparação querem vocês? Eu gosto desta moça, caso-me com ela e está acabado.

MIRANDA (abraçando Guimarães): O senhor é um homem de bem.

DAMIÃO (para Guimarães): Mas, minha filha...

GUIMARÃES: Sua filha disse-me na bochecha que já tinha dado o capital a outra sociedade e isto de mulher sem o capital... Hum... Temos conversado.

BASÍLIO (para Damião): Sua filha tem aqui um noivo. (Apresentando Aurélio.) E eu, como pai, dou o meu consentimento.

LAURINDINHA e **COCOTA:** Como pai?!

BASÍLIO: Sim, é seu irmão.

LAURINDINHA: Ah! Ah! Ah! Onde saiu este irmão de comédia?

MARIANINHA (ajoelhando-se com Aurélio aos pés de Damião): Meu

pai, a sua bênção. (Damião volta o rosto.)

GUIMARÃES (para Vilasboas): Se quiser bater-se comigo, ainda estou às suas ordens.

VILASBOAS: Uma vez que o senhor vai ser meu cunhado, eu o perdô; fica a bofetada em família.

DAMIÃO (para Marianinha e Aurélio). Casem-se, eu irei acabar a minha vida longe daqui. Maldita parentela! Envergonha-me, roubam-me o genro e acabam introduzindo-me em casa ainda um parente! (Canta.)

Meus senhores, neste espelho
podem todos se mirar.
Em parentes desta ordem
ninguém deve se fiar.

Se algum dia se casarem,
vejam lá, tenham cautela!
Que há mulheres que, por dote,
trazem esta parentela.

(Cai o pano.)

F I M

QUEM CASA, QUER CASA

Provérbio em 1 ato

Martins Pena

PERSONAGENS

NICOLAU, marido de

FABIANA, mãe de

OLAIA e

SABINO.

ANSELMO, pai de

EDUARDO, irmão de Paulina.

Dois Meninos e um Homem.

A cena passa-se no Rio de Janeiro, no ano de 1845.

ATO ÚNICO

(Sala com uma porta no fundo, duas à direita e duas à esquerda; uma mesa com o que é necessário para escrever-se, cadeiras, etc.)

CENA I

(Paulina e Fabiana. Paulina junto à porta da esquerda e Fabiana no meio da sala mostram-se enfurecidas.)

PAULINA (batendo o pé): Hei-de mandar!...

FABIANA (batendo o pé): Não há-de mandar!...

PAULINA (no mesmo): Hei-de e hei-de mandar!...

FABIANA: Não há-de e não há-de mandar!...

PAULINA: Eu lhe mostrarei. (Sai.)

FABIANA: Ai, que estalo! Isto assim não vai longe... Duas senhoras a

mandarem em uma casa... É o inferno! Duas senhoras? A senhora aqui sou eu; esta casa é do meu marido, e ela deve obedecer-me, porque é minha nora. Quer também dar ordens; isso veremos...

PAULINA (aparecendo à porta): Hei-de mandar e hei-de mandar, tenho dito! (Sai.)

FABIANA (arrepelando-se de raiva): Hum! Ora, eis aí está para que se casou meu filho, e trouxe a mulher para a minha casa. É isto constantemente. Não sabe o senhor meu filho que quem casa quer casa... Já não posso, não posso, não posso! (Batendo com o pé.) Um dia arrebento, e então veremos! (Tocam dentro rabeca.) Ai, que lá está o outro com a maldita rabeca... É o que se vê: casa-se meu filho e traz a mulher para

minha casa... É uma desavergonhada, que se não pode aturar. Casa-se minha filha, e vem seu marido da mesma sorte morar comigo... É um preguiçoso, um indolente, que para nada serve. Depois que ouviu no teatro tocar rabeca, deu-lhe a mania para aí, e leva todo santo dia - vum, vum, vim, vim! Já tenho a alma esfaldada. (Gritando para a direita.) Ó homem, não deixarás essa maldita sanfona? Nada! (Chamando.) Olaia! (Gritando.) Olaia!

CENA II

(Olaia e Fabiana.)

OLAIA (entrando pela direita): Minha mãe?

FABIANA: Não dirás a teu marido que deixe de atormentar-me os ouvidos com essa infernal rabecada?

OLAIA: Deixar ele a rabeca? A mamãe bem sabe que é impossível!

FABIANA: Impossível? Muito bem!...

OLAIA: Apenas levantou-se hoje da cama, enfiou as calças e pegou na rabeca - nem lavou a cara nem penteou os cabelos. Pôs uma folha de música diante de si, a que ele chama seu Trêmolo de Bériot, e agora verás - zás, zás! (Fazendo com o braço o movimento de quem toca rabeca.) Com os olhos esbugalhados sobre a música, os cabelos arrepiados, o suor a correr em bagas pela testa e o braço num vaivém que causa vertigens!

FABIANA: Que casa de Orates é esta minha, que casa de Gonçalo!

OLAIA: Ainda não almoçou, e creio que também não jantará. Não ouve como toca?

FABIANA: Olaia, minha filha, tua mãe

resiste muito tempo a este modo de viver...

OLAIA: Se estivesse em minhas mãos remediá-lo...

FABIANA: Que podes tu? Teu irmão casou-se, e como não teve posses para botar uma casa, trouxe a mulher para a minha casa. (Apontando.) Ali está ela para meu tormento. O irmão dessa desavergonhada vinha visitá-la freqüentemente; tu o viste, namoricaste-o, e por fim de contas casaste-te com ele... E caiu tudo em minhas costas! Irra, que arreio com a carga! Faço como os camelos...

OLAIA: Minha mãe!

FABIANA: Ela, (Apontando.) uma atrevida que quer mandar tanto ou mais do que eu; ele, (Apontando.) um mandrião, que só cuida em tocar rabeca e nada de ganhar a vida; tu, uma pateta, incapaz de dares um conselho à boa jóia de teu marido.

OLAIA: Ele gritaria comigo...

FABIANA: Pois grita tu mais do que ele, que é o meio de mulheres se fazerem ouvir. Qual histórias! é que tu és uma maricas. Teu irmão, casado com aquele demônio, não tem forças para resistir à sua língua e gênio; meu marido, que como dono da casa podia pôr cobro nestas coisas, não cuida senão na carolice: sermões, terços, procissões, festas, e o mais disse, a sua casa que ande ao Deus dará... E eu que pague as favas! Nada, nada, isto assim não vai bem; há-de ter um termo... Ah!

CENA III

(Eduardo e as ditas. Eduardo, na direita)

baixa, entra em mangas de camisa, cabelos grandes muito embaraçados, chinelas, trazendo a rabeca.)

EDUARDO (da porta): Olaia, vem voltar a música.

FABIANA: Psiu, psiu, venha cá!

EDUARDO: Estou muito ocupado. (Para Olaia.) Vem voltar a música.

FABIANA (chegando-se para ele e tomando-o pela mão): Fale primeiro comigo. Tenho muito que lhe dizer.

EDUARDO: Pois depressa, que me não quero esquecer da passagem que tanto me custou a estudar. Que música, que *trêmolo!* Grande Bériot!

FABIANA: Deixemo-nos agora de Berliós e tremidos, e ouça-me.

EDUARDO: Espere, espere; quero que aplauda e goze um momento do que é bom e sublime; assentem-se. (Obriga-as a sentarem-se e toca rabeca, tirando sons extravagantes, imitando o Trêmulo.)

FABIANA (levantando-se enquanto ele toca): E então? Peior, pior! Não deixará esta infernal rabeca? Deixe, homem! Ai, ai!

OLAIA (ao mesmo tempo): Eduardo, Eduardo, deixa-te agora disso. Não vês que a mamãe se aflige? Larga o arco. (Pega na mão do arco e forceja para arrancá-lo.)

FABIANA: Larga a rabeca! Larga a rabeca! (Pegando na rabeca e forcejando.)

EDUARDO (resistindo e tocando sempre entusiasmado): Deixem-me, deixem-me acabar, mulheres, que a inspiração me arrebatou... Ah... (Tocando com furo, dá com o braço do arco nos peitos de Olaia e, com o da rabeca, nos queixos de Fabiana, isto tocando com

furo.)

OLAIA: Ai, meu estômago!

FABIANA (ao mesmo tempo): Ai, meus queixos!

EDUARDO (tocando sempre com entusiasmo): Sublime! Sublime! Bravo! Bravo!

FABIANA (batendo com o pé, raivosa): Irra!

EDUARDO (deixando de tocar): Acabou-se. Agora pode falar.

FABIANA: Pois agora ouvirá, que estou cheia até aqui... Decididamente já não posso nem quero aturar.

OLAIA: Minha mãe!

EDUARDO: Não?

FABIANA: Não e não senhor. Há um ano que o senhor casou-se com minha filha e ainda estás às minhas costas. A carga já pesa! Em vez de gastar as horas tocando rabeca, procure um emprego, alugue uma casa e fora daqui com sua mulher! Já não posso com as intrigas e desavenças em que vivo, depois que moramos juntos. É um inferno! Procure casa, procure casa... Procure casa!

EDUARDO: Agora, deixe-me também falar... Recorda-se do que lhe dizia eu quando se tratou do meu casamento com sua filha?

OLAIA: Eduardo!...

EDUARDO: Não se recorda?

FABIANA: Não me recordo de nada... Procure casa. Procure casa!

EDUARDO: Sempre é bom que se recorde... Dizia eu que não podia casar-me por faltarem os meios de pôr casa e sustentar família. E o que respondeu-me a senhora a esta objeção?

FABIANA: Não sei.

EDUARDO: Pois eu lhe digo: respondeu-me que isso não fosse a dúvida, que em quanto à casa podíamos

ficar aqui morando juntos, e que aonde comiam duas pessoas, bem podiam comer quatro. Enfim, aplainou todas as dificuldades... Mas então queria a senhora pilhar-me para marido de sua filha... Tudo se facilitou; tratava-me nas palmas das mãos. Agora que me pilhou feito marido, grita: Procure casa! Procure casa! Mas eu agora é que não estou para aturá-la; não saio daqui. (Assenta-se com resolução numa cadeira e toca rabeça com raiva.)

FABIANA (indo para ele):

Desavergonhado! Malcriado!

OLAIA (no meio deles): Minha mãe!

FABIANA: Deixa-me arrancar os olhos a este traste!

OLAIA: Tenha prudência! Eduardo, vai-te embora.

EDUARDO (levanta-se enfurecido, bate o pé e grita): Irra! (Fabiana e Olaia recuam, espavoridas. Indo para Fabiana.) Bruxa! Vampiro! Sanguessuga da minha paciência! Ora, quem diabo havia dizer-me que esta velha se tornaria assim!

FABIANA: Velha, maroto? Venha!

OLAIA: Minhã mãe!...

EDUARDO: Antes de pilhar-me para marido da filha, eram tudo mimos e carinhos. (Arremedando.) Sr. Eduardinho, o senhor é muito bom moço... Há-de ser um excelente marido... Feliz daquela que o gozar... Ditosa mãe que o tiver por genro... Agora escouceia-me, e descompõe-me... Ah, mães, mães, espertalhonas! Que lamúrias para empurrarem as filhas! Estas mães são mesmo como umas ratoeiras... Dentro, bom toucinho, belo naco de queijo para engodo... E assim que o pilham, o pobre ratinho,

esfolam-no com água fervendo.

Ah, se eu te conhecesse!...

FABIANA: Se eu também te conhecesse. havia de dar-te um...

EDUARDO: Quer dançar a polca?

FABIANA (desesperada): Olhe que me perco...

OLAIA: Minha mãe...

EDUARDO (vai saindo, cantando e dançando a polca): Tra la la la, ri la ra ta... (Etc., etc.)

FABIANA (querendo ir contra ele e retirada por Olaia): Espera, maluco de uma figa...

OLAIA: Minha mãe, tranquilize-se, não faça caso.

FABIANA: Que te hei-de fazer dançar o *trêmolo* e a polca com os olhos fora da cara!

EDUARDO (chegando à porta pára): Olaia, vem voltar a música...

FABIANA (retendo-a): Não quero que vá lá...

EDUARDO (gritando): Vem voltar a música...

FABIANA: Não vai!

EDUARDO (gritando e acompanhando com a rabeça): Vem voltar a música!

FABIANA (empurrando a filha): Vai-te com o diabo!

EDUARDO: Vem comigo. (Sai com Olaia.)

CENA IV

(Fabiana, só.)

FABIANA: Oh, é preciso tomar uma resolução... Escreva-se. (Senta-se à mesa e escreve, ditando alto:) "Ilmo. Sr. Anselmo Gomes. Seu filho e sua filha são duas pessoas muito malcriadas. Se o senhor hoje mesmo não procura casa para que eles se mudem da minha, leva tudo a breca. Sua criada, Fabiana da Costa." (Falando.) Quero ver o que

ele responde-me a isto. Também este espertalhão do Sr. Anselmo, o que quis foi empurrar a filha e o filho de casa; e os mais que carreguem... Estou cansada; já não posso. Agora agüente ele. (Chamando.) João? (Saindo.) Onde diabos se meteu este meia-cara? Ó João, vai levar esta carta ao Sr. Anselmo.

CENA V

(Entra Nicolau vestido de hábito de irmão terceiro, seguido de um homem com uma trouxa embaixo do braço.)

NICOLAU (para o homem): Entre, entre... (Seguindo para porta da direita.)

FABIANA (voltando e retendo-o): Espere, tenho que lhe falar.

NICOLAU: Guarda isso para logo; agora tenho muita pressa. O senhor é o armador que vem vestir os nossos dois pequenos anjinhos para a procissão de hoje.

FABIANA: Isso tem tempo.

NICOLAU: Qual tempo! Eu já volto.

FABIANA (raivosa): Hás-de ouvir-me!

NICOLAU: O caso não vai de zangar... Ouvir-te-ei, já que gritas. Sr. Bernardo, tenha a bondade de esperar um momento. (Para Fabiana.) Vamos lá, o que queres? E em duas palavras, se for possível.

FABIANA: Em duas palavras? Aí vai: já não posso aturar meu genro e minha nora!

NICOLAU: Ora mulher, isso é cantiga velha.

FABIANA: Cantiga velha? Pois olhe: se não procura casa para eles neste dois dias, ponho-os pela porta afora.

NICOLAU: Pois eu tenho lá tempo de procurar casa?

FABIANA: Oh, também o senhor não tem

tempo para coisa alguma... Todos os seus negócios vão por água abaixo. Há quinze dias perdemos uma demanda por seu desleixo; sua casa é uma casa de Orates, filhos para uma banda, mulher para outra, tudo a brigar, tudo em confusão... E tudo em um inferno! E o que faz o senhor no meio de toda essa desordem? Só cuida da carolice...

NICOLAU: Faço muito bem, porque sirvo a Deus.

FABIANA: Meu caro, a carolice, como tu a praticas, é um excesso de devoção, assim como a hipocrisia o é de religião. E todo o excesso é um vício...

NICOLAU: Mulher, não blasfemes!

FABIANA: Julgas tu que nos atos exteriores é que está a religião? E que um homem, só por andar de hábito, há-de ser redimido de seus pecados?

NICOLAU: Cala-te...

FABIANA: E que Deus agradece ao homem que não cuida dos interesses de sua família e da educação de seus filhos, só para andar de tocha na mão?

NICOLAU: Nem mais uma palavra! Nem mais uma palavra!

FABIANA: É nossa obrigação, é nosso mais sagrado dever servir a Deus e contribuirmos para a pompa de seus mistérios, mas também é nosso dever, é nossa obrigação sermos bons pais de família, bons maridos, doutrinar os filhos no verdadeiro temor de Deus... É isto que tu fazes? Que cuidado tens da paz de tua família? Nenhum. Que educação dás a teus filhos? Leva-os à procissão feito anjinhos e contentas-te com isso. Sabem eles

o que é uma procissão e que papel vão representar? Vão como crianças; o que querem é o cartucho de amêndoas...

NICOLAU: Oh, estás com o diabo na língua! Arreda!

FABIANA: O sentimento religioso está na alma, e esse transpira nas menores ações da vida. Eu, com este meu vestido, posso ser mais religiosa do que tu com esse hábito.

NICOLAU (querendo tapar-lhe a boca): Cala-te, blasfema!... (Seguindo-a.)

FABIANA: O hábito não faz o monge. (Fugindo sempre dele, que a segue.) Ele é, muitas vezes, capa de espertalhões que querem iludir ao público; de hipócritas que se servem da religião como de um meio; de mandriões que querem fingir uma ocupação e de velhacos que comem das irmandades...

NICOLAU: Cala-te, que aí vem um raio sobre nós! Ousas dizer que somos velhacos?

FABIANA: Não falo de ti nem de todos; falo de alguns.

NICOLAU: Não quero mais ouvir-te, não quero! (Para o homem.) Venha, senhor. (Sai com o homem.)

FABIANA (seguindo-o): Agora, tomei-te eu à minha conta; hás-de ouvir-me até que te emendes!

CENA VI

(Entra Sabino, e a dita que está em cena. (Sabino é extremamente gago, o que o obriga a fazer contorções quando fala.)

SABINO (entrando): O que é isto, minha mãe?

FABIANA: Vem tu também cá, que temos que falar.

SABINO: O que aconteceu?

FABIANA: O que aconteceu? Não é

novo para ti... Desaforos dela...

SABINO: De Paulina?

FABIANA: Sim. Agora o que acontecerá é que eu te quero dizer. Tua bela mulher é uma desavergonhada!

SABINO: Sim senhora, é; mas minha mãe, às vezes, é que bolee com ela.

FABIANA: Eu? Ora, eis aí está! Ainda a defende contra mim!

SABINO: Não defendo; digo o que é.

FABIANA (arremedando-o): O que é... Gago de uma figa!

SABINO (furioso): Ga... ga... ga... ga... (Fica sufocado, sem poder falar.)

FABIANA: Ai, que arrebenta! Canta, canta, rapaz; fala cantando, que só assim te sairão as palavras.

SABINO (cantando no tom de moquirão): Se eu sou gago... se eu sou gago... Foi foi Deus que assim me fez... Eu não tenho culpa disso... para assim me descompor...

FABIANA: Quem te descompõe? Estou falando de tua mulher, que traz esta casa em uma desordem...

SABINO (no mesmo): Todos, todos, nesta casa... têm culpa, têm culpa nisso... Minha mãe quer só mandar... e Paulina tem mau gênio... Se Paulina, se Paulina... fosse fosse mais poupada... tantas brigas não havia... Viveriam mais tranquilas...

FABIANA: Mas ela é uma desavergonhada, que vem muito de propósito contrariar-me no governo da casa.

SABINO (no mesmo): Que ela, que ela é desaver... desavergonhada... eu bem sei, sei muito bem... e cá sinto, e cá sinto... mas em aten... em aten... em atenção a mim... minha mãe... minha mãe... dever... devia... devia ceder...

FABIANA: Ceder, eu? Quando ela não tem a menor atenção comigo? Hoje nem bons dias me deu.

SABINO (gago somente): Vou fazer com que ela venha... com que ela venha pedir perdão... e dizer-lhe que isto assim... que isto assim não me convém... E se ela, e se ela persistir... vai tudo raso... com com pancadaria...

FABIANA: Ainda bem que tomaste uma resolução.

CENA VII

(Nicolau e os ditos.)

NICOLAU: Ó senhora?

FABIANA: O que me quer?

NICOLAU: Oh, já chegaste, Sabino? As flores de cera para os tocheiros?

SABINO (gago): Ficaram prontas e já foram para a igreja.

NICOLAU: Muito bem; agora vai vestir o hábito, que são horas de sairmos. Vai, anda.

SABINO: Sim senhor. (Para Fabiana.) Vou ordenar que lhe venha pedir perdão e fazer as pazes. (Sai.)

CENA VIII

(Nicolau e Fabiana.)

NICOLAU: Os teus brincos de brilhantes e os teus adereços, para nossos filhos levarem? Quero que sejam os anjinhos mais ricos... Que inveja terão!

FABIANA: Homem, estão lá na gaveta. Tire tudo quanto quiser, mas deixe-me a paciência...

NICOLAU: Verás que anjinhos asseados e ricos! (Chamando:) Ó Eduardo? Eduardo? Meu genro?

EDUARDO (dentro): Que é lá?

NICOLAU: Olha que são horas. Veste-te depressa, que a procissão não tarda a sair.

EDUARDO (dentro): Sim, senhor.

FABIANA: Ainda a mania deste é inocente... Assim tratasse ele da

família.

NICOLAU: Verás, mulher, verás que guapos ficam nossos filhinhos... Tu não os irás ver passar?

FABIANA: Sai de casa quem a tem em paz. (Ouve-se dobrar os sinos.)

NICOLAU: É o primeiro sinal! (Gritando.) Sabino, anda depressa! Eduardo? Eduardo?

EDUARDO (dentro): Sim, senhor.

SABINO (dentro): Já vou, senhor.

NICOLAU: Já lá vai o primeiro sinal! Depressa, que já saiu... Sabino? Sabino? Anda, filho... (Correndo para dentro.) Ah, Sr. Bernardo, vista os pequenos... Ande, ande! Jesus, chegarei tarde! (Sai correndo.)

CENA IX

(Fabiana e depois Paulina.)

FABIANA (só): É o que se vê... Deus lhe dê um zelo mais esclarecido...

PAULINA (entrando e à parte): Bem me custa...

FABIANA (vendo-a e à parte): Oh, a desavergonhada de minha nora!

PAULINA (à parte): Em vez de conciliar-me, tenho vontade de dar-lhe uma descompostura.

FABIANA (à parte): Olhem aquilo! Não sei por que não a descomponho já!

PAULINA (à parte): Mas é preciso fazer a vontade a meu marido...

FABIANA (à parte): Se não fosse por amor da paz... (Alto.) Tem alguma coisa que dizer-me?

PAULINA (à parte): Maldita suçurana! (Alto.) Sim, senhora, e a rogos de meu marido é que aqui estou.

FABIANA: Ah, foram a rogos seus? E que lhe rogou ele?

PAULINA: Que era tempo de se acabarem essas desavenças em que andamos...

FABIANA: Mais que tempo...

PAULINA: E eu dei-lhe a minha palavra que faria todo o possível para de hoje em diante vivermos em paz... E principiaria por pedir-lhe perdão, como faço, dos agravos que de mim tem...

FABIANA: Quisera Deus que assim tivesse sido desde o princípio! E acredite, menina, que prezo muito a paz doméstica, e que minha maior satisfação é viver bem com vocês todos.

PAULINA: De hoje em diante espero que assim será. Não levantarei a voz nesta casa sem vosso consentimento. Não darei uma ordem sem vossa permissão... Enfim, serei uma filha obediente e submissa.

FABIANA: És uma boa rapariga... Tens um bocadinho de gênio; mas quem não tem?

PAULINA: Hei-de moderá-lo...

FABIANA: Olha, minha filha, e não tornes a culpa a mim. É impossível haver em uma casa mais de uma senhora. Havendo, é tudo uma confusão...

PAULINA: Tem razão. E quando acontece haver duas, toca à mais velha o governar.

FABIANA: Assim é.

PAULINA: A mais velha tem sempre mais experiência...

FABIANA: Que dúvida!

PAULINA: A mais velha sabe o que convém...

FABIANA: Decerto.

PAULINA: A mais velha conhece melhor as necessidades...

FABIANA (à parte): A mais velha!...

PAULINA (com intenção): A mais velha deve ter mais juízo...

FABIANA: A mais velha, a mais velha... Que modo de falar é esse?

PAULINA (com intenção): Digo que a mais velha...

FABIANA (desbaratando):

Desavergonhada! A mim, velha!...

PAULINA (com escárnio): Pois então?

FABIANA (desesperada): Salta daqui! Salta!

PAULINA: Não quero, não recebo ordens de ninguém.

FABIANA: Ai, ai, que estalo! Assim insultar-me, esse belisco!

PAULINA: Esta coruja!

FABIANA (no maior desespero): Sai, sai de o pé de mim, que minhas mãos já comem!

PAULINA: Não faço caso...

FABIANA: Atrevida, malcriada! Desarranjada! Peste! Mirrada! Estupor! Linguaruda! Insolente! Desavergonhada!

PAULINA (ao mesmo tempo): Velha, tartaruga, coruja, arca de Noé! Antigualha! Múmida! Centopéia! Pergaminho! Velhusca, velha, velha! (Fabiana e Paulina acabam gritando ao mesmo tempo, chegando-se uma para a outra; finalmente agarram-se. Nisto acode Sabino, em mangas de camisa, e com o hábito na mão.)

CENA X

(As ditas, Sabino, Olaia e Eduardo. Sabino entra, Eduardo e Olaia o seguem.)

SABINO (vendo Paulina agarrada com Fabiana): Que diabo é isto? (Puxa pela mulher.)

OLAIA (ao mesmo tempo): Minha mãe! (Puxando pela mãe.)

FABIANA (ao mesmo tempo): Deixa-me! Desavergonhada!

PAULINA (ao mesmo tempo): Larga-me! velha! Velha! (Sabino, não podendo arrancar a mulher de junto de Fabiana, lança-lhe o hábito pela

cabeça e a vai puxando, levando à força até a porta do seu quarto; e depois de a empurrar para dentro, fecha a porta à chave. Fabiana quer seguir Paulina.)

OLAIA (querendo reter a mãe): Minha mãe! Minha mãe!

EDUARDO (puxando Olaia pelo braço): Deixa-as lá brigar. Vem dar-me o hábito.

OLAIA: Deixe-me! Minha mãe!

EDUARDO: Vem dar-me o hábito!
(Arranca Olaia com violência de junto de Fabiana e a vai levando para dentro, e sai.)

FABIANA (vendo Sabino fechar Paulina no quarto e sair): É um inferno! É um inferno!

SABINO (seguindo-a): Minha mãe!
(Fabiana vai seguindo para dentro.)

NICOLAU (entrando): O que é isto?

FABIANA (passando por ele sem atender): É um inferno! É um inferno!

NICOLAU (seguindo-a): Senhora! (Saem ambos.)

CENA XI

(Sabino, só, e depois Paulina.)

SABINO: Isto assim não pode ser! Não me serve; já não posso com minha mulher!

PAULINA (entrando pela segunda porta, à esquerda): Onde está esta velha? (Sabino, vendo a mulher, corre para o quarto e fecha a porta.) Ah, corres? (Segue-o e esbarra-se na porta que ele fecha.) Deixa estar, que temos também que conversar... Pensam que há-de me levar assim? Enganaram-se. Por bons modos, tudo... Mas à força... Ah, será bonito quem o conseguir!

OLAIA (entra chorando): Vou contar a minha mãe!

PAULINA (vendo-a) : Psiu! Venha cá;

também temos contas que ajustar. (Olaia vai seguindo para a segunda porta à direita.) Fale quando se lhe fala, não seja malcriada!

OLAIA (junto à porta, voltando-se): Malcriada será ela... (Sai.)

PAULINA: Hem?

CENA XII

(Eduardo entra, de hábito, trazendo a rabeça na mão, e a dita.

EDUARDO (entrando): Paulina, que é de Olaia?

PAULINA: Lá vai para dentro choramingando, contar não sei o que à mãe.

EDUARDO: Paulina, minha irmã, este modo de viver que levamos já não me agrada.

PAULINA: Nem a mim.

EDUARDO: Nossa sogra é uma velha de todos os mil diabos. Leva desde pela manhã até à noite a gritar... O que me admira é que ainda não estourasse pelas goelas... Nosso sogro é um pacóvio, um banana, que não cuida senão em acompanhar procissões. Não lhe tirem a tocha da mão, que está satisfeitíssimo... Teu marido é um ga... ga... ga... ga... que, quando fala, faz-me arrelia, e sangue pisado. E o diabo que o ature, agora que deu-lhe em falar cantando... Minha mulher tem aqueles olhos que parecem fonte perene... Por dá cá aquela palha, aí vêm as lágrimas aos punhos. E logo atrás: *Vou contar à minha mãe...* E no meio de toda esta matinada não tenho tempo de estudar um só instante que seja, tranqüilamente, a minha rabeça. E tu fazes sofrivelmente teu pé de cantiga na algazarra desta casa.

PAULINA: E tu, não? Pois olha esta tua infernal rabeca!

EDUARDO: Infernal rabeca! Paulina, não fales mal da minha rabeca; senão perco-te o amor de irmão. Infernal! Sabes tu o que dizes? O rei dos instrumentos, infernal!

PAULINA (rindo-se): A rabeca deve ser rainha...

EDUARDO: Rei e rainha, tudo. Ah, desde a noite em que pela primeira vez ouvi no Teatro de S. Pedro de Alcântara os seus harmoniosos, fantásticos, salpicados e repenicados sons, senti-me outro. Conheci que eu tinha vindo ao mundo para artista rabequista. Comprei uma rabeca - esta que aqui vês. Disse-me o belchior que a vendeu, que foi de Paganini. Estudei, estudei... Estudo, estudo...

PAULINA: E nós o pagamos.

EDUARDO: Oh, mais tenho feito progressos estupendíssimos! Já toco o *Trêmolo* de Bériot... Estou agora compondo um tremulório e tenho ainda em vista compor um tremendíssimo *trêmolo*.

PAULINA: O que aí vai!...

EDUARDO: Verás, hei-de ser insigne! Viajarei por toda a Europa, África e Ásia; tocarei diante de todos os soberanos e figurões da época, e quando de lá voltar trarei este peito coberto de grã-cruzes, comendas, hábitos, etc., etc. Oh, por lá é que se recompensa o verdadeiro mérito... Aqui, julgam que fazem tudo pagando com dinheiro. Dinheiro! Ah, quem faz caso de dinheiro?

PAULINA: Todos. E para ganhá-lo é que os artistas cá vêm.

EDUARDO: Paulina, o artista quando vem ao Brasil, digo, quando se digna vir

ao Brasil, é por compaixão que tem do estado de embrutecimento em que vivemos, e não por um cálculo vil e interesseiro. Se lhe pagam, recebe, e faz muito bem; são princípios da arte...

PAULINA: E depois das algibeiras cheias, safam-se para as suas terras, e, comendo o dinheiro que ganharam no Brasil, falam mal dele e de seus filhos.

EDUARDO: Também isso são princípios de arte...

PAULINA: Qual arte?

EDUARDO: A do Padre Antônio Vieira... Sabes quem foi esse?

PAULINA: Não.

EDUARDO: Foi um grande mestre de rabeca... Mas aí, que estou a parolar contigo, deixando a trovoada engrossar. Minha mulher está lá dentro com a mãe, e os mexericos fervem... Não tarda muito que as veja em cima de mim. Só tu podes desviar a tempestade e dar-me tempo para acabar de compor o meu tremulório.

PAULINA: E como?

EDUARDO: Vai lá dentro e vê se persuade a minha mulher que não se queixe à mãe.

PAULINA: Minha cunhada não me ouve, e...

EDUARDO (empurrando-a): Ouvir-te-á, ouvir-te-á, ouvir-te-á. Anda, minha irmãzinha, faz-me este favor.

PAULINA: Vou fazer um sacrifício, e não...

EDUARDO (empurrando-a): E eu te agradecerei. Vai, vai... (Paulina sai.)

CENA XIII

EDUARDO (só): Muito bem! Agora que o meu parlamentar vai assinar o tratado de paz, assentemo-nos e estudemos um pouco. (Assenta-se.)

O homem do verdadeiro talento não deve ser imitador; a imitação mata a originalidade e nessa é que está a transcendência e especialidade do indivíduo. Bériot, Paganini, Bassini e Charlatinini muito inventaram, foram homens especiais e únicos na sua individualidade. Eu também quis inventar, quis ser único, quis ser apontado a dedo... Uns tocam com o arco... Isto veio dos primeiros inventores; outros tocam com as costas do arco... ou com uma varinha... Este imita o canto dos passarinhos... zurra como burro... e repinica cordas... Aquele toca abaixo do cavalete, toca em cima no braço... e saca-lhe sons tão tristes e lamentosos capazes de fazer chorar um bacalhau... Estoutro arrebenta três cordas e toca só com uma, e creio mesmo que será capaz de arrebentar as quatro e tocar em seco... Inimitável instrumentinho, por quantas modificações e glórias não tens passado? Tudo se tem feito de ti, tudo. Tudo? (Levantando-se entusiasmado.) Tudo não; a arte não tem limites para o homem de talento criador... Ou eu havia de inventar um meio novo, novíssimo de tocar rabeca, ou havia de morrer... Que dias passei sem comer e beber; que noites sem dormir! Depois de muito pensar e cismar, lembrei-me de tocar nas costas da rabeca... Tempo perdido, não se ouvia nada. Quase enlouqueci. Pus-me de novo a pensar... Pensei... cismeï... parafusei... parafusei... pensei... pensei... Dias, semanas e meses... Mas enfim, ah, idéia luminosa

penetrou este cansado cérebro e então reputei-me inventor original, como o mais pintado! Que digo? Mais do que qualquer deles... Até agora esses aprendizes de rabeca desde Saëns até Paganini, coitados, têm inventado somente modificações do modo primitivo: arco para aqui ou para ali... Eu, não, inventei um modo novo, estupendo e desusado: êles tocam rabeca com o arco, e eu toco a rabeca no arco - eis a minha descoberta! (Toma o arco na mão esquerda, pondo-o na posição de rabeca; pega nesta com a direita e a corre sobre o arco.) É esta a invenção que há de cobrir-me de glória e nomeada e levar meu nome à imortalidade... Ditoso Eduardo! Grande homem! Insigne artista!

CENA XIV

(Fabiana e Eduardo.)

FABIANA (entrando e falando para dentro): Verás como o ensaio! (Voltando-se e vendo Eduardo.) Oh, muito estimo encontrá-lo.

EDUARDO: Ai, que não me deixam estudar!

FABIANA: Pois você, só mandrião, rabequista das dúzias, tem o atrevimento de insultar e espancar minha...

EDUARDO: Então acha a senhora que uma arcada nos dedos é espancar?

FABIANA: E por que deu-lhe o senhor com o arco nos dedos?

EDUARDO: Porque não voltou a música a tempo, fazendo-me assim perder dois compassos... dois compassos de Bériot!

FABIANA: Pois se os perdeu, anunciasse

pelos jornais e promettesse alvissaras, que eu havia dá-las, mas havia de ser a quem te achasse o juízo, cabeça de avelã! Ora, que estafermo este! Não me dirão para que serve semelhante figura? Ah, se eu fosse homem havia de tocar com esse arco, mas havia ser no espinhaço; e essa rabeca havia de afazer em estilhas nessa cabeça desmiolada... Não arregale os olhos, que não me mete medo.

EDUARDO (enquanto Fabiana fala, vai-se chegando para junto dela e lhe diz na cara, com força): Velha! (Volta, quer entrar no seu quarto.)

FABIANA: Mariola! (Segura-lhe no hábito. Eduardo dá com o arco nos dedos de Fabiana. Vai-se Fabiana, largando o hábito.) Ai, que me quebrou os dedos! (Eduardo sai.)

CENA XV

(Entra Olaia e logo após Paulina.)

OLAIA (entrando): Falta de educação será ela! (Encaminhando-se para o quarto.)

PAULINA (entrando): Cala-me o bico!

OLAIA: Bico terá ela, malcriada!

FABIANA: O que é isto? (Olaia entra no quarto sem dar atenção à mãe.)

PAULINA: Deixa estar, minha santinha de pau oco, que te hei-de dar educação, já que tua mãe não te deu... (Entra no seu quarto.)

FABIANA: Psiu, como é isso?... (Vendo Paulina entrar no quarto.) Ah! (Chama.) Sabino! Sabino! Sabino!

CENA XVI

(Sabino, vestido de hábito, e Fabiana.)

SABINO (entrando): O que temos, minha mãe?

FABIANA: Tu és homem?

SABINO: Sim, senhora, e prezo-me disso.

FABIANA: Que farias tu a quem insultasse tua mãe e espancasse tua irmã?

SABINO: Eu? Dava-lhe quatro canelões.

FABIANA: Só quatro?

SABINO: Darei mais, se for preciso.

FABIANA: Está bem, em tua mulher basta que só dês quatro.

SABINO: Em minha mulher? Eu não dou em mulheres...

FABIANA: Pois, então vai dar em teu cunhado, que espancou a tua mãe e a tua irmã.

SABINO: Espancou-as?

FABIANA: Vê como tenho os dedos roxos, e ela também.

SABINO: Oh, há muito tempo que tenho vontade de lhe ir ao pêlo, cá por muitas razões... Chegou o dia...

FABIANA: Assim, meu filhinho da minha alma; dá-lhe uma boa sova! Ensina-lhe a ser bem-criado.

SABINO: Deixe-o comigo.

FABIANA: Quebra-lhe a rabeca nos queixos.

SABINO: Verá.

FABIANA: Anda, chama-o cá para esta sala, lá dentro o quarto é pequeno e quebraria os trastes, que não são dele... Rijo, que eu vou para dentro atiçar também teu pai... (Encaminha-se para o fundo, apressada.)

SABINO (pricipia a despir o hábito): Eu o ensinarei...

FABIANA (da porta): Não te esqueças de lhe quebrar a rabeca nos queixos... (Sai.)

CENA XVII

SABINO (só, continuando a tirar o hábito): Já é tempo; não posso aturar este meu cunhado! Dá conselhos à minha mulher; ri-se quando eu falo; maltrata minha mãe... Pagará tudo por junto...

(Arregaçando as mangas da camisa.) Tratante! (Chegando à porta do quarto de Eduardo.)
Senhor meu cunhado?

EDUARDO (dentro): Que é lá?

SABINO: Faça o favor de vir cá fora.

CENA XVIII

(Eduardo e Sabino.)

EDUARDO (da porta): O que temos?

SABINO: Temos que conversar.

EDUARDO (arremedando-o): Não sabe quanto estimo...

SABINO (muito gago e zangado): O senhor arremeda-me!

EDUARDO (no mesmo): Não sou capaz...

SABINO (tão raivoso que se sufoca): Eu... eu... eu... eu...

EDUARDO (falando direito): Não se engasgue, dê cá o carço...

SABINO (fica tão sufocado, que para exprimir-se rompe a fala no tom da polca): Eu já... eu já não posso... por mais tempo me conter... hoje mesmo... hoje mesmo... leva tudo o diabo...

EDUARDO (desata a rir): Ah, ah, ah!

SABINO: Pode rir-se, pode rir-se... sô patife, hei-de ensiná-lo...

EDUARDO (cantando como Sabino): Há de ensinar-me... mas há-de ser... mas há-de ser a polca... (Dança.)

SABINO: Maroto! Lança-se sobre Eduardo, e atacam-se, gritando ambos: Patife! Diabo! Gago! Eu te ensinarei! (Etc., etc.)

CENA XIX

(Olaia e Paulina.)

PAULINA (entrando): Que bulha é essa? Ah!

OLAIA (entrando): O que é... Ah! (Paulina e Olaia vão apartar os dois que brigam.)

OLAIA: Eduardo! Eduardo! Meu irmão!

Sabino! (Etc.)

PAULINA: Sabino! Sabino! Meu irmão! Eduardo! (Eduardo e Sabino continuam a brigar e descompõem-se. Paulina, para Olaia.) Tu é que tens a culpa!

OLAIA (para Paulina): Tu é que tens!

PAULINA (o mesmo): Cala esse bico!

OLAIA (o mesmo): Não seja tola!

PAULINA (o mesmo): Mirrada!

OLAIA (o mesmo): Tísica! (Paulina e Olaia atiram-se uma à outra e brigam à direita. Eduardo e Sabino, sempre brigando à esquerda.)

CENA XX

(Entra Fabiana.)

FABIANA: Que bulha é esta? Ah! (Corre para junto das moças.) Então, o que é isto? Meninas! Meninas! (Procura apartá-las.)

CENA XXI

(Entra Nicolau apressado, trazendo pela mão dois meninos vestidos de anjinhos.)

NICOLAU: O que é isto? Ah, a brigarem! (Larga os dois meninos e corre para Eduardo e Sabino.) Sabino! Eduardo! Então?... Então rapazes?...

FABIANA (indo para Nicolau): Isto são obras tuas! (Puxando-lhe pelo hábito.) Volta-te para cá; tu é que tens culpa...

NICOLAU: Deixa-me! Sabino!

FABIANA: Volta-te para cá... (Nicolau dá com o pé para trás, e alcança-a.) Burro!... (Agarra-lhe nas goelas, o que o obriga a voltar-se e atacam-se.)

OS DOIS ANJINHOS: Mamãe! Mamãe! (Agarram-se ambos a Fabiana; um deles empurra o outro, que deve cair, levanta-se e atraca-se com o que empurra, e deste modo Fabiana, Nicolau, Sabino, Eduardo,

Olaia, Paulina, 1º, 2º Anjinhos, todos brigam e fazem grande algazarra.)

CENA XXII

(Anselmo e os ditos, brigando.)

ANSELMO(entrando): O que é isto? O que é isto? (Todos, vendo Anselmo, apartam-se.)

FABIANA: Oh, é o senhor? Muito estimo...

PAULINA e **EDUARDO**: Meu pai!

ANSELMO: Todos a brigarem!... (Todos se dirigem a Anselmo, querendo tomar a dianteira para falarem; cada um puxa para seu lado a reclamarem serem atendidos; falam todos ao mesmo tempo. Grande confusão, etc.)

FABIANA (ao mesmo tempo): Muito estimo que viesse, devia ver com seus próprios olhos o desaforo de seus filhos... Fazem desta casa um inferno! Eu já não posso; leve-os, são dois demônios, desavergonhados. Já não posso!

NICOLAU (ao mesmo tempo): Sabe que mais? Carregue seus filhos daqui para fora; não me deixam servir a Deus... Isto é uma casa de Orates... Carregue-os, carregue-os, senão fazem-me perder a alma... Nem mais um instante...

SABINO (falando ao mesmo tempo no tom do miudinho): Se continuo a viver assim junto, faço uma morte. Ou o senhor, que é meu sogro, ou meu pai, dêem-me dinheiro... dinheiro ou casa, ou leva tudo o diabo... o diabo...

PAULINA (ao mesmo tempo): Meu pai, já não posso; tire-me deste inferno, senão, morro! Isto não é viver... Minha sogra, meu marido, minha cunhada maltratam-me... Meu pai, leve-me, leve-me daqui...

EDUARDO: Meu pai, não fico aqui nem

mais um momento. Não me deixam estudar a minha rabeca... É uma bulha infernal, uma rixa desde pela manhã até a noite; nem um instante eu tenho para tocar...

OLAIA: Senhor, se isto assim continua, fujo de casa... Abandono marido, tudo, tudo... Antes quero viver só do meu trabalho, do que assim. Não posso, não posso, não quero... Nem mais um instante... É um tormento... (Enquanto estes falam ao mesmo tempo, os dois Anjinhos choram a pranto desfeito.)

ANSELMO: Com mil diabos, assim não entendo nada!

FABIANA: Digo-lhe que...

NICOLAU: Perderei a alma...

SABINO: Se eu não...

EDUARDO: Nada estudo...

PAULINA: Meu pai, se...

OLAIA: Nesta casa... (Todos gritam ao mesmo tempo.)

ANSELMO (batendo o pé): Irra, deixem-me falar!

FABIANA: Pois fale...

ANSELMO: Senhora, recebi a vossa carta e sei qual a causa das contendas e brigas em que todos viveis. Andamos muito mal, a experiência o tem mostrado, em casarmos nossos filhos e não lhes darmos casa para morarem. Mas ainda estamos em tempo de remediar o mal... Meu filho, aqui está a chave de uma casa que para ti aluguei. (Dá-lhe uma chave.)

EDUARDO (tomando a chave): Obrigado. Só assim poderei estudar tranqüilo e compor o tremendíssimo...

ANSELMO: Filha, dá esta outra chave a teu marido. É a da tua nova casa...

PAULINA (tomando-a): Mil graças, meu pai. (Dá a chave a Sabino.)

FABIANA: Agora, sim...

ANSELMO: Estou certo que em bem pouco tempo verei reinar entre vós todos a maior harmonia e que visitando-vos mutuamente e...

TODOS (uns para os outros): A minha casa está às vossas ordens.

Quando quiser...

ANSELMO: Muito bem. (Para o público.)
E vós, senhores, que presenciastes estas desavenças domésticas, recordai-vos sempre que...

TODOS: Quem casa, quer casa. (Cai o pano.)

F I M

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,

livres de pagamento de direitos autorais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação das personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 2333, 9º andar
Cep.: 01301-980 - São Paulo - SP**



IMPrensa OFICIAL
DO ESTADO S. A. IMESP
SÃO PAULO - BRASIL
1996